

AS
IDÉAS LIBERAES,
ULTIMO REFUGIO
DOS INIMIGOS
DA
RELIGIÃO E DO THRONO.

Obra traduzida da Lingua Italiana, da segunda edição feita em Florença em 1817, e destinada á instrucção da Mocidade Portugueza,

POR
JOAQUIM JOSÉ PEDRO LOPES.



L I S B O A:
NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1819.
De Bento L. de Magalhães Corr. Gm.
Com licença.

INDIAS TERREIRES

ULTIMO REFUGIO

DOS INIMIGOS

DA

RELIGIAO E DO THRONO.

Esta traducção da lingua Italiana, da se-
gunda edição feita em Florença em 1815,
é dedicada á instituição da liberdade
Portuguesa.

por

JOAQUIM JOSE PEDRO LOPES.



LISBOA:

Na Typographia Regia. Anno 1816.

Com licença.

PREFACÃO DO TRADUCTOR.

Assim como tem havido grande cuidado nos falsos Filosofos do Seculo em disseminarem entre a incauta Mocidade as máximas , e principios oppostos á boa ordem civil, e ao culto da Religião , conspirando todos elles para a propagação de seus erros por todos os meios possiveis, tambem não tem faltado homens de saber e constancia, que arrostem, como valentes campieões , contra esses fataes inimigos do Altar e do Throno, vencendo e anniquilando seus sofismas, e formando hum dique incontrastavel á torrente devastadora, que, com o nome de Idéas e Instituições liberaes, se diffundio nos ultimos tempos na Europa; Idéas apregoadas pelos seus sequazes como as mais sãs e as mais uteis aos Governos e aos Povos; mas que infelizmente a experiencia tem mostrado serem as mais ruinosas a estes, e as mais tremendas áquelles;

cavando a huns e outros hum abysmo de desgraças. Como este mal tem subtilmente grassado por toda a parte, não deixão os dominios da Coroa de Portugal de ter sentido algum tanto os seus effeitos, se bem que menos que os outros Estados Europeos : ao ouvirmos os discursos de alguns sujeitos, e ao vermos o procedimento de outros, facilmente se descobrem os symptomas da gangrena moral de que estão inficionados seus corações; e o homem observador, ao passo que penetra a hypocrisia de muitos dos sequazes das falsas doutrinas, se admira da audacia de outros, que as ensinão, e põem por obra ás bandeiras despregadas. A fatal indifferença que se nota em tudo, d'onde procede? He indifferente o Negociante sobre o modo de enriquecer, seja ganhando licitamente, seja roubando, huma vez que a Religião para elle he hum mero nome. He indifferente o Magistrado sobre dar sentença justa ou injusta, huma vez que não teme hum Deos que o ha de julgar. He indifferente o Ecclesiastico sobre a modestia, e sobre o digno desempenho do seu character, huma vez que considera a Religião como unico meio de ganhar

a vida: e assim o Militar, o Artista, o Nobre, e o Plebeo, seja qual for a sua classe. Hum homem indifferente no que toca á Religião, por força o ha de tambem ser no que toca ao bem do Estado, e nunca tem zelo por cousa alguma que lhe não traga proveito. Eis-aqui o estado em que a falsa Filosofia quer constituir o homem, o que infelizmente em grande parte ha conseguido; buscando sobre tudo imprimir as suas chamadas Idéas liberaes, que a esse fim conduzem, nos tenros corações da Mocidade. Como hum bom antidoto contra este veneno, tomei o trabalho de traduzir e publicar a presente Obra, tendo em vista a Mocidade, que passa das Aulas, ou da casa paterna ao commercio do Mundo, para que prevenida evite os laços que nelle a esperão. He hum erro nos Pais e nos Mestres occultar aos mancebos os perigos, e o conhecimento, com a devida refutação, das doutrinas perniciosas: como podem evitar-se os males que se não conhecem, e os sofismas revestidos de illusoria e apparente verdade? He regra muito mais segura conhecer previamente o mal, e o modo de o evitar. Fação pois os Pais e os Mestres

ler esta , e outras obras de igual natureza , aos mancebos , para que em seus corações se arreiguem as maximas sãs , e conducentes á sua felicidade nesta vida e na futura , e para que estejam armados contra as ciladas da falsa Filosofia.

Procurei nesta , assim como nas mais Obras que , para utilidade publica , tenho publicado , explicar-me em huma linguagem clara e verdadeiramente Portuguesa , não vestida á antiga , nem remendada com termos estranhos , (pois que as palavras , *Finanças* , *Conducta* , *Club* , e outras desta natureza de que algumas vezes uso , já estão naturalizadas , não só em bons escritos , mas em Diplomas Regios), fazendo assim que não seja menos digna por este lado a sua leitura. Praza ao Ceo que este meu trabalho seja agradavel e util aos Portuguezes , como espero.

AS
IDÉAS LIBERAES.

INTRODUÇÃO.

O Mundo se enganou summamente quando, ao ver no anno de 1804 crescer-se em França a Democracia, se persuadio que cessára finalmente a Revolução; pouco porém tardou que não conhecesse o seu engano. Bem depressa percebeo a Nação Franceza que, procurando livrar-se dos horrores da anarquia, se tinha submettido ao jugo do mais pezado despotismo, que jámais affligio o genero humano; e até mesmo os diversos Potentados da Europa quasi subitamente reconhecerão que a nova exaltação do Chefe do Povo Francez, bem longe de os consolidar nos seus thronos, como se havião lizonjeado, não fizera mais que mudar a forma da sua

oppressão. O Governo Monarquico se tinha de novo introduzido em França ; mas os seus passos erão bem diversos dos do Governo, que tinha subsistido naquella Nação antes do anno de 1789 ; e era difficil que não acontecesse assim , pois que tanto o novo Monarca , como os que o cercavão e formavão a sua Corte e os seus Conselhos , todos erão filhos da Revolução. O primeiro , tendo principiado a sua carreira politica entre o sangue e a mortandade , continuou tambem no throno a respirar sómente mortandade e sangue : e os outros , tendo saboreado a doçura do commando e da rapina durante a democracia , nada mudárão do seu habito por terem deixado os esquálidos despojos do Jacobinismo , e por se verem d'improviso condecorados com Ordens e com Titulos. Toda a época do passado Governo Imperial , assim como a das novas Monarquias que á sua sombra , á maneira de representações ou scenas de theatro , se tinham visto surgir em diversas partes da Europa , se devem por tanto com justa razão considerar como hum proseguimento da Revolução , e esta não cessou propriamente senão com os portentosos aconteci-

mentos dos annos de 1814 e 1815 , os quaes , tanto em França , como no resto da Europa , reconduzirão e sentárão nos seus thronos os respectivos antigos legitimos Soberanos.

Se porém ao presente estão derrubados todos estes monstruosos Governos , continuão desgraçadamente a reinar no animo de muitos homens as horriveis e erroneas maximas , que derão origem á Revolução , sobre que elles se fundavão. Todos aquelles que nascêrão depois do anno de 1789 , ou que nessa época , por sua tenridade , ainda não tinham idéa alguma fixa , continuão a estar em grande parte apegados aos depravados principios dos direitos originarios dos homens , e da soberania do Povo , que bebêrão com a educação. A adhesão aos mesmos principios deve ser ainda mais forte naquella caterva immensa de pessoas , que , tendo exercido empregos civis e militares , ou nas extinctas Democracias , ou nas novas Monarquias produzidas pela Revolução , provárão a doçura destas duas especies de Governo , tão pródigas para com os seus sequazes. Estas duas classes de pessoas , assim como os libertinos e os incrédulos , tem

grande interesse em propagar as ditas maximas erroneas , pois que só por meio da sua propagação se podem lizonjear de ver resurgir os sobreditos Governos revolucionarios , aos quaes por avareza , por ambição , por immoralidade tanto estavam afferradas : e huma indubitavel prova d'isto he o transporte , que hoje se manifesta em se fallando nas chamadas *Idéas e Instituições liberaes*.

Este vocabulo , considerado em si mesmo , he totalmente destituido de sentido , pois não apresenta idéa alguma determinada ; mas tem hum sentido muito grande , e assaz funesto no espirito daquelles , que com tanta frequencia o empregão nos seus discursos e nas suas obras impressas. Debaixo desta denominação de *Idéas e Instituições liberaes*, entendem elles a maior parte das maximas que derão origem á Revolução Franceza , e que por espaço de mais de vinte annos enchêrão o Mundo de horrores e carnificinas ; e principalmente se apresentam caracterizados com esta mesma denominação os seguintes principios , a saber : o Governo Constitucional , ou a Representação Nacional ; os pretendidos Delictos de Opinião ; a To-

lerancia indefinita em materia de Religião; a Lei immoral do Divorcio; a Liberdade indefinita da Imprensa.

A todos he com effeito notorio quantos fautores estas erroneas maximas achárão em Hespanha, quando na Primavera de 1814 ella tornou a submeter-se ao seu antigo legitimo Soberano. Erão em tão grande numero, que chegarão a formar huma especie de seita, que então, e agora mesmo se conhece pelo nome de *Liberaes*. Todos aquelles que compunhão as *Cortes*, e que tinham com tanta gloria contribuido para livrar o Reino do jugo estrangeiro que se lhe queria impôr, apenas virão coroados os seus nobres esforços, logo, por huma contradicção daquellas que tão familiares são aos homens, pretendêrão que o restabelecido Monarca houvesse de modelar o seu novo Governo pelas mesmas maximas, e principalmente pela primeira, concernente ao Governo Constitucional, não vendo ao menos que, se elle fosse tão frouxo, ou tão pouco previsto, que annuisse ás suas representações, bem depressa se acharia a Nação envolvida nos inconvenientes e nos desastres, para evitar os quaes, com

admiração de toda a Europa , tinha combatido pelo espaço de seis completos annos.

O mesmo apêgo ás pretendidas Idéas liberaes se vio em França , e justamente na mesma época. Todos olhavam a Representação Nacional como o unico Palladio da Nação , tendo-se esquecido de que , tanto durante a Democracia , como sob o Governo Imperial, não havia esta mesma Representação Nacional produzido bom effeito algum. A liberdade da Imprensa era outro objecto que interessava toda a Nação , sem reflectir que a essa liberdade era devedora da contagiação das maximas que tinham produzido a Revolução. E pelo que toca á Tolerancia indefinita em materia de Religião , ou aliàs á indifferença total de todos os Cultos , continuava esta erronea doutrina a ter então em França tantos sequazes , que humas das cousas que entre humas grande porção daquelles habitantes mais desagradava na pessoa de Luiz XVIII., era a sua exactidão no diario exercicio dos deveres religiosos, e das practicas de piedade.

Tambem se tem igualmente manifestado , e de não equivoco modo , a

adhesão ás pretendidas Idéas liberaes em alguns dos outros Estados , que com a quéda de Napoleão tiverão a fortuna de verem restabelecidos os seus antigos Governos legitimos. Em hum desses Estados foi tão grande o enthusiasmo pelas ditas máximas erroneas , e sobretudo pela primeira , que ao dirigirem-se os Deputados da Nação a felicitarem o novo Soberano restabelecido , chegarão ao ponto de lhe pedirem o estabelecimento do Governo Constitucional , ou da Representação Nacional, apezar de não ter alli jámais existido d'antes tal especie de Governo.

Outra prova da grandissima propagação actual dos erroneos principios, que se pretendem adornar com este especioso nome de Idéas liberaes, he que Buonaparte invocou tambem este nome , quando no mez de Março do anno de 1815 poz os pés em França. A' sua chegada á Capital , todos os facciosos envelhecidos nas turbulencias da Revolução , ou nos occultos meneios do Despotismo , se apresentárão em torno d'elle. Bem via elle que com tal cortejo não podia illudir a parte sã da Nação ; porém sabía que o nome de Idéas liberaes

tinha então geral acceitação na Europa : no mesmo acto por tanto em que estava resoluta, e, por assim dizer, obrigado a introduzir hum despotismo mais pezado que aquelle, a que se entregára antes da sua quêda, proclamou que o seu novo Governo havia de ser o reinado das Idéas liberaes.

Os vocabulos que não se podem definir, e que não tem huma significação exacta, inflammão por sua ligeireza o animo do povo, e auxilião admiravelmente o genio das Revoluções. Para precaver por tanto que os Governos, que nestes ultimos tempos fizeram a infelicidade da Europa, não tornem a pullular em prejuizo do genero humano, releva derrubar a arvore arrancando-a pela raiz. He necessario rasgar o véo, com que debaixo do insignificante, mas fascinador nome de Idéas e Instituições liberaes, se procura cobrir aos olhos dos simples a natural deformidade das máximas, que derão lugar aos sobreditos monstruosos Governos. He necessario mostrar que estas mesmas máximas não se poderião propagar geralmente em nação alguma, sem que nella se vissem renovados os horrores, em

que desgraçadamente se vio envolta a França depois do anno de 1789. E este he justamente o alvo do livro que offereço agora ao publico.

Não me lizonjeio certamente de que em virtude d'elle se convertão os sequazes das pretendidas Idéas liberaes. David Hume reflectia muito bem, nos seus Ensaios, que não ha elequencia, que possa convencer aquelles que não querem deixar-se persuadir; e neste caso exactamente se achão as pessoas de que fallo. Afferradas, como atraz disse, por ambição, por interesse, por immoralidade aos derrubados Governos novos, tão desastrados, não tem outra esperanza de os verem resurgir senão diffundindo e generalizando, por assim dizer, a contagiação dos principios, que forão a principal causa das revoluções politicas, de que se vio agitada desde 1789 grande parte da Europa. Para esse effeito, como a ultimo refugio, recorrem ás Idéas liberaes, procurando reproduzir debaixo deste nome aquelle mesmo systema, que pelas suas funestas consequencias tão odioso se tinha tornado a todos os homens de probidade. Ora, emmudecer, e frustrar estes Apostolos da re-

bellião e da impiedade , não pode ser obra dos Escretores , mas sim dos Magistrados. O favor em que depois do meado do seculo passado entrou a Economia Politica , que veio a ser a Sciencia da moda , fez que o cuidado principal dos Governos se dirigisse a procurar habéis Ministros de Fazenda e Commercio , não escrupulizando muito na escolha dos outros , e sobretudo daquelles que erão encarregados da segurança publica , ou quando muito exigindo que nestes houvesse méramente a honra. Esta bastava com effeito algum dia ; pois que os delictos não dizião respeito de ordinario senão ás pessoas particulares , passando seculos primeiro que se ouvisse fallar de hum attentado contra a authoridade do Governo , e segurança do Estado. Porém as cousas estão de todo agora mudadas. O louvavel modo de pensar antigo sobre o respeito e submissão , que se deve aos Reinantes , está presentemente muito alterado em grandissimo numero de individuos.

Se bem com tudo eu me não lizonjeie de fazer desenganar aquelles , que se achão afferrados aos principios turbulentos e irreligiosos da Revolução ,

que ao presente procurão cohonestar com a especiosa denominação de Idéas e Instituições liberaes , nem por isso perderei o animo , nem julgarei ter trabalhado em vão. Se esta minha obrinha não fôr favoravelmente acolhida pelas pessoas prevenidas a favor das indicadas maximas , poderá prometter-se huma sorte mais feliz nas mãos da tenra mocidade que ainda não entrou no theatro do Mundo. Para eu alcançar a sua approvação , não preciso desejar senão que lhe chegue ás mãos este meu livro. A linguagem simples e clara da verdade , que nelle reluz , se fará sem duvida sentir com toda a sua força desta classe de leitores sinceramente dados á instrucção , e totalmente afastados das preoccupações e das paixões , que entre as pessoas provectoras ordinariamente retardão os seus progressos. Deste modo a mocidade , firmemente persuadida da enormidade e da funesta influencia das máximas que tem produzido tantos males , quando das aulas passar ao commercio do Mundo , resistirá fortemente ás insinuações daquelles que as patrocinaõ. Quando por fim estas máximas cessarem de existir , e a sociedade se achar

composta de huma nova geração mais virtuosa, e mais bem instruída, então triunfará inteiramente do erro a verdade, e eu terei plenamente alcançado o meu intento.

CAPITULO I.

De huma preocupação que tem contribuido muito para accreditar as maximas erroneas e perniciosas do moderno Filosofismo. Os fautores das idéas liberaes, a fim de espalharem com maior segurança os mesmos erros, procurão insinuar novamente a mesma preocupação.

As Idéas liberaes, segundo os seus fautores, não são mais que o resultado dos progressos da civilização e das luzes; de modo que aquelles que não as adoptão, são a seus olhos considerados como totalmente estranhos a este novo estado de civilização e de cultura.

Quando pelo meado do Seculo passado os Filosofos principiárão a diffundir os mesmos erroneos principios, servirão-se do mesmo artificio para os acreditarem. Fizerão os maiores elogios do novo genero de sapiencia, de que se gloriavão de ser invento-

res , ao qual imprudentemente derão o nome de Filosofia. Não se fartavam de exaltar até as estrellas o Seculo decimo oitavo , porque tinha tido a jactancia de levar a razão a tão alto gráo de elevação , denominando-o por antonomasia o Seculo Illuminado , o Seculo da Filosofia ; e teve com effeito em demasia todo o seu exito este artificio. As pessoas superficiaes , frivolas , e dissipadas , que vivião no bolicio do Mundo , e que ambicionavão nelle figurar , aspirárão todas a se mostrarem iniciadas neste novo genero de saber , que vião alçado a tanta honra , e o conseguirão com pouco trabalho ; bastava que mostrassem desprezo de todas as maximas e de todas as instituições , que nos passados tempos se havião sempre venerado como fundamento da boa ordem e do bem da sociedade.

Para que este mesmo artificio não produza tambem a mesma funesta illusão no Seculo decimo nono , he acertado primeiro que tudo demorar-nos hum pouco em avaliar exactamente este novo genero de Filosofia , que tem com arrogancia insultado todos os conhecimentos dos seculos precedentes , como se os homens tivessem até

agora estado cegos : he justo se patenteie toda a fraqueza desta grande preocupação para com o Seculo decimo oitavo.

Em primeiro lugar pois, se se trata das Sciencias concernentes ao estudo e contemplação da Natureza, ou que lhe dizem respeito, os predi-
cados de honra, que em tanta copia a cada pagina se tem prodigalizado ao mencionado Seculo decimo oitavo, dever-se-hião aliàs attribuir ao Seculo decimo setimo. Foi este o Seculo em que a Filosofia sahio verdadeiramente da barbaridade em que tinha por longo tempo jazido, e no qual as suas differentes partes fizeram os maiores progressos. E com effeito, sem nos unirmos ao sentimento por certo muito exaggerado de tantos homens aliàs doutos, os quaes não aprecião nimiamente os descobrimentos feitos em nossos dias sobre a Electricidade, e sobre as diversas qualidades do ar relativamente á Quimica; pode-se francamente asseverar que taes descobrimentos, como qualquer outro de que se possa jactar o Seculo decimo oitavo, quer pelo numero, quer pela sua importancia, não são de modo algum para se compararem

com aquelles, verdadeiramente admiraveis, por meio dos quaes no precedente Seculo decimo setimo os Galilêos, os Cavalieris, os Torricellis, os Vivianis, os Cassinis, os Kepleros, os Newtons, os Leibnitzes, e tantos outros genios creadores, illustrarão, e levirão a tão grande perfeição a Estatica, a Astronomia, a Optica, e geralmente todas as partes da Filosofia, e da Mathematica; e pelos quaes a Geografia, a Nautica, a Hydrostática, e em huma palavra todas as Artes, recebêrão tantos auxilios novos.

Ajunte-se a isto, que se hum dos principaes louvores dos mencionados grandes homens consiste em terem a final descoberto o verdadeiro caminho que se deva seguir para penetrar com segurança nos segredos da Natureza, e se todos os Fysicos antes delles se não tinham por outro motivo extraviado, senão porque se tinham lisonjeado de explicar a Natureza imaginando causas, e descendo destas apóz os effeitos, quando devêrão de começar da consideração d'estes para chegarem ao descobrimento d'aquellas; que fincapé se podia jámais fazer para o adiantamento das Sciencias

fysicas nos systemas tão preconizados de Maillet , de la Metrie , de Robinet , de Bailly , e de tantos outros especuladores do Seculo decimo oitavo , que da admiravel obra da Creação formárão huma gerigonça , na qual o ridiculo e o absurdo disputão á porfia a superioridade ? E que outra cousa contém realmente esses mesmos systemas mais que hypotheses , principios vagos , em summa , engenhosos e eruditos romances ?

Pois se das Sciencias , que se chamão exactas , passarmos á consideração das Sciencias moraes , ver-se-ha , que essa tão decantada superioridade do Seculo decimo oitavo não he menos insubsistente , e exaggerada. Esta he verdadeiramente a parte em que os Filósofos modernos se prezão de excellencia , e , á maneira de Socrates , elles se gabão de terem particularmente voltado os seus estudos á utilidade do homem , e se olhão como os bemfeitores do genero humano pelo terem libertado das preocupações , que agrilhoavão os nossos antepassados : mas quem não sabe que toda a arte dos Filósofos modernos consiste em huma transformação magica das palavras ? Quem pode ao presente

ignorar, que elles entendem por erros e preocupações todas as opiniões e todas as instituições, que em todo o tempo tem sido olhadas como bases da felicidade do homem, e da sociedade? A pugnar contra estas opiniões e instituições geralmente recebidas se reduzem todas as obras moraes e metafysicas, que ha hum Seculo a esta parte tem sahido á luz na Europa. Assim, as Sciencias moraes, e puramente intellectuaes são a parte em que o decimo oitavo Seculo ainda perde mais, huma vez que se compare com os outros que o precedêrão; e bem longe de lhe competir o pomposo titulo de Seculo illuminado, de Seculo filosofico, merece antes ser chamado Seculo de trevas, e de ignorancia.

Mas isto, que deve ser o cúmulo da humilhação para a Filosofia moderna, he tal, que ainda mesmo nestes seus extravios não tem ella sequer o mérito da invenção, e he servil e plagiaria em tudo aquillo que tem pretendido dar-nos como resultado dos seus mais preciosos descobrimentos.

Alguns homens de peito, nos quaes o zelo pela manutenção do Culto correspondia ás luzes de que são dotados, tomárão por empreza descobrir

este plagio dos Filósofos modernos naquella parte dos seus erros, que respeita á Religião; e demonstrarão, que no ataque do Christianismo nada mais fizerão estes Filósofos, que repetir as mesmas objecções apresentadas em outro tempo por Celso, Porfyrio, e Juliano, calando as victoriosas respostas dadas a estes pelos antigos Apologistas; e que no combater a Religião natural não fizerão mais, que pôr de novo em campo as opiniões e os erros de Demócrito, de Anaxágoras, de Thales, e de Epicuro, que Cícero, Seneca, e Plutarco tinham solidamente refutado. E este assumpto, que tem sido levado á maior evidencia, mediante huma exacta confrontação da doutrina filosofica antiga e moderna, não deo pouco auxilio á causa da Religião; pois que esses homens, que se tinham deixado allucinar, tornarão a crer, vendo que os escriptores em que elles admiravam peregrina agudeza, e extraordinaria força de juizo, não são mais que huns mesquinhos repetidores dos sofismas, e das difficuldades tantas vezes refutadas.

Não he tambem menos certo, que o mesmo plagio commettêrão os Fi-

losophos modernos no tempo em que espalhárão as suas tão decantadas theorías antimonarquicas. Rousseau, que foi entre elles o primeiro que fallou dos direitos originarios dos homens, e da soberania do povo, tem passado por hum engenho superior. O enthusiasmo pela sua Obra do Contrato Social excedeo quantos elogios jámais tenha talvez tido algum outro livro moderno; e a mesma Assembléa Nacional de França o considerou como author do novo systema politico introduzido então naquelle Reino. E entretanto esta theoría da pretendida soberania do povo, que constitue todo o fundamento daquella tão exaltada Obra, não he mais que a renovação de huma opinião e de hum systema, que a paixão, e o espirito de rebellião e de partido suggerirão a huns poucos de escritores do século decimo sexto, e do decimo setimo, os quaes forão logo victoriosamente combatidos (1).

(1) Sobre o assumpto deste plagio commettido pelo Escritor, cujas idéas se crem inteiramente originaes, tive occasião de fallar no meu *Discurso Historico Politico* so-

Resumindo por tanto as reflexões até aqui feitas, creio poder concluir, que nada he mais insubsistente que esta grande prevenção a favor da Filosofia moderna, e do Seculo decimo oitavo em que ella se introduzio. No dito Seculo realmente se escreveu, e se fallou mais de Filosofia que no

bre a authoridade do Pontifice Romano, publicado em Genova em Setembro de 1815, e ainda mais diffusamente me estendi sobre o mesmo objecto na Obra, que dei á luz no principio do anno de 1800 impressa em Veneza na Officina de Giacomo Storti. Nella demonstrei que esta doutrina da pretendida soberania do povo, que os Filósofos modernos olhão como hum feliz resultado da razão humana chegada á sua maior maturidade, outra cousa com effeito não he mais que huma repetição dos erroneos principios de Buchanan, de Hotman, do fingido Junio Bruto, de Sidney, de Milton, e dos outros authores, que escreverão para sustentar e fomentar mais as rebelliões que nos ditos dois Seculos XVI e XVII perturbárão a Inglaterra e a França, e os quaes, por este seu instituto de deprimirem a Authoridade Real, forão então denominados, e ainda na Historia do Direito Publico se denominão *Monarcómacos*.

Seculo anterior, e em qualquer outro ; mas todos esses escritos não valem certamente as Obras daquelles homens, que no mencionado seculo decimo setimo fizeram com seus maravilhosos descobrimentos mudar a face a quasi todas as Sciencias ; o que foi muito bem expresso pelo doutissimo Cardeal Gerdil com o bello símile de hum chapa de metal , a qual perde tanto em altura , quanto ganha em superficie (1)

Para acabar porém de destruir esta grande prevenção pela tão decantada nova Filosofia do Seculo decimo oitavo não basta ter demonstrado que, tanto pela profundidade da sabedoria , como pelo mérito dos descobrimentos scientificos , elle está muito abaixo do antecedente Seculo decimo setimo. He além d'isso necessario fazer ver , que os mais celebres Filósofos , que neste ultimo florecêrão , estiverão com effeito bem alheios de desprezarem aquelles principios , que o Mundo sempre tem venerado como fundamento principal da Sociedade,

(1) *Gerdil*, Introducção ao estudo da Religião.

e que só nos nossos modernos tempos se tem querido fazer se considerem como preocupação e ignorancia.

Os dois homens que no sobredito seculo decimo setimo dominarão mais que os outros no imperio das Sciencias sublimes são sem duvida Newton, e Leibnitz. Ora, o primeiro, depois de haver nos seus Principios Mathematicos da Filosofia natural exposto o systema do Mundo, termina aquella immortal obra com algumas considerações sobre os attributos do Ser Supremo, cujos vestigios elle havia assignalado na admiravel ordem do Universo. Não só estava Newton intimamente persuadido da existencia de Deos, que em todas as Obras suppõe sempre como huma verdade plenamente incontrastavel; mas tambem cria, diz Fontenelle, na Revelação; e entre os livros de toda a especie que trazia nas mãos, aquelle que mais assiduamente folheava, era a sagrada Biblia, a qual até mesmo commentou (1). E pelo que respeita a Leibnitz, todos sabem que a sua Obra principal he a *Theodicéa*. Nesta portanto rende elle continua homenagem

(1) *Fontenelle*, Elogio de Newton.

á Religião , e até se pode dizer que este livro quasi se reduz unicamente a desenvolver e conciliar os seus dogmas. O mesmo espirito religioso diffundio elle em huma infinidade de outras obras ; e era a cousa tão manifesta , que hum celebre Naturalista moderno se serve desta grave authoridade do Filosofo Alemão para confundir os pretendidos Filósofos do seu tempo , os quaes , não tendo nem as luzes , nem o talento deste grande homem , tinham o atrevimento de desprezarem o Evangelho , e d'inspirarem este mesmo desprezo a todo o genero humano (1).

(1) „ Constituo-me na obrigação de ob-
 „ servir , e muito essa obrigação me apraz ,
 „ que a piedade de Leibnitz , tão verda-
 „ deira como illustrada , nenhuma occa-
 „ sião perdia de tributar ao *Filosofo por*
 „ *excellencia* , o acatamento mais respei-
 „ toso , e o mais digno de hum ser in-
 „ telligente. Citava com complacencia até
 „ as minimas palavras deste Divino Mes-
 „ tre , e nellas descobria sempre algum
 „ sentido occulto , tanto mais bello , quan-
 „ to mais filosofico era. Aquelle que se
 „ comprazia em descubrir no Evangelho
 „ huma tão sublime filosofia , era huma

Bacon de Verulamio , Descartes , e os dois primeiros Bernoullis , Boyle , e geralmente todos os outros grandes homens , que no dito Seculo decimo setimo contribuirão com as suas Obras para os progressos e para o lustre das Sciencias fysicas , forão do mesmo modo summamente apegados á Religião. O ultimo dos referidos Filósofos , que ainda hoje se olha como o Pai da Fysica experimental , era de tal maneira religioso , que , vendo no seu paiz nativo d'Inglaterra serem por alguns livres pensadores atacadas a existencia de Deos , a immortalidade da alma , e as outras verdades fundamentaes da Religião , não se contentou de os combater pessoal-

„ *Encyclopedia viva* , e hum dos mais profundos engenhos que jámais apparecêrão na terra. Rogo aos que não tem , nem as luzes , nem o talento deste grande homem , e que não possuem no mesmo gráo que elle a arte de duvidar filosoficamente , que se interroguem a si mesmos , se á vista d'isto lhes quadra bem affectarem desprezar o Evangelho , e forçejarem por inspirar este desprezo a todo o genero humano. — Bonnet , *Palingenesia* , Tom. 1 , par. 7 , pag. 297.

mente ; mas , como era riquissimo , fundou lições publicas , para que perpetuamente em cada hum anno se fossem produzindo novas provas dos principios da Religião Christã , ou se elucidassem melhor as antigas. E a esta bella fundação he que , além de outras muitas excellentes apologias , se devem os tão célebres profundos discursos de Samuel Clarke sobre a existencia de Deos.

Que extravagante genero de sabedoria he este filosofismo do Seculo decimo oitavo , que tem posto todo o seu estudo em desprezar aquelles principios , e aquellas maximas , que nos tempos anteriores todos os homens de maior vulto se tinham constituido na obrigação de respeitar ! Mas os propagadores desta nova sapiencia tem outro motivo de se envergonharem , e de ficarem confusos.

Se pouco antes disse , que o Seculo decimo-setimo , tanto pela importancia dos descobrimentos , como pela sublimidade do genio daquelles que foram seus authores , he muitissimo superior ao decorrido Seculo decimo oitavo , isso não tira , que tambem neste ultimo não houvesse grandes homens , que contribuirão para augmen-

tar o esplendor das sciencias ; antes elle conta muitissimos ; mas neste numero certamente se não conta algum d'aquelles escritores, que, tanto na ordem religiosa, como na ordem social, tem espargido e authorizado as maximas que tantas lagrimas nos tem arrancado, e que os fautores das idéas liberaes tornão a pôr agora em campo.

Ao ouvir o tom decisivo, com que o author do Systema da Natureza assevera que o materialismo he o resultado de hum profundo conhecimento da Natureza, e que em consequencia d'isso, tendo-a elle attentamente consultado, tinha achado, „ que a materia he eterna ; que o movimento „ lhe he essencial ; que o homem não „ he livre ; que não existe absoluta- „ mente huma intelligencia suprema ; „ que a vida eterna he hum so- „ nho, Ao ouvir, digo, o ar decisivo com que o fingido Mirabaud avança todas estas asserções, qual-quer ficaria á primeira vista inclinado a crer, que similhante escritor, mais que nenhum outro, havia penetrado os segredos da natureza, e tinha conseguentemente espalhado grandes luzes sobre a Fysica. Entretanto

to , lendo-se o seu livro com attenção , se vê , que onde elle não se contradiz , ou onde não faz ineptos raciocinios , o que quasi sempre acontece , não diz mais que couzas assaz communs , e sabidas d'aquelles mesmos , que apenas começam a ser iniciados nesta faculdade ; por exemplo , he couza que excita riso vello no capitulo 3.º da primeira parte da Obra affirmar , com grandissimo rodeio de palavras , que todas as mudanças da materia provém do movimento ; e dar-nos similhante verdade como inteiramente nova , quando ella se acha em todos os livros elementares (1). O que digo do author do Systema da Natureza , se pode com igual fundamento affirmar de Helvecio , de la Metrie , e de todos os outros modernos fautores do Materialismo. Nenhum delles por certo ha contribuido de modo algum para o adiantamento das Sciencias naturaes. Pelo contrario Haller , Bonnet , Deluc , e tantos outros , que no dito Seculo decimo-oitavo verdadeiramente augmentarão

(1) Veão-se , entre outros , as Instituições Fysicas de Muschenbroeck , cap. 1 , 10.

o lustre das mesmas Sciencias, não são não forão inficionados de atheismo, mas antes se servirão da contemplação da Natureza para combaterem hum tão insensato systema; por onde até nestes ultimos tempos se tem verificado a aurea e notissima sentença de Bacon, — que huma leve tintura de Filosofia pode conduzir os homens ao atheismo; mas que hum profundo conhecimento d'ella os reconduz á Religião (1).

Nada pois he mais insubsistente, torno a dizer, que aquelles pomposos elogios, que tanto tempo se fizeram da nova Filosofia do Seculo decimo-oitavo. Tem ella hum falso nome de sciencia e de luz, quando em si mesma não he mais que hum parto de trevas e de ignorancia. Destruida esta prevenção, com cujo auxilio os inimigos da Religião e dos Thronos poderão no passado Seculo insinuar e diffundir tanto suas fallazes e perigosissimas maximas, e que ao presente a Seita dos *Liberaes* de novo quizera insinuar; eu passo immedia-

(1) Bacon, de *Augment. Scient. lib. 7, cap. 1.*

tamente a analysar estas erroneas máximas em todas as suas mais pequenas relações. E em primeiro lugar occorre fallar d'aquella, que á mesma Seita importa muitissimo ver generalizada, quero dizer, o Governo Constitucional.

CAPITULO II.

Do Governo Constitucional, ou da Representação Nacional.

ARTIGO I.

He falso que este genero de Governo seja a mais antiga especie de Monarquia que se vio no Mundo.

De abaixo da denominação do Governo Constitucional se entendem aquellas Monarquias, nas quaes a generalidade da Nação por meio dos seus representantes participa mais ou menos do exercicio da Authoridade Soberana. Os escritores, que depois do méado do Seculo passado tratárão de politica, fizeram os maiores elogios desta especie de Governo; até não reconhecem como legitimas senão só aquellas Monarquias, em que tal Governo se acha em vigor, caracte-

rizando todas as outras com os odiosos nomes de violencia , de usurpação , de despotismo. E para córarem aos olhos das pessoas pouco instruidas esta nova theoria sediciosa , asseverarão affoutamente , que os primeiros governadores dos homens erão todos Reis constitucionaes. „ As sociedades „ no acto de se formarem , diz Condillac , não conferirão certamente „ hum poder arbitrario aos seus novos magistrados. Seria absurdissimo pensar , que homens , que não „ tinham huma idéa clara e exacta do „ bem que buscavão reunindo-se em „ sociedade , e governados por paixões brutaes , hajão em hum instante passado da maior independencia á maior submissão. „

Se este modo de raciocinar fosse justo , dever-se-hia concluir , que não já a Monarquia Constitucional , mas sim a Democracia fôra a fórmula de governo mais antiga que no Mundo se introduzira , pois que esta ultima especie de Governo se chega ainda mais ao pretendido estado de independencia natural do que a primeira. Puffendorf foi realmente deste parecer , e axactamente sobre o fundamento da razão adduzida por Condillac :

„ Nada verosimil he , diz elle , que
 „ os homens , os quaes vivião na li-
 „ berdade e na independencia do es-
 „ tado da natureza , podessem n'hum
 „ momento esquecer-se d'estas duas
 „ tão grandes vantagens a ponto de
 „ se sujeitarem ao arbitrio de hum
 „ só homem , assim que cuidárão de
 „ se unir em sociedade , e formar
 „ hum corpo politico. Daqui he
 „ muito mais conveniente pensar ,
 „ que estes homens , que gozavão da
 „ liberdade e igualdade natural ,
 „ quando assentárão unirem-se em
 „ hum corpo , quizessem que as cou-
 „ zas communs fossem administradas
 „ com commum conselho , e formas-
 „ sem consequentemente huma Demo-
 „ cracia,, (1). Mas esta opinião de
 Puffendorf se oppõe ao parecer de
 todos os escritores , que antes d'elle
 se empregárão em discutir qual fosse
 a mais antiga forma de Governo in-
 troduzida no Mundo , e os quaes se
 tinham todos declarado pela Monar-
 quia (2).

(1) Puffendorf, *de Jure Naturae et Gen-
tium*, lib. 7, cap. 5. § 4.

(2) He sabida dos eruditos a seguinte

Esta razão , em que se funda Puffendorf para sustentar o seu assumpto , não he mais que huma razão de simples verosimilhança , que deve ceder á verdade : se não he vedado recorrer ás conjecturas em ponto de historia , e se antes ellas servem muito de illustralla , só he permittido fazellas quando faltão os monumentos e os factos ; o que certamente não acontece a respeito do assumpto de que se trata. Os mais antigos povos de que falla Moisés , os Babylonios , os Assyrios , os Egypcios , os Elamitas , as nações que habitavão ao longo do Jordão e na Palestina , erão todos submettidos a Reis. A Historia pro-

passagem de Justino , no liv. 1 , cap. 1. — *Principio rerum , gentium nationumque imperium poenes Reges erat.* Poderia referir muitas outras similhantes authoridades de escritores antigos , se não cresse que engrossava de mais o volume do Opusculo com huma assaz facil erudição. Ellas se achão em todas as Obras dos Publicistas , nos lugares onde tratão da origem e formação das sociedades civís. Sobre este assumpto merece sobre tudo ver-se *Hercio , Elementa Jurisprudentiæ civilis , part. 1 , sect. 10 , § 5.*

fana concorda neste ponto com a sagrada. Durante a longa serie de Seculos , de que os Chinezes se jactão , e que , se não he fundada em verdade , como certamente não he , não deixa de remontar a grande antiguidade , nunca forão governados senão por Monarcas ; e he tão estranha áquella região a idéa de Republica , que , como observa Chardin , ainda hoje a não sabem entender. O mesmo se deve dizer de todos os outros povos Asiaticos ; de modo que o primeiro exemplo principia a ver-se entre os Gregos , e isto não nos primeiros tempos , pois que tambem estes principiárão sendo sujeitos a Reis. O Governo Monarquico não só he a mais antiga , mas a unica forma de Governo que antigamente houve ; d'onde vem que nos monumentos historicos se achão sim mencionados aquelles , que primeiro introduzirão nas Cidades as Aristocracias , e as Democracias , mas inteiramente se ignora quem forão os primeiros Reis (*).

(*) Porque he certo que do que he communmente seguido não se faz menção , como se faz do que sobrevem extraordinariamen-

Nem este grave testemunho da Historia a favor da antiguidade do Governo Monarquico se poderia conciliar com a expressada opinião de Puffendorf , dizendo-se , como asseverão os Filósofos modernos , que os primeiros Reis se distinguão mais pela authoridade de persuadir , que pela de mandar ; que elles não são mais que os primeiros Magistrados e os primeiros Capitães das suas nações ; em summa , que elles não são mais que Reis constitucionaes. Os Filósofos havia já muito tempo que tinham concebido o projecto de derribar todos os thronos da Europa ; mas tambem nesta parte , como relativa ao outro seu projecto de destruir a Religião , não espalhárão ao principio todo o veneno das suas doutrinas , pois que bem vião que os animos ainda não estavam preparados para o receberem , e ainda então se não tinham as-

te. Se os primitivos Governos fossem Républicas , e depois se fizessem Monarquias , he sem duvida que esta mudança seria objecto de se fazer publica commemoração por monumentos que o annunciassem á posteridade , como couza d'antes não vista.

senhoreado da opinião publica : da-
qui veio que não prégáráo de repen-
te a Democracia ; mas contentárão-se
com dizer , que os Monarcas não de-
vião menos-prezar o voto da Nação
na publicação das leis ; promettendo-
lhes que aquillo que em apparencia
houvessem perdido de authoridade no
referirem-se ás assembléas nacionaes,
viria a ser amplamente compensado
pelo muito que desse modo virião a
reinar no coração dos subditos. Não
fazião por tanto mais que exaltar a
convocação dos Estados e o Governo
Constitucional ; bem certos de que no
dia em que qualquer Principe hou-
vesse sido tão mal aconselhado que
posesse o poder legislativo nas mãos
da Nação , elle seria derrubado do
throno. E para melhor córarem este
seu estratagema , cobrírão-no com o
véo impostor da antiguidade , asseve-
rando que os primeiros Reis erão to-
dos constitucionaes. Ora esta asserção
he inteiramente contraria á Historia ,
pois que se temos exemplos destes
Reis munidos de huma authoridade
mais de persuadir que de mandar ,
como forão os Reis que dominavão a
Grecia nos tempos heroicos , e os Che-
fes das Nações Germanicas descritas

por Tacito , não são estes por certo os primeiros Reis de que nos falla a Historia. Os Egypcios, que são talvez os mais antigos dos homens , os Médos, os Assyrios , não conhecião nenhuma destas peias com que os Filozofos modernos quizerão que em toda a parte fosse contrapezado o poder dos Principes. Entre estes Povos , não menos que entre as outras Nações da antiguidade , a idéa de hum poder absoluto , ou livre e independente de qualquer prizão , estava de tal modo unida á idéa da Magestade Real , que Aristóteles , nos seus livros da Sciencia civil , faz a reflexão de que hum Rei sujeito ao jugo da lei não merece o nome de Rei (1). Aristóteles tinha sustentado na mesma Obra , que a Monarquia era o mais antigo de todos os Governos; e certamente não teria exprimido tal opinião , se os primeiros Reis houvessem sido constitucionaes , isto he , taes que , segundo o seu sentir , não merecião o nome de Reis (2).

(1) Aristot. Polit. lib. 2 , c. 11.

(2) Que a primeira especie de Governo introduzida no Mundo fosse com effeito

E este constante testemunho da Historia a favor da antiguidade da Monarquia, e da Monarquia absoluta e independente, toma muito maior força, em se reflectindo que a pretendida razão de verosimilhança, pela qual Condillac, e com elle todos os outros Filósofos modernos crem que as mais antigas Monarquias forão todas constituiçãoaes, he destituida de todo o fundamento racionavel. Se os apontados escriptores peccarão contra as regras da boa Critica, recorrendo ás conjecturas quando fallão os factos, tambem violarão outra lei evidentissima da Critica, a qual prescreve, que nunca se admittão conjecturas, que não sejam verosimeis. E este character não convem certamente ao estado de natureza que nos he descrito pelos Filósofos, ou áquelle estado de mutua guerra, em que elles suppõem que vivêrão os primeiros homens, e no qual, como temos visto, elles unica-

não só a Monarquia, mas a Monarquia absoluta e independente, he hum facto, o qual se acha muito bem illustrado nas Memorias da Academia Real das Inscriptões e Bellas Letras de París, no vol. VI, pag. 480 e seg. da edição da Haya.

mente se fundão para deduzirem que as primeiras e mais antigas sociedades se hajão governado , ou de todo democraticamente , ou de hum modo pouco differente , como he a Monarquia Constitucional. Ora, nada he mais insubsistente que esta pretendida independencia dos primeiros homens. He estranho que nos nossos tempos modernos , nos quaes se tem bannido da Fysica as hypotheses puramente arbitrarías, se tenham introduzido estas nas Sciencias moraes e metafysicas , onde tem muito peiores consequencias: com effeito, que hypothese mais arbitraria do que esta, — que o estado natural dos homens seja hum estado de total independencia ? Como ! Hum estado , em que, tirada toda a mutua confiança entre os homens , haveria huma guerra de todos contra todos, será a situação a que o Ente Supremo haja querido sujeitar o genero humano ? De que modo se pode considerar como estado natural dos homens huma situação, que elles devem necessariamente abandonar se querem subsistir ?

Se o estado natural do homem, isto he , aquelle a que o Author da Natureza o ha destinado , de-

ve ser necessariamente o mais conforme á sua natureza , á sua constituição , ás suas precisões , e se todas estas circumstancias convem perfeitamente ao estado de civil subordinação , e não já ao estado de total independencia , he claro que esse he o verdadeiro estado natural dos homens. O Ser Supremo , tendo-os sujeitado a huma communicação recíproca, quiz que este estado de sociedade fosse acompanhado de huma authoridade publica , pois que sem esta não poderia a sociedade subsistir ; e temendo que elles desestimassem huma tão saudavel instituição , quiz que fossem naturalmente conduzidos a formalla , fazendo-os para esse effeito nascer em familia , e constituindo-os d'esta maneira em estado que fosse a subordinação o primeiro dos seus habitos. Os primeiros homens, avezados á subordinação no estado de familia , forão sem prévia deliberação , isto he , naturalmente , levados a submetterem-se á authoridade. Hum velho veneravel pela idade , por huma longa experiencia , e por huma reputação de inteireza e de conselho , veio naturalmente a ser o arbitro , e o pacificador das diversas familias juntas todas em hum

districto, e, a pouco e pouco, o moderador e o soberano do mesmo districto. Aristóteles, que, como ha pouco observámos, se tinha declarado pela antiguidade da Monarquia absoluta, com exclusão de todas as outras formas de Governo, era também de constante opinião, que os homens foram naturalmente guiados do estado de familia a sujeitarem-se a hum Monarca. Platão pensava do mesmo modo, e geralmente todos os outros Filósofos antigos estavam persuadidos de que os primeiros homens havião naturalmente passado ao estado de subordinação civil sob a authoridade de hum Monarca; ignorando totalmente aquelle estado de independencia, ou de mutua guerra, em que os Filósofos modernos suppõem se achou o genero humano na sua origem. Hum tal supposição he diametralmente contraria á origem que elle teve; e essa mesma hypothese se não pode admittir de modo algum, sem que também se admitta, que os homens sahirão todos de repente bellos e robustos das entranhas da terra como os fúngos.

Se a sociedade primitiva e originaria, que a natureza poz entre os

homens, fosse huma sociedade de independencia, e de liberdade, como hoje se pretende, em vez de se terem formado Governos, como realmente aconteceo, ter-se-hia o genero humano em sua mesma origem inteiramente anniquilado. E como se ha de com effeito suppor, que, em hum estado turbulento e bellicoso, qual devia necessariamente ser este pretendido estado de independencia, e qual effectivamente he descrito pelos Filo-
 fos modernos, podessem ter lugar as deliberações pacificas, que estes pre-
 supõem? Quem pode racionavelmente pensar, que homens habituados a levar huma vida barbara e feroz, se hajão d'improviso mudado, e tenham abraçado o sabio conselho de se congregarem, e de se sujeitarem a huma authoridade? Os Poetas ainda que acostumados a dar livre curso á sua imaginação, quando fallão da fabula de Cadmo, isto he, de homens livres, e de todo independentes huns dos outros, discorrem mais ajustadamente do que fazem os Filosofos, os quaes se gabão tanto de exactidão, pois que fazem que semelhantes homens se entreguem aos maiores ex-

cessos , e acabem matando-se huns aos outros (1).

Furit omnis turba: suoque Marte cadunt subiti per mutua vulnera fratres.

Além de todos os factos até agora ponderados para provar , que a primeira especie de Governo introduzida no Mundo não foi nem a Democracia , nem a Monarquia Constitucional , que daquella pouco differe , mas sim a Monarquia absoluta , e independente , ha outra consideração , que merece ser notada , e he que as duas primeiras especies de Governo indicadas são muito mais complicadas que a ultima. A essencia da Sociedade civil consiste na submissão de todos os cidadãos á vontade do Soberano. Ora esta submissão he muito mais facil de se comprehender quando esta unica vontade moderadora de todo o corpo politico se acha realmente concentrada em huma pessoa fysica , como acontece na Monarquia absoluta , do que quando a mesma unica

(1) Ovidio , Metam. lib. 3.

vontade só existe em huma pessoa moral, isto he, em huma assembléa, como succede nas Democracias e nas Monarquias Constitucionaes. Para que este ser colectivo não tenha mais que huma vontade, requerem-se os maiores esforços da politica; por consequencia, para formar huma tal especie de Governo faz-se necessario o conhecimento da propria sciencia, circumstancia que não parece que se haja podido verificar nos primeiros homens.

Barbeyrac em huma judiciosa nota que poz abaixo da passagem de Puffendorf, referida no principio do presente artigo, estende-se muito sobre esta razão da grande simplicidade do Governo Monarquico para contradizer a opinião do seu Author (1), e em apoio do seu modo de pensar refere huma passagem de Locke, o qual tambem era de parecer que a verdadeira Monarquia, assim como era a mais simples, e a menos complicada de todas as especies de Governo, do

(1) Puffendorf, Nota de Barbeyrac ao § IV. do Cap. V. do Liv. VII.

mesmo modo devia necessariamente ser tambem a mais antiga (1).

Unem-se por tanto as conjecturas á Historia e ao sentimento dos sabios, em geral, para desmentirem essa tão gabada hypothese dos modernos Filósofos, de que a Monarquia Constitucional fora a primeira especie de Governo introduzida no Mundo. Se pois ha hoje Soberanos absolutos na Europa, não he isto hum effeito do despotismo, e da usurpação dos Principes que hajão attentado contra os direitos das respectivas nações, como calumniosamente os Filósofos tem repetido tantas vezes; mas sim huma continuada e successiva progressão daquella especie de Governo que, modelado inteiramente pelo dos Chefes de familia, se vio introduzido no mundo assim que o genero humano começou a multiplicar-se e a estender-se pela face da terra.

Bem conheço que a questão da maior ou menor antiguidade das diferentes formas de Governo he totalmente estranha á da sua maior ou

(1) Locke, Governo Civil, parte II, cap. 8, § 10.

menor bondade, que he a unica que deve interessar os homens. E com effeito, se Puffendorf á vista da allegada razão da pretendida verosimilhança sustentou, que a Democracia era a mais antiga especie de Governo introduzida no Mundo ; desta sua presumida antiguidade não deduzio de modo algum que a Democracia fosse igualmente o melhor dos Governos ; antes o poz muito abaixo dos outros. Porém os Filósofos do Seculo decimo oitavo não estavam animados daquelle amor da verdade, que tivera unicamente em vista o celebre Publicista Alemão do Seculo decimo settimo no exame da sobredita questão. Não foi outra a razão porque elles mostrarão tanto empenho em sustentar, contra o constante testemunho da Historia e dos Sabios , que as mais antigas Monarquias erão todas constitucionaes , senão para fazerem capacitar os simplices de que , se hum tal forma de Governo está hoje abandonada pela maior parte dos Estados Europeos , proveio isso unicamente da usurpação e do despotismo dos Soberanos, para assim animarem os Povos a recobrarẽm os seus pretensos direitos antigos. Julguei por tanto de-

via rasgar este véo da supposta antiguidade , com que os Filósofos modernos pretendêrão cobrir seus sediciosos designios. Desempenhado este assumpto , passo immediatamente a analysar em si mesma , e em todas as suas relações esta especie de Governo , que os fautores das idéas liberaes tentão reproduzir como o unico , que seja compativel com a liberdade , e com o bem do genero humano.

ARTIGO II.

A introduccão do Governo Constitucional em França no reinado de Luiz XVI produzio a dissolução da Monarquia.

He facil formar systemas em materia de Legislação e de Governo. Huma imaginação electrizada , hum talento prompto , principalmente juntando-se-lhe a força e a elegancia do estilo , gerão em hum momento hum novo systema de administração , que allucina e seduz ; mas a difficuldade está em ligar bem os principios , e em

os calcular sobre a pratica e sobre o homem como realmente elle he. Assim em Politica como em Fysica , a experiencia he o unico bom methodo de estudar. E com effeito , assim como esta ultima Sciencia não por outra razão existio tantos Seculos em miseravel estado , e reduzida a huma simples metafysica , senão porque , desprezada a vereda das experiencias , os Filósofos se abandonavão unicamente á imaginação e ás hypotheses , da mesma sorte qualquer escriptor que tratando de Politica não tenha a advertencia de se ater á observação , não produzirá mais que vãs especulações impraticaveis.

Neste escolho naufragou grande parte dos escriptores , que , principiando por Platão , tem tratado de Legislação e de Governo ; mas nem por isso estes naufragios preservarão os Politicos do passado Seculo de irem tambem dar nelle ; e até será difficil de achar outro que conte maior numero de semelhantes desastres.

Este essencialissimo defeito sobretudo reina geralmente naquelles livros , que pelo meado do mesmo decimo oitavo Seculo forão publicados pelos chamados *Economistas* , e que

em virtude deste simples nome apenas haverá pessoa que os confunda com os cultores da verdadeira Sciencia Economica. Quando ha cem annos o celebre *Ustariz* lançou em Hespanha as primeiras sementes desta importantissima faculdade, não fez mais que estribar-se na observação, e na pratica. Tendo visto, que a Inglaterra e a Hollanda com menores vantagens naturaes que a Hespanha, tinham hum Commercio muito mais extenso, e huma Marinha mais florida, entrou a investigar as leis e os regulamentos, que entre aquellas duas industrias e intelligentes nações tinham produzido huma tão grande prosperidade e opulencia, e desenvolvendo as propriedades e a sabedoria daquellas leis, apontou as maximas que a sua nação devia seguir, assim como qualquer outra, que aspirasse a chegar ao mesmo estado de prosperidade e opulencia. O discurso de *Ustariz*, como lhe dava valor a experiencia, fez grandissima sensação na Europa: e muitos escriptores de outras nações, principalmente de Inglaterra, tendo seguido as mesmas pizadas, e tendo-se nellas adiantado mais, levárão a Sciencia da Economia Publica a tal gráo de

evidencia e certeza , que fez de improviso mudar a face dos Estados, que tiverão o acordo de fazer a applicação destes principios. Porém huma tão grande luz correo risco de ficar eclipsada em seu mesmo nascimento pela ambição dos Filozophos do Sena. O desejo de se avantajarem em todos os generos de Litteratura , de que erão dominados , os induzio a não desdenharem a Economia Politica , que vião andar então em tanta voga ; mas como já os primeiros lugares estavam occupados , e lhes não ficaria outra gloria que repetir as verdades já por outros descobertas e inculcadas , recorrêrão ao costumado expediente da singularidade. Insultando orgulhosamente todos os maiores homens que tinham illustrado esta faculdade , e dando-se a si mesmos exclusivamente e por excellencia o titulo de *Economistas* , creárão huma nova Economia intelligivel e arabica , fundada sobre o tributo unico , sobre a indefinita exportação dos generos , sobre a livre importação das manufacturas , e sobre outros muitos paradoxos politicos inteiramente oppositos á pratica seguida pelas nações mais intelligentes , e mais famosas

pela sabedoria do Governo, os quaes paradoxos em hum instante terião feito desaparecer da França todos os frutos dos trabalhos do grande Colbert, se opportunamente não fosse afastado da direcção das finanças Mr. Turgot, o qual infelizmente cria nos especificos dos mencionados empiricos, e já tinha principiado a pôr em execução as suas receitas.

Ora, do mesmo defeito sem duvida se resente aquella immensa turba de escritos, que nesse tempo os mesmos Filozofos do Sena publicárão a favor do Governo Constitucional. Nada he certamente mais bello e seductor que a pintura, que se faz nesses livros desta especie particular de Governo. *A parte não indifferente, que nelle vem a ter todos os cidadãos no exercicio da authoridade soberana, faz que elle se avizinhe muito ao estado da natureza, no qual todos os homens erão livres e iguaes: debaixo de huma tal forma de Governo não se conhece mais que o imperio das leis, e estas são sempre justas e imparciaes, porque são o resultado da vontade geral de todos os cidadãos. Para afformosearem mais este quadro, não deixavão os Filozofos de pôr a par de cada hum destes*

bens o contraste dos defeitos oppos-
tos , que se achão nas Monarquias
absolutas , e que maliciosamente con-
fundião com os Estados despoticos.
Ora para descobrir toda a quimera
destas bellas pinturas do Governo
Constitucional não he preciso mais
que recorrer á pratica. Consultando
esta , nós veremos que ellas são inte-
ramente parecidas áquelles retratos ,
que se fazem por occasião de espon-
saes entre pessoas afastadas , nos quaes
o pintor afformosea as feições mais
ordinarias , e occulta a sua deformi-
dade ; por cujo motivo á vista do
original entra o arrependimento , e
muitas vezes tambem a desesperação
em quem sobre hum tão debil funda-
mento teve a imprudencia de se ligar
com hum nó indissolúvel.

O Governo Constitucional introdu-
zio-se em França logo no principio
da Revolução de 1789. Os Filósofos
exultavão de ver finalmente realiza-
da na pratica huma especie de Go-
verno , que tantos annos havião pre-
conizado como o melhor e o mais per-
feito , e repetião mil vezes ao dia ,
que huma tal nação ficaria sendo o
modelo da maior felicidade , que se
pode gozar na terra ; mas o facto em

nada correspondeo a estas bellas promessas.

No Governo Constitucional, tinham elles dito, como ha pouco apontei, que as leis são justas e imparciaes, porque são o resultado da vontade geral de todos os cidadãos expressa por meio dos differentes Deputados da Nação reunidos todos em assembléa. Ora, ao estabelecerem esta regra, não virão, ou fingirão não ver, que, humavez que os Deputados estão eleitos, não consultão de ordinario os verdadeiros interesses da Nação, mas sim unicamente as suas miras particulares. Isto se verificou á risca na Revolução Franceza, e merece ser bem observado.

Os Deputados da Assembléa Nacional não tinham certamente direito algum de despojar o Monarca da principal prerogativa da Soberana Authoridade, transferindo á Nação, ou á mesma Assembléa o poder legislativo, como elles fizeram na nova Constituição do Reino. Similhante Constituição devia-se olhar unicamente como effeito da violencia, e da usurpação, ainda mesmo quando se poderá sustentar como verdadeira e subsistente a absurda theoria da Sobera-

nia do Povo , e em consequencia disso se quizesse conceder á Nação o pretendido direito originario e imprescriptivel de fazer as leis que julgasse mais vantajosas a si mesma : e a razão d'isto he porque os Deputados da Assembléa não estavam para isso authorizados. Não podião ter outro direito mais que o expresso nas procurações que recebêrão das Assembléas primarias ou particulares , em que tinham sido eleitos : e essas , como todos sabem , se restringião ao objecto de reformar os abusos das Finanças , e de supprir a deficiencia do Erario. Mas se os Deputados da Assembléa Nacional de França de 1789 desprezárão as instrucções conteúdas nas procurações dos seus respectivos commettentes para adoptarem e fabricarem hum pretendido systema de regeneração universal modelado pela norma do Contrato Social de Rousseau , commettêrão igual prevaricação na obra da nova Legislação , a que lançárão a mão logo depois de terem publicado a dita nova Constituição , e pela qual a mesma Assembléa passou de *Constituinte* a denominar-se *Legislativa*.

E com effeito , pedindo todas as

procurações das diversas Assembléas primárias do Reino, que fossem os bens ecclesiasticos igualmente tributarios como os dos seculares, vinhão claramente a reconhecer o direito do Clero sobre estes mesmos bens; e a Assembléa os despojou inteiramente delles. As procurações não dizião couza alguma sobre os privilegios honoríficos da Nobreza, só querião que se derogassem os privilegios pecuniarios, que he o mesmo que dizer, que ficasse igualada aos outros contribuintes no pagamento dos impostos; e a Assembléa os supprimio todos, isto he, tanto os honoríficos, como os pecuniarios; e deste modo anniquilou a propria Nobreza.

Em nenhuma das sobreditas procurações se fallava de modo algum no Culto, o qual desde a primeira origem da Monarquia se achava estabelecido em França, e pelo qual tinha adquirido o titulo de Reino Christianissimo; e a Assembléa com huma serie de operações, que só a Impiedade e a Heresia, unidas ambas, podião suggerir (1) commetteo os mais

(1) Sobre a realidade desta liga, que no

sacrilegos attentados contra este mesmo Culto de tanto tempo dominante no Reino : em 4 de Agosto de 1789 supprimio os dizimos ecclesiasticos ; a 27 de Setembro despojou as Igrejas de todos os vasos sagrados ; a 18 de Outubro prohibio os votos religiosos ; a 2 de Novembro adjudicou á Nação todas as propriedades do Clero , deixando-lhe porém a administração dellas ; a 13 de Abril do seguinte anno de 1790 tirou-lhe tambem esta administração , reduzindo-o á condição de simples assalariado ; e por fim a 2 de Julho , com a sabida Constituição Civil do Clero , atacou todas as Leis da Igreja , derrubou o seu governo espirital , e destruiu a sua fé.

Em summa , tudo quanto fizeram a Assembléa Constituinte , e a Assem-

principio da Revolução fizeram na Assembléa Nacional os Protestantes com os Filosofos para a destruição do Throno , poder-se-ha ver , entre outras muitas obras , a que tem por titulo : *Dénonciation aux Français Catholiques des moyens employés par l'Assemblée Nationale pour détruire en France la Religion Catholique.* — Por Henrique Alexandre Audainel , Conde d'Entraigues , pag. 203 e seg.

bléa Legislativa , he prevaricação da parte dos seus Deputados , que não serão certamente já Deputados , nem Representantes desde o momento em que obrarão directamente contra a vontade e contra as ordens expressas dos seus commettentes. Todos os artigos , e todos os decretos da primeira e da segunda Assembléa são por tanto directamente contrarios aos poderes , e por consequencia contrarios á vontade geral da Nação , manifestada do melhor modo que se podia fazer ; pois que certamente não ha outro meio mais seguro de conhecer o voto , e a vontade geral de huma nação , que pela unanimidade e pluralidade das deliberações parciaes consignadas na maioria das procurações.

A mesma Assembléa não podia dissimular esta mancha , e anhelava por isso grangear actos de adhesão da parte dos diversos Departamentos , e das povoações em particular. Mas esta multidão de actos de adhesão , e de congratulação , que huma grande parte da Nação fazia aos ruinosos decretos da Assembléa , não bastavão para assegurar os bons. Sabião-se geralmente os artificios com que a mesma

Assembléa havia multiplicado estes actos de adhesão , e supprimido as queixas. Não permittia se admitissem senão as homenagens ; mas fora da sua sala só reinava a inquietação , a magoa , a desesperação. Armava-se metade dos Cidadãos para suffocar os clamores da outra ; a morte , o saque , o incendio aguardavão todo aquelle que ousasse levantar a voz ; e estava prompto sempre hum exercito de assassinos para reprimir aquelles que se lamentavão.

Não conseguio , verdade seja , este perigo suffocar todas as reclamações. Erão infinitas as representações que vinhão de todas as partes do Reino. Houve na mesma Assembléa alguns Vogaes virtuosos , que , sem nenhum temor do punhal dos assassinos , que os seus Coryfeos tinhão continuamente assoldados , se atrevêrão a levantar a voz contra todos estes passos violentos , e funestos , procurando revocalla a idéas de boa ordem ; mas a voz destes sabios ficava sempre vencida pela maioria dos malvados , e dos ardilosos de que se compunha a Assembléa : de modo que , para se não fazerem complices das injustiças e das atrocidades , de que

ella se tornava culpada , tomárão todos o partido de se retirarem.

A Filosofia , que se envergonhava de ter produzido tantos males , em vez da tão promettida felicidade , tambem não deixou de reclamar a boa ordem. Hum dos seus mais famosos prosélytos , o Abbade Raynal , se incumbio particularmente d'isto, quando a 31 de Maio de 1791 fez ler na Assembléa Nacional huma sua carta (1), em que fazendo huma satyra lu-

(1) A sobredita Carta, que Raynal dirigio á Assembléa Nacional , hé do teor seguinte, traduzida fielmente do Francez :

„ Estou , eu vo-lo confesso , estou pro-
 „ fundamente entristecido pelos crimes que
 „ cobrem de luto este Imperio. Será pois
 „ verdade , que eu me devo lembrar com
 „ espanto , de ter sido hum d'aquelles
 „ que , sentindo huma generosa indignação
 „ contra o poder arbitrario , derão talvez
 „ armas á licença? A Religião , as Leis ,
 „ a Authoridade Real , a Ordem publica
 „ reclamão com effeito á razão os vinculos
 „ que as unem a esta grande sociedade da
 „ Nação Franceza , como se , perseguindo
 „ os abusos, lembrando os direitos dos Po-
 „ vos e os deveres dos Principes , os nos-
 „ sos esforços houvessem quebrado estes
 „ vinculos? Proximo a baixar á escuridão

gubre , mas verdadeira da conducta da Assembléa , deplorava amargamente a situação presente e futura da França. Mas estes seus lamentos vi-

„ da sepultura, e a deixar esta familia im-
 „ mensa cuja ventura hei desejado , que
 „ he o que vejo ao redor de mim ? Desor-
 „ dens religiosas, dissensões civis, a cons-
 „ ternação de huns, a tyrannia dos outros,
 „ hum Governo escravo dos caprichos do
 „ povo , o santuario das leis rodeado de
 „ homens desenfreados, que querem alter-
 „ nativamente ou dictallas, ou insultallas ;
 „ Chefes sem authoridade , Ministros sem
 „ recursos ; hum Rei, o maior amigo do seu
 „ povo, submerso em amargura, ultrajado,
 „ ameaçado, encarcerado, e não existindo
 „ já a força publica senão nos *Clubs*, onde
 „ huns homens ignorantes e grosseiros se
 „ atrevem a decidir sobre tôdas as questões
 „ politicas. Tal he a verdadeira situação da
 „ França ; não se affoutarião outros a di-
 „ zer-vos estas verdades ; mas eu me af-
 „ founto a isso , porque vou chegando aos
 „ meus 86 annos de idade. Fallo-vos da
 „ authoridade destruida, porque não pos-
 „ so parecer a ninguem suspeito de ter
 „ saudade do antigo regimen. . . . Vós não
 „ podeis salvar da total ruina o Estado se-
 „ ão retrocedendo , ou aliàs indicando
 „ esta marcha retrógrada a vossos succes-
 „ sores, „

nhão demasiado tarde. A Revolução de França he toda obra da Filosofia: esta a procurou com as suas declamações impias e sediciosas, que por espaço de quarenta annos ou mais havia feito contra o poder dos Reis; e não pode por isso deixar de ser responsavel por todos os máos effeitos, que devião infallivelmente dimanar de se terem quebrado todos os vinculos os mais sagrados que ligavão os homens. E estes lamentos de Raynal, assim como os de Neker, não fizerão mais que aviltar cada vez mais esses que se dizem Filozofos, mostrando á posteridade, que elles vivião na maior ignorancia do coração humano, e da Historia, a ponto de não conhecerem, que huma vez que o povo se poz em movimento, já não ha meio de o conter, e que a multidão, em se sublevando, se assemelha a huma torrente que rompendo as suas comportas muda de leito, e já não se pode fazer que tome o seu primeiro curso, sem se ter tambem a certeza se se poderão levantar outros diques para a conter no novo leito que se formou. A Assembléa Nacional não deo com effeito attenção alguma ás mencionadas representações de Raynal, e con-

tinuou cada vez a peiorar no seu começo systema de violencia e destruição.

A nova Assembléa que , em 21 de Setembro de 1792, debaixo do nome de Convenção Nacional , succedeo a este violento Senado, ainda foi mais violenta e destruidora. Levantando de todo a mascara, na mesma sessão primeira, do dito dia 21, proclamou o Governo Republicano; e depois de ter feito soffrer os mais humilhantes e duros tratamentos ao mesmo virtuoso Soberano, chegou ultimamente ao excesso de lhe fazer dar a morte em hum cadafalço.

Esta he a rapida progressão dos males , a que ficou sujeita a França depois que em 1789 se introduzio nella o Governo Constitucional. Que então huma tal innovação politica, tanto entre os Francezes, como entre huma grande parte dos outros povos, produzisse tão grande enthusiasmo, não he de maravilhar. Este genero de Governo havia sido quasi meio seculo com tanto artificio proclamado pelos Filósofos como o melhor de todos, que era mui difficil que nestes primeiros momentos não allucinasse a opinião publica, tomando o aspecto

venerando da felicidade nacional. Mas agora que se tem visto os amargosos effeitos que elle produzio , todos os paralogismos adduzidos a seu favor deverião de todo tornar-se inefficazes e inuteis: e os sequazes das Idéas liberaes, tentando de novo fazer adoptar similhante forma de Governo, claramente mostram haverem herdado o odio contra todos os thronos, de que estavam animados os Filósofos, quando pela primeira vez ousarão proclamarlo. Continuemos porém a considerar de perto e nos seus effeitos esta forma de Governo, que hoje de novo tanto se exalta.

ARTIGO III.

Tendo-se introduzido o Governo Constitucional em França no anno de 1804, não fez mais que aggravar e fazer mais intoleravel o despotismo do novo Monarca.

As sedições, as discordias, as mortandades, os roubos, as oppressões e os delictos de toda a especie, que tan-

to affligirão a França durante o Governo Democratico, induzirão aquella desolada nação a restabelecer no anno de 1804 a forma de Governo, que perto de doze annos antes havia tão levemente abandonado ; ou, para fallar com maior exactidão, Buonaparte, valendo-se do estado de abatimento em que por causa dos ditos erros se achava aquella nação, teve a destreza de fazer que lhe fosse conferida a Authoridade Soberana, a qual havia quatro annos elle já exercitava de facto com a modesta denominação de Primeiro Consul.

Esta subitanea mudança essencial na forma e na constituição do Governo produziu de repente outras muitas. Os mais acérrimos Republicanos, aquelles mesmos que tinham votado na morte do Rei, e que infelizmente formavão quasi sós o conselho e o cortejo do novo Monarca, condecorados com Ordens e Titulos, apresentáram-se d'improviso em publico com hum fasto muito superior ao dos antigos Grandes, que elles pouco antes havião tanto deprimido e maltratado. Os homens de letras tambem mudáram repentinamente de linguagem ; e se pouco antes havião insultado tanto e

vilipendiado o Governo Monarquico, depois da mencionada mudança, fizeram delle o maior elogio: não dissimularão elles a contradicção, em que vinhão a cahir com esta linguagem; mas assentavão se podião livrar desta nota dizendo, que a nova Monarquia, que então se erigia sobre as ruínas do Governo popular, era inteiramente diversa da que tinha existido no tempo dos Reis, pois que na nova Constituição era o Poder Imperial modificado, e restringido pela authoridade do Senado e do Corpo Legislativo; e d'aqui promettião a maior felicidade á Nação; sem sequer se lembrarem de que essas mesmas pomposas promessas tinhão elles feito, quando o mesmo Governo Constitucional se tinha pela primeira vez introduzido no anno de 1789. Ora examinemos se nesta segunda época foram mais bem fundados esses prognósticos.

Não ha duvida que depois desta nova época de Governo Constitucional esteve a França izenta dos horrores da anarquia, e dos partidos que tanto na primeira a perturbárão: porém não pôde evitar tão grande inconveniente sem cahir em outro igual-

mente funesto , isto he , no jugo do mais duro e do mais pezado despotismo, de que jámais a Historia haja feito menção.

O esplendor das victorias que os Francezes ganhárão sob o novo Governo Imperial, a immensa extensão que vírão dar aos seus antigos confins, induzião a crer, á primeira vista, que a Nação tinha realmente adquirido huma verdadeira felicidade. Os Oradores do novo Monarca o repetião sem cessar nas tribunas; e os periodicos, que sob o seu Governo não tinham outro fim que extraviar a opinião publica, tambem assim o dizião em suas immensas folhas. Tanto huns como os outros, embriagados pelas ensanguentadas bandeiras inimigas, que á maneira de troféos em tanta copia estavam penduradas, quer nos templos, quer na sala da Assembléa, não fallavão senão de semelhante felicidade; mas estas bandeiras não escondião aos olhos destes panegyristas assalariados a consternação e a miseria a que se achava reduzida a maxima parte dos habitantes. Estas victorias serão o fructo, e a consequencia da barbara lei da Conscriptção, que periodicamente levava todos os

annos em toda a extensão do Imperio a flor da mocidade. Estas victorias fazião que as contribuições se pagassem sempre como em tempo de guerra, sendo por conseguinte immensas; e vinha o seu pezo a carregar tanto mais sobre a nação, quanto ás infinitas despezas causadas pela guerra se ajuntavão as de huma immensidade de obras publicas para transmittir á posteridade a potencia e a pretendida gloria do Monarca que as tinha mandado fazer. Entre estas havia realmente algumas que tinham por objecto a utilidade publica: mas se estas emprezas são louvaveis quando se fazem á força de economias, vem a ser hum flagello quando são o fructo de accrescentamento de tributos sobre huma nação já delles carregada. Por outra parte, de que servia multiplicar tanto os canaes, os portos, as estradas, se pelas disposições orgulhosas e insensatas do novo Monarca, achando-se quasi de todo anniquilado o commercio, ficavão estes seus novos vehículos inteiramente inuteis? Mais insensatos ainda erão os cuidados, que em todo o decurso do seu reinado tomou no que respeita á Marinha; pois que as embarcações que em

tanta copia, e com tanto dispendio se construição em todas as costas do Imperio, estavam reduzidas a apodrecer nos portos e nas enseadas pelo receio de cahirem nas mãos de hum inimigo, que então, mais que nunca, dominava em todos os mares, e que elle tão grosseiramente havia ultrajado. — E entretanto a Assembléa dos Deputados nunca ousou levantar a voz contra estas tão enormes profusões continuas dos bens dos subditos; assim como o Senado nunca se oppoz á continua effusão do seu sangue.

Hé por tanto falso que o Governo Constitucional sirva de rémora ao poder arbitrario dos Principes, como se tem por muito tempo procurado fazer acreditar. Eu ainda me adianto mais, e digo, que suppondo hum Principe ambicioso, violento, e pouco cuidadoso do bem dos seus subditos, esta especie de Governo unicamente servirá de o animar a mais augmentar o seu despotismo; e facil he provallo.

Quando os Filósofos fallão das Assembléas Nacionaes, suppõem sempre que os Deputados de que ellas são compostas, sejam outros tantos Catões, que não tenham em vista

mais que o dever, a virtude, e o interesse do Povo. Ora nos nossos Estados modernos, inveterados no luxo, e nos quaes por conseguinte o amor das riquezas he hum dos principaes motores, não formarão por certo individuos dessa qualidade a maxima parte de huma Assembléa muito numerosa. Assim como, ainda mesmo nos paizes onde existe o Governo Constitucional, o Principe he o unico que confere os cargos todos, e por conseguinte a riqueza, do mesmo modo as Assembléas acabão sempre adherindo a todas as proposições do Ministerio e da Corte. Por isso, se hum Principe he pouco cuidadoso do bem dos seus subditos, mas ao mesmo tempo sagaz, estando seguro de que as leis e as proposições mais injustas e onerosas não acharão oppositores, se vai cada vez animando mais em seu despotismo, porque está certo que todo o odio recahirá nos representantes do povo. Hum profundo escritor Inglez, fallando das violencias, e dos actos arbitrarios, que se arrogarão os diversos Governos da França no decurso da Revolução, deo a razão d'isso dizendo, que não ha despotismo mais pezado que o que se pratica debaixo

das formas, e apparencia de liberdade. Ora esta maxima de Mr. Burke se verificou igualmente no reinado de Napoleão. Como este era inclinado ás conquistas, e por consequencia desprezador das vidas e dos bens dos subditos, não teria certamente ousado levantar tantos milhões de combatentes, nem augmentar tanto os impostos, se os actos concernentes a estas duas profusões de homens e de dinheiro unicamente houvessem de sahir do seu Gabinete. Houvera recceado ser a cada momento sacrificado á vingança publica. Elle porém se tranquillizava, e se animava cada vez mais a abusar do seu poder, vendo que aos olhos da multidão se mostrava a Conscripção como resultado das resoluções do Senado, e a Receita e Despeza da Fazenda como obra das discussões do Corpo Legislativo.

ARTIGO IV.

*Do Governo Constitucional considerado
debaixo de hum Principe virtuoso,
mas firme, e que sabe governar por
si mesmo.*

Considereí o Governo Constitucional debaixo de hum Principe virtuoso, amante dos seus subditos, mas por sua nimia bondade incapaz de tomar aquellas medidas fortes, que são necessarias para reprimir os facciosos; e vimos, que elle produziu a ruina total da Monarquia. Depois eu o considereí debaixo de hum Principe ambicioso, insaciavel de conquistas, e por consequencia sem fazer caso do sangue e da fazenda dos subditos; e vimos, que este não faz mais que augmentar o seu despotismo. Agora, para de todo exaurir o assumpto, falta considerar-se esta mesma especie de Governo no reinado de hum Principe bom, virtuoso, mas ao mesmo tempo intelligente, firme, e que sabe por si mesmo governar.

Debaixo de hum Principe desta natureza jámais o Governo Constitucional poderá produzir algum dos inconvenientes, que ponderámos nos dois artigos precedentes ; mas neste caso mesmo não deixará de ser prejudicial ; e não he difficultoso provallo.

A Democracia foi em todo o tempo olhada como o peor de todos os Governos ; e o principal motivo que tem induzido os sabios a formar semelhante juizo , he o pouco discernimento , a confusão , as miras de particular interesse da maior parte dos individuos que compõem as numerosas assembléas , nas quaes , nesta especie de Governo , reside a suprema authoridade , e que por conseguinte decidem , sem appellação , dos mais graves negocios do Estado. Isócrates e Xenofonte , a pezar de nascidos em huma Republica popular , e a mais popular de todos os Estados livres da Grecia , nos deixarão huma miuda descripção de todos os apontados inconvenientes destas assembleas (1). Cicero , não obstante ser tambem ci-

(1) Isocrates , *Orat. in Nicocl.* — Xenoph. *de Repub. Athen.*

dadão de hum Estado livre , não deo dellas mui vantajosa idéa , quando descreveo os Comicios de Roma. Ora estes defeitos , que se attribuíram sempre ás Assembléas soberanas dos Estados democraticos , são communs igualmente ás das Monarquias Constitucionaes , pois que pelo que toca ao numero dos que as compõem nada differem estas d'aquellas.

Se Luiz XIV., em vez de se entregar ao genio creador de Colbert , houvesse convocado os Estados Gerais como fizeram alguns dos seus predecessores nas grandes crises do Reino , certamente não teria remediado a desordem da Fazenda Real , nem tivera a satisfação de ver em hum momento , como por encanto , crear-se e estabelecer-se aquella industria *manufactureira* , que tanta utilidade grangeou á Nação. Se Pedro o Grande , na execução do seu immortal projecto de civilizar os seus povos , houvesse consultado o Senado , terião os seus sublimes esforços sido inuteis ; pois que a totalidade dos Russos , e por consequencia tambem o Senado , estava afferrada aos vicios e aos habitos que elle se proposera extirpar , e que com tanta felicidade effectiva-

mente extirpou. E para apresentar d'isto hum exemplo mais chegado aos nossos tempos , e mais conhecido de nós os Italianos , se o Governo de Toscana fôra Constitucional , e consequentemente *Pedro Leopoldo* devesse submeter os seus bellos projectos economicos ao exame da Assembléa Nacional , não teria tido certamente a dita formosa porção da nossa Península (*) a ventura de ser felicitada pela immortal Legislação economica do mencionado Soberano ; nem della se terião podido aproveitar as outras nações , como tem feito. E humma convincente prova d'isto he , que por espaço de muitos annos grande parte da Toscana , como todos sabem , se mostrou decididamente contraria a esta mesma Legislação que tanto agora louva , e de que com razão tanto se gloria.

Ha porém outra reflexão igualmente persuasiva , pela qual , ainda mesmo na hypothese contemplada no presente artigo , se vê , que não deve ser vantajoso o Governo Constitucional. Nesta hypothese hum Principe aman-

(*) Da Italia.

te do bem dos seus subditos , e que seja ao mesmo tempo dotado dos talentos necessarios para o conhecer , a fim de não ser contrariado , ou retardado na sua marcha , procurará ganhar com liberalidades e promessas aquelles Deputados da Assembléa, que preceber serão mais oppostos aos seus projectos. Mas se isto tende a conseguir o louvavel fim de sollicitar a execução de huma lei , ou de hum regimento util ao Estado , produz por outra parte hum grandissimo inconveniente , que he introduzir a venalidade na Nação. E com effeito, o exemplo dos Oradores da Assembléa ganhados pela Corte por meio de larguezas , ou de Cargos , reduzirá todos os individuos da mesma Nação a desejarem anciosamente serem eleitos para Deputados da Assembléa , a fim de tirarem o mesmo proveito das suas opiniões. Comprarão os votos , que são precisos para serem eleitos Representantes publicos ; e deste modo se irá introduzindo a pouco e pouco em toda a Nação o espirito de venalidade , e de interesse , que he sem duvida hum dos maiores vicios de qualquer Estado , pois destróe todos os principios de honra e de virtude.

ARTIGO V.

Diferença importante, que se deve fazer relativamente ao Governo Constitucional.

Com as reflexões feitas no decurso deste Capitulo não pretendo insinuar que se haja de abolir o Governo Constitucional nas Monarquias em que elle se acha estabelecido. São sempre perigosas as innovações grandes em materia de Governo : os antigos as aborrecião ; erão de voto , que nunca se deve emprehender couza alguma contra o genero de Governo em que nascemos , com pretexto de o melhorar. E com effeito Isócrates , Xenofonte , e Cicero , que , como ha pouco observámos , pintarão tanto ao vivo os defeitos da Democracia , se portarão não obstante isso como pacificos, e zelozos cidadãos das suas respectivas Républicas. E esta continencia he assás sensata e louvavel , pois que bem se vêem os defeitos do Governo sob que se vive ; mas he difficil , por não dizer impossivel , prever

aquelles que podem nascer da reforma, a qual muitas vezes ainda os produz maiores. Ora, por esta mesma razão de que o Governo Constitucional se não deve abolir nos Estados em que ha muito tempo se acha estabelecido, todos muito bem percebem que não convem introduzillo onde elle era desconhecido.

Por outra parte, a considerar bem a couza, ha mui grande differença entre estes dois casos, que eu aqui tenho ponderado. Se esta especie de Governo se acha ha muito tempo introduzida em alguma parte da Europa, isto não se fez em consequencia dos direitos originarios dos homens, e da pretendida Soberania do Povo. Estes principios erroneos, e sediciosos não forão conhecidos, ao menos no que respeita ao geral das nações, senão por todo o meado do Seculo passado. Naquelle momento pois em que hum Principe ao presente, adherindo ás insidiosas declamações dos Filosophos, e dos fautores das idéas liberaes, fizesse huma tão grande reforma no Governo dos seus Estados, introduzindo nelles a Representação Nacional, viria a confirmar aos olhos da multidão as ditas maximas sediciosas,

em virtude das quaes se estabeleceo em França , em 1790 , o mencionado Governo , e terminaria provavelmente produzindo os mesmos funestos effeitos , que por causa d'elle sentio aquella Nação.

Esta distincção , que tenho feito entre os dois differentes casos aqui ponderados , me parece assás bem fundada : e poderá por isso servir de resposta a huma objecção , que os sobreditos sequazes das idéas liberaes talvez não deixem de me fazer , isto he , que o Governo Constitucional tem existido , e existe ainda em algumas Monarquias , sem que estas hajão soffrido as horriveis consequencias que em França se experimentárão. Este facto não se pode certamente contradizer ; mas isso em nada destroe a força das razões atéagora adduzidas para tolher qualquer Soberano de introduzir nos seus Estados semelhante forma de Governo ; e a razão d'isto he , porque ao presente todos os Estados da Europa se achão em circumstancias inteiramente diversas das em que se achavão os Povos , entre os quaes se introduzio antigamente a representação nacional. O Filosofismo nas suas tenebrosas pro-

duções tem fallado tanto dos direitos primitivos dos homeus, e da soberania do Povo, e tem os proselytos daquella fallaz sapiencia sustentado tanto, que em toda a forma de Governo o poder supremo reside de direito na Nação, representada pelo corpo dos Deputados congregados na Assembléa, e que consequentemente os Reis não são mais que os primeiros Magistrados; que, onde houvesse hum Principe tão pouco prudente que estabelecesse esta Representação Nacional nos Estados onde anteriormente ella se não achava em vigor, as cabeças provavelmente se electrizariam ao ponto de as verem bem depressa entregarem-se aos horribéis excessos, que exactamente em caso em tudo identico acontecêrão ha vinte e cinco annos em França.

He de advertir além d'isto, que por huma instituição não ter produzido algum máo effeito em hum Estado, não se segue por necessaria consequencia que deva experimentar-se igualmente a mesma felicidade em outro Estado, para onde essa mesma iustituição se quizesse transplantar. Esta reflexão he tão verdadeira, que todos os escri-

tores de maior credito em materia de Politica tem estabelecido como maxima geral, que no transportar de hum para outro Estado huma lei, ou qualquer regulamento, se deve primeiro que tudo examinar, se os costumes, os caractéres, os habitos da nação para a qual se intenta fazer esta transladação o permittem.

Mylord Bristol, Bispo de Londondery, que pelo seu original modo de pensar era tão conhecido até de nós os Italianos, entre os quaes tanto tempo habitou, e acabou seus dias, achou-se hum dia a jantar em casa de Lord Howhe no tempo em que o trans-torno da Monarquia Franceza era o assumpto de todas as conversações, e sobre o qual cada hum discorria ao seu modo sobre o Governo que convinha alli sustentar. Vendo elle que todos os outros convidados opinavão pela Constituição Ingleza, pegando em hum copo de vinho de Champanha, — Como quereis, disse elle, que huma Nação onde se pode beber usualmente ao jantar hum vinho tão espirituoso, se possa accommodar á Constituição de hum Povo, que não tem outra bebida que huma pezada e densa cerveja? — Esta agudeza, viva e

espiritnosa triumphou de todas as razões contrarias, e conduzio toda a companhia ao sentir do Conde de Bristol.

Os Francezes discorrêrão de hum modo totalmente diverso do dos commensaes de Lord Howhe, e bem depressa levárão o castigo d'isso. Trouxerão em 1789 de Inglaterra o systema da Representação Nacional com a mesma precipitação, com que vinte annos antes tinhão trazido dalli a moda dos Jardins irregulares, e a de andarem continuamente a cavallo (1).

(1) Luiz XV, que não amava os Filosophos, mas que infelizmente lhes deixou toda a liberdade de corromperem o espirito dos seus vassallos, plenamente conheceo a fatal influencia, que a mania por elles introduzida de imitar os usos e costumes Inglezes podia trazer comsigo a ruina da Monarquia; e deixou de quando em quando escapar algumas expressões que claramente attestavão a sua aversão a esta *Anglomania*, que nos ultimos annos da sua vida se tinha introduzido em França. — A todos he notorio em França o apodo verdadeiramente agudo, que o Monarca disse a hum dos seus Cortezãos moços ao voltar de huma das frequentes viagens que fazia a Londres; — Que tendes andado fa-

Mas a vivacidade da Nação Franceza, e o seu grande amor da novidade

zendo em Inglaterra? lhe perguntou Luiz XV.— *Apprendre à penser.* — *A penser des chevaux sans doute.* (*Aprender a pensar.* — *Certamente a pensar cavallos*), replicou o Rei, e lhe voltou as costas com ar de desprezo.

Tendo proposto Mr. Paris Duvernay, Director da Escola Militar, ao mesmo Principe, que introduzisse nella o estudo da Lingua Ingleza, foi a proposta recebida com frieza. Quiz o Director insistir, allegando quantas vantagens poderiam tirar d'esse estudo principalmente os Alumnos da Marinha; mas o Rei positivamente o excluio dizendo: *Ils ont perdu l'esprit de mon royaume, n'exposons pas la génération naissante au danger d'être pervertie elle-meme.* (*Elles tem perdido o espirito do meu Reino, não exponhamos a geração nascente ao risco de ficar tambem pervertida.*)

Como entre as modas Inglezas introduzidas em França huma das mais estimadas era a dos Jardins irregulares e agrestes, tão usados na Gran-Bretanha, Luiz XV induzio o seu Ministro Mr. Bertin a fazer aquelles famosos Jardins Chinezes, que todo Paris hia ver a Chatou perto de Neuilly. A intenção do Monarca era que o gosto d'elles se estentende entre os seus vassallos, para que, oppondo singularidade a singularidade,

fizerão que não se cingisse a copiar o original. O Governo Constitucional Inglez, que ella tantos annos considerára como a mais perfeita Constituição politica do Mundo, foi notavelmente alterada em França nos mesmos primeiros momentos em que se introduzio. E com effeito, ao passo que em Inglaterra a Representação Nacional foi sempre dividida em duas

se desacostumassem d'aquellas modas que lhe parecião ligadas a idéas que lhe desagradavão, porque as julgava funestas em Moral, em Religião, e em Politica; mas foi exactamente por esta ligação que o gosto Inglez triumphou do gosto Chinez, e que o exemplo de Mr. Bertin não teve imitadores.

Luiz XV estava tão persuadido que, attendido o character da sua pação; d'esta paixão pelas modas Inglezas passaria a adoptar tambem a Constituição politica da Grã-Bretanha, e por tanto a arruinar a Monarquia; que na occasião da Revolução Parlamentar disse hum dia ao Delfim estas memoraveis palavras, verificadas em França ao depois á risca:—*“Vós talvez chegareis ao fim; mas não he muito certo que vos succeda algum filho vosso, ou que se sustente no throno.—A moda dos Reis vai acabando.”*

Camaraes , huma dos Deputados do Povo, e a outra dos Pares que representam a Nobreza ; em França pelo contrario se concentrou inconsideradamente em huma só Assembléa , o que visivelmente dava huma grande tendencia para a Democracia. Em Inglaterra he o Rei pela Constituição revestido das maiores prerogativas ; e em França pelo contrario ficou Luiz XVI reduzido a não ser mais que hum simples fantasma da Dignidade Real ; assim , em brevissimo espaço de tempo foi a Monarquia inteiramente anniquilada ; e em huma grande Nação , inveterada no luxo , e em todos os vicios que d'elle são consequencia , se vio com admiração introduzir-se aquella especie de Governo que sempre se mostrára turbulenta até nos pequeninos Estados da Grecia.

Condillac , e todos os outros Filósofos que antes da Revolução exaltarão tanto as vantagens do Governo Constitucional , fallavão das nossas Monarquias da Europa como se em nada differissem dos Estados despoticos da Asia. Ora quem não vê n'isto a maior malignidade , e a mais visivel má fé ? Entre todos os Estados Christãos não ha hum só que seja despoti-

co , pois que , como muito bem advertio Montesquieu , esta monstruosa especie de Governo he de todo em todo incompativel com os preceitos da nossa Divina Religião. Por outra parte , o direito de propriedade , que os Soberanos da Europa tem sempre respeitado , a faculdade geral de testar , consequencia accessoria do direito de propriedade , hum Código de Leis civís e criminaes , pelo qual he limitada , e restringida a authoridade dos Tribunaes e dos Juizes , são outras tantas circumstancias , que ha muito tempo tem adquirido ás nossas Monarquias Européas o honorifico character de *moderadas* , que as differença essencialmente dos Reinos Asiaticos , onde o momentaneo capricho do Sultão , e dos Sátrapas he a unica lei.

Em vão se declama contra o poder absoluto dos Reis: em vão se diz que a liberdade civil he o bem principal dos homens , e que esta não se pode achar senão nos Estados, em que a Nação participa do exercicio da Soberania. Todos estes freios da authoridade dos Principes se tornão vãos e inuteis na pratica , se esses Principes não são virtuosos , e amantes do bem

dos subditos. O Governo de Napoleão he, como nós vimos, huma recente prova d'isto. E por isso os antigos, que nós com grande semrazão desprezamos, medião a tyrannia não já pela Constituição do Governo, mas sim unicamente pelo facto, ou pelo procedimento pratico dos Reinos (1).

A Europa no momento actual he bem feliz, pois que longe de ter que desejar ver encadeada a authoridade dos proprios Soberanos, deve antes anhelar que elles possam exercitar com toda a possivel energia o poder de que Deos os revestio, a fim de frustrarem deste modo os esforços, que os occultos inimigos da boa ordem tentão pôr em pratica para perturbarem de novo o publico socego. Em

(1) Quid interest inter tyrannum, et regem? Species enim ipsa fortunæ ac licentiæ par est: nisi quod tyranni ex voluptate sæviunt, reges non nisi ex causa, ac necessitate? Quid ergo non reges quoque occidere solent? Sed quoties id fieri publica utilitas persuadet. Tyrannis sævitia cordi est; tyrannus autem distat a rege factis, non nomine. Senec. de Clem. lib. 2. cap. 11. e 12.

nenhum outro tempo com effeito se deo huma combinação de Principes tão virtuosos, tão benéficos, e tão occupados no grande objecto do bem publico. Se ha dois annos, com exemplo inteiramente novo, elles se ligarão em estreita alliança entre si para abaterem aquella Potencia, que queria perpetuar no nosso continente o flagello da guerra, continuão a estar perfeitamente unidos a fim de consolidarem com os seus conselhos o inextimavel beneficio da paz, que com as suas armas derão á terra. Deixemos porém aos Historiadores e á imparcial posteridade o celebrar os factos e as virtudes dos Soberanos Europêos do principio do decimo nono Seculo. Julguei entretanto que devia tocar, por assim dizer, de fugida este ponto, para mostrar ao leitor quanto fóra de proposito os fautores das idéas liberaes tem escolhido hum tal tempo para apresentarem de novo em campo o systema do Governo Constitucional, cujo funesto exemplo he de tão recente data.

CAPITULO III.

Dos pretensos delictos de opinião.

Quando pelo meado do Seculo passado os Filósofos concebêrão o horrivel projecto de prostrarem todos os thronos, procurárão primeiro que tudo ganhar huma perfeita impunidade; procurando para este fim debilitar no espirito do publico o horror, que antecedentemente se tivera sempre ao delicto, que elles tinham tencção de commetter. Mas tambem sobre este ponto, como relativo a todas as outras suas maquinações, não apresentárão logo todo o veneno da sua doutrina, pois que assim terião no primeiro introito afastado os seus leitores.

Contentárão-se por então com espalhar hum grandissimo desprezo sobre a legislação criminal, que vião estar geralmente em vigor na Europa, pintando-a como incoherente, inhumana, e sanguinaria. Deploravão

com o tom mais pathetico a sorte do genero humano, que, em hum Seculo em que todas as outras Sciencias se achavão tão profundadas, a que decide da vida, e da honra dos homens estivesse ainda na infancia. Todos sabem quanto taes invectivas depois de 1770 se hajão repetido em todos os Reinos. E como parecia que ellas não tinham outro fim mais que advogar a causa da humanidade, produzirão por tanto o effeito que os Filósofos se tinham proposto. Vendo pois estes que o Mundo estava quasi geralmente prevenido contra a legislação criminal da Europa, passárão a atacar em particular aquella parte da mesma legislação, que tratava dos delictos d'Estado, caracterizando com o nome de méras opiniões politicas aquelles discursos, e aquelles meneios tendentes á subversão dos respectivos Governos existentes, que d'antes se tinham sempre posto na classe dos delictos de Lesa Magestade, e com razão, pois que quando este delicto está de todo consummado, já não ha meio de o punir.

„ He huma injustiça (diz o author
 „ do Systema Social) castigar hum
 „ homem por méras opiniões; se ha

„ couza , que me pertença de direito
 „ natural e divino, são os meus pen-
 „ samentos. Todas as Potencias da
 „ terra unidas nunca conseguirão
 „ obrigar-me a pensar aquillo que
 „ eu não quero , a ter por verdadei-
 „ ro e evidente aquillo que me pare-
 „ ce falso e absurdo. Se jámais hou-
 „ ve despotismo insensato, he aquel-
 „ le que quer dominar no entendi-
 „ mento e na razão dos homens. „ (1)
 Helvecio repetio quasi o mesmo (2);
 mas como foi possível não ver o en-
 gano, por não dizer o absurdo, des-
 tes raciocinios? Quando eu tenha o
 direito de pensar o que bem me pa-
 recer, tenho por ventura tambem o di-
 reito de o ensinar, de o professar pu-
 blicamente, de o escrever, de o im-
 primir? Hum sedicioso, punido por
 ter perturbado com às suas maximas
 o publico socego, he castigado por
 méras opiniões? Os meus pensamentos
 são propriedade minha sómente em
 quanto estão internos; nenhum poder

(1) *Système Social*. Parte II, c. 5.

(2) Helvetius, — *De l'homme, de ses fa-
 cultés intellectuelles, et de son Education*,
 t. I., sect. IV. c. 17.

humano pode ter inspecção nelles. Se eu os faço depois conhecer por meio dos discursos, dos escritos, e das acções, desde esse mesmo momento movem a sociedade; e a sociedade pode preservar-se justamente do damno que a sua contagação pode produzir, castigando para esse fim aquelles, que os espalharão.

Esta nova theoria extravagante, que converte em méras opiniões politicas os attentados contra o poder e authoridade dos Reinantes, e que em todo o tempo forão olhados como os mais odiosos entre os delictos, não se pode de modo algum sustentar sem que ao mesmo tempo se admitta o horrivel principio, tão exaltado da Filosofia moderna, de que em todos os Estados a Soberania reside intrinsecamente no corpo da Nação. Verdadeiramente nem o author do Systema Social, nem Helvecio, nem os outros escritores, que forão dos primeiros em espalhar esta mal entendida jurisprudencia, o disserão; mas, como já observei, todos sabem, que os Filósofos não espalharão logo ao principio todo o veneno das suas pestilentes doutrinas. A' medida pois que elles se hão asenhoreando da opinião publica, e

que consequentemente vião que se hia avizinhando a época do cumprimento dos seus votos pela destruição do Throno , abandonarão toda a reserva atéalli praticada ; e sobre o revoltoso principio da pretendida Soberania do Povo fundarão abertamente a sua dita nova theoria , que transformava em méras opiniões politicas os verdadeiros crimes de Lesa Magestade.

João Paulo Marat, nove annos antes que surdisse a Revolução Franceza , na qual por desgracia do genero humano teve tanta parte , publicou hum projecto de Legislação Criminal , que teve subitamente grande voga , não só na sua Nação , mas tambem na Alemanha , e na Suissa , onde pela primeira vez foi impresso (1). Depois de na primeira parte desta Obra , com o pretexto de estabelecer os principios de huma boa Legislação , se ter abandonado ás mais vehementes invectivas contra todas as Monarquias da Europa , e de modo que demonstrava que não contava nenhuma entre os Governos legitimos ,

(1) *Plan de Législation criminelle , par M. Marat. Neuchatel. 1780.*

passou no principio da segunda parte a expender mais claramente o seu modo de pensar sobre este ponto, dizendo expressamente que pela palavra *Soberano* entendia unicamente a Nação unida em corpo, e por meio dos seus Representantes. Estabelecido este sedicioso principio, o qual, como todos vêem, he o mesmo do Contrato Social de Rousseau, entra Marat a fallar dos crimes de Estado, os quaes divide em duas classes, isto he, em *falsos*, e *verdadeiros*. Na primeira classe põe todos os attentados contra os Principes, e na segunda os que se commettem contra o Estado. Mas he bem o ouçamos a elle mesmo, pois que o absurdo das razões, com que pretende sustentar esta nova jurisprudencia, se descobre logo por si mesmo sem necessidade de refutação alguma.

„ De se considerarem aquelles que
 „ tem as redeas do Governo (diz elle)
 „ como absolutos senhores dos Po-
 „ vos, quantos crimes de Estado se
 „ tem introduzido, que não tem por
 „ objecto o Estado ! Nem podia ser
 „ de outro modo ; homens que querião
 „ destruir a liberdade, temião tudo
 „ aquillo que a podia manter ; d'a-

„ qui, para se descartarem d'aquel-
 „ les que tinham o valor de se oppo-
 „ rem a tão negro attentado, preci-
 „ savão achallos culpados, e em bre-
 „ ve fizeram do amor da patria hum
 „ crime. Destruida a liberdade, te-
 „ mêm tudo aquillo que podia a el-
 „ la revocar os animos; e por isso eri-
 „ girão em crimes o recusar obedecer
 „ ás suas ordens injustas, o reclamar
 „ os direitos do homem, o lastimar
 „ os infelices opprimidos. Chegados
 „ ao ponto de não contarem por Es-
 „ tado senão as suas pessoas, qualifi-
 „ cário delicto tudo aquillo que lhes
 „ fazia sombra; e cavou a tyrannia
 „ abysmos debaixo dos pés dos Cida-
 „ dãos. Assim que o Principe se achou
 „ senhor do poder supremo, prodiga-
 „ lizárão-lhe os aduladores os titulos
 „ mais pomposos, e, entre outros, o de
 „ Sagrada Magestade, e erigirão em
 „ crimes de Lesa Magestade tudo
 „ aquillo que lhe desagradava.,,
 Supprimo aqui algumas outras pas-
 sagens mais incendiarias contra as
 pessoas dos Monarcas, e continuo a
 referir os raciocinios de Marat, rela-
 tivos a estes pretendidos falsos crimes-
 d'Estado.

„ Nada ha mais repugnante (diz

„ elle) que as falsas idéas , que Le-
 „ gistas assalariados tem dado dos
 „ crimes d'Estado : tem elles com-
 „prehendido debaixo d'esta denomi-
 „ nação tudo aquillo que se faz con-
 „ tra o Principe, tendo para esse fim
 „ dividido os crimes de Lesa Mage-
 „ stade em differentes classes.

„ Deixando ao Principe o titulo de
 „ Magestade, todos os crimes que se
 „ commettem contra elle são com ef-
 „ feito crimes de Lesa Magestade ;
 „ mas estes crimes de Lesa Magesta-
 „ de não são crimes d'Estado. Pelo
 „ contrario restituindo-se ao Sobera-
 „ no o titulo de Magestade (e por
 „ esta palavra entendo sempre ,
 „ *acrescenta elle em nota*, a Nação)
 „ restituindo-se ao Soberano , aliàs
 „ ao Povo , o titulo de Magesta-
 „ de , que só a elle pertence , he
 „ claro que todos os crimes de Lesa
 „ Magestade são verdadeiros crimes
 „ d'Estado ; mas então os crimes
 „ contra o Principe já não são cri-
 „ mes de Lesa Majestade ,, (1).

E como se com todas estas passa-

(1) *Plan de Législation criminelle par Marat. Edit. de Paris chez Rochette, 1790 Seconde partie, 1 sect., chap. 1. pag. 41 et s.*

gens tão atrevidas elle não tivesse exprimido assás claramente o seu modo de pensar, e para que ninguém podesse duvidar que inteiramente se devião desterrar da Jurisprudencia Criminal os delictos de Lesa Magestade no sentido em que sempre até alli se tinham entendido, passou Marat depois a applicar a sua nova theoria aos casos particulares.

Em primeiro lugar, diz elle que os escritos contra o Principe, bem longe de serem olhados como delictos de Lesa Magestades, devem pelo contrario ser permittidos e animados (1). — Diz que n'esta classe igualmente se não devem comprehender nem as reclamações contra o Principe, nem a resistencia ás suas ordens injustas (2). — Vai ainda por diante, e diz que nem tão pouco os attentados contra a.... Mas aqui me cahe da mão a penna de horror.

Deixemos no esquecimento que merece este novo projecto de Legislação criminal, formado por hum dos mais

(1) Marat, *ubi supra*. Edic. de París, pag. 43.

(2) Marat, *ubi supra*, pag. 45.

atrozes revolucionarios que a França teve: nem eu ousára fallar d'elle, se não víra esta extravagante theoria, que converteo em méras opiniões politicas os mais odiosos delictos de Lesa Magestade, incluída nas pretendidas idéas liberaes, que, como ao principio dissemos, andão agora em tanta voga no Mundo. E com effeito, segundo os fautores d'essas idéas, todos aquelles que ha vinte annos a esta parte tem com as suas maquinações e tramas contribuido tanto para a queda dos respectivos legitimos Soberanos não são réos senão de meras opiniões! Ora, todos conhecem muito bem, como eu ha pouco dizia, que não se pode admittir tão grande absurdo, sem que ao mesmo tempo se admitta o horrivel principio de Rousseau, de Marat, e de todos os outros Filósofos modernos, de que a Soberania em todo e qualquer Estado reside de direito no corpo da Nação, e que os Reis não são mais que Ministros e primeiros Magistrados do Povo. Restitua-se porém o verdadeiro nome ás couzas, e, no rigor das antigas leis penaes sobre o crime de rebellião, temão os entranhaveis inimigos da suprema authoridade dos

Príncipes, assim como da boa ordem publica, temão, digo, haverem de ficar sujeitos ás penas das mencionadas leis antigas, toda a vez que tiverem a tentação de se entregarem de novo áquelles discursos, áquellas correspondencias, áquelles conluios, áquellas tramas, que nestes tempos atrás impunemente praticarão, e que tão fataes tem sido ao Mundo.

Mas prosigamos em decobrir e pôr no seu verdadeiro monstruoso aspecto todos os outros extravios, que os fautores das idéas liberaes desejão, com este especioso nome, fazer de novo dominar no Mundo. Os Filósofos do decimo-oitavo seculo, antes de pôrem descobertamente em pratica a conjuração contra o Throno, da qual até agora temos fallado, trabalharão á cerca da outra que tinha por alvo a subversão do Altar, persuadidos de que, em quanto os antigos sentimentos religiosos continuassem a reinar no espirito dos homens, e consequentemente se continuasse a olhar como hum positivo dever de Religião e de consciencia a submissão aos Monarcas da Terra, jámais elles poderião conseguir o cumprimento do seu sedicioso intuito. E infelizmente se não enga-

nárão no modo que devião seguir para effectuarem a sua mencionada conspiração anti-religiosa. Foi este meio o prégarem a tolerancia, ou por outros termos a total indifferença em materia de Religião. Esta doutrina da tolerancia indefinita ainda não se riscou da mente dos homens, apesar de se terem visto os amargos fructos que tem produzido. He huma das muitas maximas que se põem no numero das idéas liberaes; e por isso he bem que eu passe a fallar d'esta em huma Obra, que se dirige a preservar o Mundo da contagião d'estes novos factores dos erros e das publicas calamidades.

CAPITULO IV.*Da Tolerancia.*

ARTIGO I.

O systema da Tolerancia, tão gabado dos pretendidos Filósofos do Seculo decimo oitavo, e que agora se reproduz e se põe no numero das Idéas liberaes, não he mais que huma culpavel indifferença em materia de Religião.

DEos não pode approvar cultos que mutuamente se destroem : a justiça e a injustiça, a luz e as trevas, a fé e a incredulidade não podem ligar-se entre si. Huma Religião que tolera todas as outras, não he hum Culto, he a destruição de todos os Cultos ; porque a indifferença para com todos os Cultos contradiz abertamente a idéa de hum Deos sabio,

unico, e verdadeiro; porque suppõe no homem hum formal desprezo da verdade, e indolencia em se instruir d'ella, incompativel com o que se deve a Deos.

A Religião Catholica, Apostolica, e Romana he incontestavelmente a unica boa, a unica segura, a unica verdadeira. He esta huma verdade que os Apologistas tem provado com huma serie de deducções tão luminosas e convincentes, que dellas tem concluido como legitimo corollario não haver meio termo entre o Catholicismo e o Atheismo. Ora qualquer que professa huma tal Religião, e está persuadido da sua verdade, deve ser apaixonadamente afferrado a ella, e consequentemente não pode deixar de olhar todos os outros Cultos como outros tantos ultrages feitos á Divindade. Não pode ter aquella indifferença para com todas as Religiões, que os Filósofos quererão ver geralmente estabelecida, pois que conviria que abjurasse a sua; cumpriria que fosse falsario e mentiroso; e com effeito não depende de nós olhar como falso o que he verdadeiro, duvidar quando estamos convencidos, considerar a verdade e o erro como cousas indif-

ferentes. Os Hebreos , como reflecte muito bem a este proposito hum impugnador do moderno filosofismo, sempre seguirão as mesmas maximas que os Catholicos no ponto da Tolerancia, pois que , assim como estes agora, possuirão elles por tempos o deposito precioso da verdade , que he huma, santa, zelosa, e que não se pode unir á mentira (1).

A intolerancia dos Catholicos, longe por tanto de merecer todas as violentas diatribes com que tem sido atacada pelos Filosofos, he tambem huma fortissima prova da verdade da nossa Religião. O erro pode tolerar o erro ; mas quem teve a ventura de conhecer a verdade , não pode deixar de amalla, e de lhe ser muito affer-rado.

Quem com effeito não he de todo hospede na Historia, sabe que esta intolerancia dos Catholicos foi hum dos principaes motivos que induzirão Henrique IV a abjurar o Calvinismo. Todas as razões politicas e interesses particulares suggerião a este Princi-

(1) *La vraie Philosophie, par le P. Elie Harel.* Paris, 1783. pag. 146.

pe que passasse ao partido dos Catholicos, pois que a sua adhesão aos Protestantes era a unica couza que nelle desagradava ao geral da Nação; mas elle, que por desgraça tinha sido creado no erro, não o quiz fazer, porque ainda não estava desenganado. Se elle fora indifferente em materia de Religião, ter-se-hia feito Catholico depois da morte de Henrique III, pois que dando este passo vinha a remover todos os obstaculos, sabendo muito bem que a sua adhesão ao Calvinismo era, como já disse, o unico defeito que a Nação aborrecia na sua pessoa; não se determinou porém a tomar semelhante partido senão no fim de quatro annos, que he o mesmo que dizer — quando, depois de já ter aterrado a Liga e triunfado de todos os seus inimigos, lhe não podia já a coroa ser disputada pela força das armas. As circumstancias em que Henrique se converteo, e o cuidado que tanto tempo empregou para conhecer em qual das duas Religiões, que então reinavão em França, residia realmente a verdade, attestão pois, torno a dizer, que elle não era indifferente em materia de Religião. Ora, entre as ou-

tras muitas razões que o determiná-
 rão , huma dellas foi esta intoleran-
 cia dos Catholicos tão desacreditada
 pelos Filósofos. Tinha elle sabido do
 seu amigo Sully, que cinco dos mais
 acreditados Ministros da Reforma
 plenamente convinhão no seu proje-
 cto de conversão, concordando todos
 elles livremente que tambem na Re-
 ligião Catholica se podia chegar á
 eterna salvação. Alguns outros Minis-
 tros attestarão directamente a Henri-
 que a mesma couza, como refere o
 douto Arcebispo de París, que escre-
 veo a sua vida. „ Hum historiador
 „ (diz elle) refere que tendo o Rei
 „ mandado fazer na sua presença
 „ huma conferencia entre alguns Dou-
 „ tores de huma e outra Igreja, e
 „ vendo que hum Ministro convinha
 „ que podia salvar-se tambem na Re-
 „ ligião Catholica, levantou S. M. a
 „ voz, e disse ao mesmo Ministro:
 „ — Sois vós pois de parecer que se
 „ pode chegar á eterna bemaventu-
 „ rança tambem na Religião dest'ou-
 „ tros Senhores? — O Ministro respon-
 „ deo, que nada d'isso duvidava, com
 „ tanto que se vivesse bem. Então o
 „ Rei replicou mui judiciosamente:
 „ — Pede pois a prudencia que eu

„ seja da sua Religião , e não da
 „ vossa ; pois que abraçando a sua ,
 „ eu me salvo segundo elles dizem , e
 „ segundo vós dizeis ; ao passo que
 „ continuando a estar na vossa , eu
 „ sim me salvo segundo vós dizeis ,
 „ mas não segundo elles dizem (1)».

Este raciocinio , que tanto contri-
 buio para dispor Henrique a favor
 da Religião Catholica , he com effei-
 to assás concludente ; e em vão Rous-
 seau , no seu livro do Contrato So-
 cial , procurou debilitallo , dizendo ,
 com aquelle tom de oraculo , que lhe
 era tão familiar , que a razão pela
 qual se diz que Henrique IV abra-
 çára a Religião Romana , devêra tam-
 bem fazella abandonar de qualquer
 homem próbo , e sobre tudo de qual-
 quer Principe que discorra. Clara-
 mente se vê que o Cidadão de Gene-
 bra allude n'este lugar á doutrina ex-
 clusiva dos Catholicos contra a qual
 se tinha desenfreado tanto na mesma
 Obra , a ponto de dizer que se de-
 vem tolerar todas as Religiões, excepto
 aquella que se atreve a dizer = *Que*
fôra da Igreja não ha salvação.

(1) *Vie de Henri IV par Monseig. de*
Perefixe, Archevêque de Paris.

Locke , muito antes de Rousseau , tinha sustentado o mesmo no seu *Christianismo racional* , e mais diffusamente ainda na sua *Carta sobre a Tolerancia*. Durante a sua estada em Hollanda , aonde se retirou em companhia do seu protector o Conde de Shaftesbury , que tinha incorrido na desgraça da Corte , contrahio grande familiaridade com Leclerc , Limborch, e outros muitos doutos d'aquelle paiz, huns d'elles Socinianos, outros Ariminianos , os quaes então trabalhavão de acordo por introduzir huma illimitada tolerancia entre as differentes Communhões do Christianismo antigas e modernas, e por fazer que todos aquelles que tinham os nomes de Cristãos, não só vivessem em paz huns com os outros , mas tambem se considerassem todos estarem na estrada da salvação , qualquer que fosse a diversidade que existisse nos dogmas , de que fazião profissão.

Segundo estes principios, tão repetidos nas duas apontadas Obras de Locke , nem Sabelio quando confundio as tres Pessoas da Trindade, nem os Triteistas quando dividião em tres a natureza e a essencia de Deos, nem Ario e Macedonio quando poserão

no numero de creaturas hum o Filho de Deos, e o outro o Espirito Santo, nenhum sem summa injustiça podia ser separado da Communhão da Igreja; todos elles caminharão pela estrada da salvação; e ainda hoje se poderiam crer as mesmas cousas que crêrão aquelles heresiarcas, sem temor algum de fazer naufragio na Fé. Não fraternizão com effeito os Calvinistas com os Lutheranos, ainda que estes tenham conservado o dogma da presença real, que os primeiros considerão como huma idolatria dos Catholicos? Sómente estes ultimos, olhados como pessoas essencialmente intolerantes, são excluidos no systema de Locke do beneficio desta universal fraternidade, de modo que claramente se vê que Rousseau, na passagem ha pouco indicada, não fez mais que copiar o Filosofo Inglez, como os sectarios das idéas liberaes copião actualmente hum e outro, prégando-nos de novo a doutrina da Tolerancia.

A Igreja Romana he realmente intolerante; mas esta intolerancia que os Filosofos, de acordo com os Heterodoxos, tão agramente reprovão, não hé outra cousa mais que a sua

fidelidade , a sua firmeza em conservar em toda a sua pureza o sagrado deposito da Divina verdade , que ella está encarregada de ensinar , e de transmittir de geração em geração até o fim dos Seculos , do mesmo modo que lhe foi pelo seu Divino Mestre confiado. Ella não soffreria que nelle se fizesse a minima alteração. Todo o erro , huma vez que offenda temerariamente as maximas da sua crença , deve ser rejeitado do seu seio. Esta inflexibilidade de sentimento tem a sua origem na infallibilidade , que ella faz profissão de sustentar , como hum dos pontos fundamentais da sua doutrina. Crêra que os renunciava , se depois de ter pronunciado sobre qualquer dogma , continuasse a admittir á sua communhão aquelles , que se fizessem refractarios e rebeldes ás suas decisões. Se podesse dissimular e trahir huma unica das verdades do seu Symbolo , cessaria de ser huma depositaria fiel , e a Religião que ella ensina não seria já considerada como huma Religião essencialmente verdadeira , cujos dogmas e cujos preceitos dimanavão da Authoridade Divina.

Eis aqui em que sentido a Igreja

Romana he e deve ser necessariamente intolerante; sem que por outra parte possa por isto merecer a nota de ser perseguidora. Esta calumnia, que tanto resôa a cada pagina das obras tenebrosas dos pretendidos Filósofos do décimo-oitavo Seculo, e que elles tomárão do famoso Commentario filosofico de Bayle, não tem outro fundamento mais que a confusão, maliciosamente feita por este fantasioso escritor, da Tolerancia theologica com a Tolerancia civil, a qual he sem duvida outra cousa.

Debaixo desta ultima denominação se entende a liberdade concedida pelo Governo aos que seguem differentes Cultos, fóra da Religião dominante do Estado, de seguirem os ritos e a disciplina d'ella, de ensinarem os seus dogmas nas suas assembléas, e de professarem mais ou menos publicamente o seu exercicio. E para fallar em concreto dos nossos Estados Catholicos da Europa, esta denominação de tolerancia civil designa a permissão, que, segundo as convenções, os tratados, as leis, tem os sectarios do Lutheranismo, do Calvinismo, e das outras Seitas heterodoxas introduzido, depois da pretendida reforma do Se-

culo decimo-sexto , de professarem o seu exercicio de hum modo mais ou menos extenso , mais ou menos limitado. Mas ou conceda hum Soberano Catholico aos Heterodoxos esta tolerancia , ou lha negue , o que ainda he melhor , quando se possa fazer sem comprometter a segurança , e a tranquillidade do Estado , he fóra de toda a duvida que similhante tolerancia nada tem com a tolerancia theologica , que he a que interessa aos Filozofos estender , e radicar na opinião dos homens. Este genero de tolerancia , como temos mostrado em todo o decurso do presente artigo , se reduz em ultima analyse a huma indifferença total para com todos os cultos : erro abominavel , e que não pode sobejamente ser detestado por hum Catholico ; pois que não só o levaria a abjurar a sua Religião , mas terminaria fazendo-o cahir nas trevas e nos erros do Atheismo , como no artigo seguinte mostrarei.

ARTIGO II.

*A indifferença em materia de Religião
conduz necessariamente ao Atheismo.
Fatal influencia, que hum tal systema
tem por sua natureza na Socièdade.*

Voltaire, que os Filósofos do Seculo decimo oitavo olhão com razão como o fundador e Patriarca da sua seita, escolheu para atacar a Religião hum methodo, cujas pizadas Bayle lhe havia apontado; que foi, espargir hum ar de indifferença sobre todas as verdades, que formão o objecto da crença dos Christãos. Desde os primeiros momentos em que entrou na carreira litteraria, logo deixou entrever este systema, do qual nunca deixou de fazer o uso mais funesto em todo o decurso da sua longa vida. A *Henriade* (ou Henriqueida), que he exactamente huma das suas primeiras producções, he huma prova d'isto; pois que se bem á primeira vista parece este Poema consagrado á victoria da Fé sobre o erro, sem embar-

go d'isso, considerando-o bem, se vê que elle tinha por objecto espalhar a doutrina da indifferença total em materia de Religião. Tal he com effeito o character que Voltaire constantemente dá ao seu Heroe; e a authorisar esta doutrina se dirige a maior parte dos discursos que lhe põe na boca. Deste modo, prestando o Poeta a Henrique o seu proprio modo de pensar, persuade os leitores de que esse era effectivamente o do grande Rei. E d'aqui se formou a opinião, quasi geral, de que Henrique não tinha mudado de Religião senão por interesse e por politica, e que da sua conversão lhe não ficára mais que humma absoluta indifferença para com todos os Cultos.

Antes de Voltaire publicar o dito seu Poema da *Henriade*, communicou o manuscrito a João Baptista Rousseau. Este célebre Lyrico facilmente percebeo a contradicção que havia entre o objecto do Poema, e o espirito que o dictára: aconselhou por tanto o author que supprimisse as frequentes invectivas contra a Igreja Romana, contra os Papas, contra os Frades, e em geral contra todas as intituições do Catholicismo,

fazendo-lhe ver que hum Poema Epico não deve ser tratado como hum Satyra. Porém o projecto, que Voltaire havia concebido, de mudar o espirito religioso da sua nação, não lhe permittio render-se a estes conselhos dictados pela razão, e pelo bom gosto. Sahio a obra á luz como tinha sido imaginada; e o bom Henrique, a quem nunca lembrou dogmatizar, mostrou-se aos olhos do publico em ar de hum dissertador, que solta pomposamente sentenças filosoficas, sem lhe importar se ellas convem ou não ao seu character, e á pessoa que deve representar.

Quando, no primeiro Canto, Henrique aporta á Ilha de Jersey, e se apresenta ao Solitario da mesma Ilha, lhe diz:

„*Hélàs! Un dieu si bon, qui de l'homme
est le maitre,*

En eut été servi, s'il avoit voulu l'être. „

„Ah! Hum Deos tão bom, qu' he se-
nhor do homem,

D'elle fôra servido, se quizera. „

Qual he o fito desta máxima, que o Poeta põe na boca do seu Heroe? He evidentemente o fazer todos os homens indifferentes sobre o artigo da

Religião , lançando a culpa do mesmo Deos a causa dos seus erros.

Mas este dogma caracteristico do moderno Filosofismo ainda torna a apparecer de hum modo mais repugnante no segundo Canto , no qual Henrique , fallando com a Rainha Isabel, lhe diz :

Je ne décide point entre Geneve et Rome.
„ Entre Roma e Genebra não decido. „

E não decide elle realmente com o facto , combatendo pelo partido de Genebra , contra a Religião de Roma , e implorando o soccorro de Isabel para fazer triumphar o primeiro sobre as ruinas da outra ? Convinha por outra parte a Henrique , Chefe de hum destes dois partidos, lançar igualmente sobre ambos elles os horrores das guerras civis ? Em fim , se elle não via a verdade mais em huma que na outra Religião , porque não abraçou logo aquella que lhe abria a estrada do throno , e cuja profissão teria feito cessar huma guerra sanguinosa com os seus proprios subditos ?

Vê-se pois que o character , que Voltaire dá a Henrique IV , para o transformar em hum Filosofo do Seculo

decimo oitavo , não só he contra as condições e regras da Epopéa , a qual exige que se fação fallar os Heroes conforme o character das pessoas que representam , mas tambem os sentimentos de humanidade que formavão particularmente o character de Henrique. Se este Principe fôra de todo indifferente em materia de Religião , devia logo ao principio da Liga fazer-se Catholico , como já disse no artigo precedente ; pois que elle bem sabía , que não era a sua pessoa que desagradava ao geral da Nação , mas sim unicamente a sua crença. Devia procurar poupar aos seus subditos os horrores da guerra civil , adoptando a antiga Religião do Reino. Esta mudança , que , segundo o Cantor da *Henriade* , era indifferente ao seu Heroe relativamente á consciencia , não o podia ser ao seu coração. A humanidade e o patriotismo de Henrique , unidos aos seus particulares interesses , e á felicidade dos povos sobre que era chamado a reinar , não o devião deixar hum só instante em duvida sobre o partido que lhe convinha tomar ; de outra sorte seria insensato o seu procedimento , e até atroz , fazendo a guerra aos seus subditos por hum

culto, em que elle não cria. E entre tanto unicamente sobre o desprezo de todas estas considerações he que se tem estabelecido a opinião da sua pretendida indifferença em materia de Religião.

Depois de ter publicado a *Henriade* fez Voltaire huma viagem a Inglaterra. Condorcet, seu discipulo mimoso, e que foi tambem o compilador da sua vida, refere que na Sociedade dos Livres Pensadores d'aquella Ilha concebeo elle o projecto de destruir todas as preocupações, de que era escravo o seu paiz natal. Por preocupações já ao principio eu disse que se devia na nova linguagem filosofica entender tudo aquillo, que a experiencia dos Seculos havia consagrado para manter os povos na pratica dos seus differentes deveres, e principalmente depois tudo aquillo, que a Fé propõe mais respeitavel á crença dos Christãos. E com effeito, regressado que foi Voltaire da Inglaterra, ansiava pôr em execução o seu indicado projecto. Mas ou fosse que os ouvidos dos seus concidadãos ainda não estivessem dispostos a receber abertamente positivas impiedades, ou que elle temesse os procedimentos dos

Magistrados, os quaes ainda naquelle tempo não tinham affrouxado o rigor das antigas leis concernentes á censura dos livros, continuou ainda algum tempo a usar de contemplações; contentando-se, como fizera anteriormente na *Henriade*, com diffundir o indifferentismo. A Zaíra he a producção, que elle principalmente escolheu para este fim. Infinitas são com effeito as passagens que nesta Tragedia, ainda hoje mesmo representada, e tão applaudida, se encontrão dirigidas todas a inspirar esta perfeita indifferença de todos os Cultos.

Eis aqui como a Heroína do Drama se exprime sobre este ponto logo na primeira scena:

*Je le vois trop, les soins qu'on prend de
nôtre enfance*

*Forment nos sentimens, nos mœurs, notre
croyance.*

*J'eusse été près du Gange, esclave des faux
Dieux,*

*Chrétienne dans Paris, Musulmane en ces
lieux.*

*L'instruction fait tout, et la main de nos
pères*

*Grave en nos faibles cœurs ces premiers
caractères,*

*Que l'exemple et le tems nous viennent re-
tracer,*

Et que peut-être en nous Dieu seul peut effacer.

„ Bem vejo, a educação da nossa infancia
 Nos forma opiniões, costumes, crença.
 No Ganges fôra d'Idolos escrava,
 Fôra em París Christã, como aqui Moura.
 Faz tudo o ensino, e em nosso tenro peito
 Grava a paterna mão taes caracteres,
 Que nos vem avivar o exemplo, e o tempo,
 E que em nós talvez só Deos riscar pode. „

Não ha duvida que as instrucções da infancia inspirão as maximas do Culto que reina no lugar onde cada hum nasce; demais, todos os objectos, que cercão o homem no decurso da sua educação, tendem a confirmallo nas mesmas maximas, que por isso se pode dizer que são quasi bebidas com o leite; mas pregoar no theatro similhante doutrina, erigilla em máxima em hum lugar, onde não he possivel fazer séria discussão, apresentar de hum modo vago, e sem o mais pequeno correctivo este mesmo principio, que he susceptivel de hum sentido assaz perverso, não era acaso offerecer aos espectadores idéas perigosas, das quaes estão sempre assaz propensos a abusar? Não era espalhar

dúvidas sobre a verdade da sua Religião , fazendo-lhes crer que não são Christãos senão por prejuizo da educação , e em ultima analyse persuadir-lhes que os differentes cultos que ha no Mundo , são em si mesmos de todo indifferentes ?

Voltaire, n'esta sua tão famosa Tragedia , tende igualmente a inspirar indifferença para com todas as Religiões , quando em outra scena põe na boca de Zaíra a seguinte exprobação contra o mesmo Deos :

Eh ! pourquoi mon amant n'est il pas né pour lui ?

Orosmane est il fait pour être sa victime ?

„ Ah ! por que o amante meu lhe não pertence ?

He para ser sua victima Orosmão ? „

Com estes dois versos dá o Poeta a conhecer aos espectadores , que todas as Religiões são totalmente indifferentes , com tanto que seja hum homem virtuoso , como elle tanto havia estudado pintar o amante de Zaíra ; mas ainda se exprime sobre este objecto mais claramente nos outros dois versos seguintes , com os quaes acha Zaíra que o titulo de Christão

nada accrescentaria mais ao mérito de Orosmano , e que lhe devem bastar as suas virtudes.

*Généreux, bienfaisant, juste, plein de vertus,
S'il était né Chrétien, que serait il de plus ?*
„ Liberal , bemfeitor , e virtuoso ,
Se nascêra Christão , que mais tivera ? „

Estas passagens irreligiosas espalhadas pela Tragedia Zaíra , assim como na *Henriade* , e em outras que taes producções , não tinham outro objecto mais que tactear , por assim dizer , o gosto do publico , e preparallo a acolher favoravelmente o novo genero de Filosofia , que Voltaire se havia proposto introduzir na sua nação. As circumstancias lhe forão favoraveis ; pois que a corrupção dos costumes que , depois da morte de Luiz XIV. , da Corte do Regente se introduzio nas grandes sociedades , promettia huma segura e facil adhesão á nova maneira de pensar em materia de Religião , que , como já se disse , Voltaire se havia proposto generalizar entre os seus compatriotas ; assim , deixando todos os timidos respeitos , que continuou ainda a observar por algum tempo depois da sua volta de Inglaterra , tirou a máscara

de todo, e começou a atacar directamente a Religião de seus pais. Nelle tomou a irreligião hum caracter de ódio, e de furor, que não conheceo limite algum, e sustentou este seu novo papel com huma pertinacia, que nada pôde affrouxar. Nada com effeito escapou á sua critica atrevida; o Deposito da Revelação, os Dogmas, os Ministros, os Milagres, as Profecias, a Tradição, a Lithurgia, em summa, tudo aquillo que até então fora objecto da publica veneração, ficou sujeito aos seus sacrilegos sarcasmos. O seus numerosos discipulos o auxiliárão tambem admiravelmente neste execravel projecto de desterrar da terra o Christianismo, e estabelecer sobre as suas ruinas o Deismo: assim, quando nos passados Seculos apenas se achavão alguns incredulos entre os libertinos, ou entre alguns homens de letras nimiamente orgulhosos do seu saber; pelo meado do Seculo passado de tal modo se tinham multiplicado em todos os Estados e em todas as classes da Sociedade, que mais de huma pessoa disse, que a incredulidade era a grande heresia do décimo oitavo Seculo. Mas não continuárão os Filo-

sofos por muito tempo a prégar o Deismo ; bem depressa lhe substituirão o Materialismo.

Esta he a terrivel progressão que ha tido , e em assaz breve espaço de tempo , o systema daquella total indifferença em materia de Religião tão gabada do Filosofismo do decimo oitavo seculo debaixo do especioso e illusorio nome de Tolerancia. O prégar por tanto a Tolerancia he o mesmo que prégar o Atheismo , visto que ella a este necessariamente conduz ; e o prégar o Atheismo he o mesmo que prégar a destruição dos fundamentos da Moral, das virtudes , dos deveres do homem , e de todos os vinculos da sociedade.

He verdade que o author do Systema da Natureza, que no Seculo passado foi o mais atrevido pregoeiro do Atheismo , asseverou com toda a affonzeza , que não he a Religião , mas sim as Leis , quem sustenta a Sociedade. Helvecio , e outros muitos disserão o mesmo ; porém esta opinião ha dois mil annos já que se acha refutada até pelos Poetas , sendo sabida geralmente a seguinte passagem de Horacio (1).

(1) Ode XXIV. 35, 36.

Quid leges sine moribus

Vanæ proficiunt ?

„De que servem as leis sem bons costumes?„

Não ignoro que os escritores acima citados também elogião muitíssimo a Moral, e apontão os seus preceitos; mas também sei que, se tem havido no mundo contradicção e extravagância, he está. A moral do Materialista he huma palavra totalmente sem sentido; he huma couza absolutamente inintelligivel: «Se eu sou hum ser „ puramente material, „ (reflecte muito bem hum escritor, que refutou o livro do Systema da Natureza,) „ se eu sou hum ser puramente material, se o meu procedimento, bom „ ou máo, virtuoso ou vicioso, util „ ou nocivo, he huma concatenação „ de acções igualmente necessarias, „ como o são todos os outros movimentos do Universo; e em summa „ se a todos os respeitos e em todos „ os instantes da minha vida eu não „ sou mais que hum instrumento passivo nas mãos da necessidade, então sou necessariamente aquillo que „ sou, e que devo ser. O homem honrado e de bem he huma maquina „ de beneficencia; o malvado he huma

„ maquina de crimes ; o homem de-
 „ bil e pusillanime huma maquina de
 „ remorsos ; o Athêo huma maquina
 „ de blasfemias ; exactamente do mes-
 „ mo modo que hum moínho he hu-
 „ ma maquina de moer , e hum ro-
 „ lojo huma maquina para medir o
 „ tempo . . . Pergunto eu, (prosegue o
 „ mesmo escritor) se isto são principios
 „ sobre que se possa fundar systema
 „ algum de moral ? Eu certamente os
 „ acho mais proprios para fazer an-
 „ dar a cabeça á roda, do que para
 „ nos estimularem á virtude (1).

Em vão o Author do Systema da
 Natureza, para sustentar que, ainda
 que se exclua a Religião, se não ex-
 clue a Moral, assevera que a carrei-
 ra da virtude he inseparavel da nos-
 sa felicidade. „ Indicar (diz elle) ao
 „ homem os seus deveres, he indicar-
 „ lhe os meios que deve pôr em pra-
 „ tica para chegar ao termo que in-
 „ cessantemente se propõe, que he a
 „ felicidade. Provar que huma acção
 „ he do seu dever, he provar-lhe que
 „ na pratica elle obrará de hum mo-

(1) *Reflexions philosophiques sur le
 Système de la Nature, par M. Holland.
 Londres, 1773.*

„ do conforme aos seus verdadeiros
 „ interesses ; e que pelo contrario, omit-
 „ tindo-a , diminuirá o numero dos
 „ sentimentos agradaveis, que houve-
 „ ra podido grangear. » (1) Bellas
 promessas são estas , mas frequêntis-
 simamente se achão desmentidas pela
 experiencia. Em mil occasiões succe-
 de que o exercicio da virtude , bem
 longe de ser acompanhado de felici-
 dade, comsigo traz os maiores males ;
 em consequencia do que , se a Moral
 não tivesse outros motivos que nos
 propor, mais que os interesses desta
 vida , fora huma bem quimerica sci-
 encia (2). Pelo contrario tudo muda

(1) Passagem extrahida por Mr. Hol-
 land, *ubi supra*.

(2) Nada ha com effeito mais quimerico
 que a moral dos atheos fundada unicamen-
 te nos interesses d'esta vida. Como hum tal
 systema foi repetido em tantos livros ,
 por isso seduzio por algum tempo ainda
 alguns homens doutos, os quaes aliás não
 tinham riscado do seu coração a Religião.
 Neste numero se achou o proprio Mr. De
 Luc, celebre Professor de Gottinga , que
 adiante hei de ter occasião de nomear, co-
 mo hum Filosofo que ha feito os maiores
 serviços á causa da Religião ; mas como não

com a persuasão de que em praticar a virtude sigo a Vontade de hum De-

tinha depravado o coração, por isso se enganou inteiramente do seu erro; e isto lhe succedeo em consequencia das sabias reflexões que lhe fez outro célebre Filosofo, o qual tambem havia sido allucinado pelo mesmo fallaz systema. — “Mr. De Luc,, (diz hum respeitavel escritor que abaixo,, terei tambem occasião de nomear honrosamente) Mr. De Luc creo por muito,, tempo nos deveres do homem bebidos,, em suas affeições, e nas relações naturaes; mas dissuadio-se d’isto pelas reflexões que lhe suggerio a anecdota, que os nossos leitores nos levarão a bem lhe refiramos. Estava hum celebre Professor de Filosofia Moral em Edimburgo (o Cavalheiro Pringle, Medico da Rainha d’Inglaterra, e Presidente da Sociedade Real de Londres antes do Cavalheiro Banks) conversando com Mr. De Luc; e tendo-lhe este offerecido o Livro intitulado *Moral Universal*, ou os *Deveres do homem fundado na Natureza*, recusou aquelle ancião a offerta, dizendo,,: = Fui por espaço de alguns annos Proffessor dessa pretendida sciencia; tinha exaurido as bibliothecas e a minha cabeça, para achar os seus fundamentos; mas quanto mais procurava persuadir os meus discipulos, menos confiança tinha eu

os, ao qual devo tudo, que não quer senão a minha verdadeira felicidade, que vê os meus mais occultos pensamentos, que desaprova até os simples designios viciosos que será o remunerador infallivel do homem de bem, e o castigador dos maos: adoptado o systema da Religião, não duvido já hum só instante da natureza dos meus deveres; opponho então os interesses da eternidade aos do momento pre-

no que lhes ensinava, de maneira que por fim mudei de vocação, e dei-me outra vez á Medicina, que fôra o objecto dos meus primeiros estudos. Continuéi com tudo por algum tempo a examinar quanto apparecia sobre este assumpto, que eu me não sentira em estado de ensinar com convicção; mas larguei finalmente mão d'isso, reconhecendo bem profundamente que sem huma sancção divina immediata das leis moraes, e sem leis positivas acompanhadas de motivos exactos e urgentes, não podem convencer-se os homens de que se devão sujeitar a nenhum Codigo semelhante, nem concordar sobre elle entre si. De então para cá, não leio obra alguma de Moral, senão a Biblia, e sempre o faço com prazer novo. — *Mr. de Bonald, Legislation Primitive, tom. III, chap, 3, de l'Education religieuse.*

sente ; a minha consciencia, revestida da authoridade do Ser Supremo, falla mais imperiosamente ao meu coração , e torna-se a regra de todos os meus pensamentos , e de todas as minhas acções, qualquer que seja o resultado, feliz ou infeliz , que ellas possam ter ; assim , vem a Religião a dar a maior consistencia á moral, ou, para melhor dizer , constitue a sua essencia.

De mais , se os escritores , que depois do Seculo passado prégãrão com tanto ardor o materialismo , poderão á força de declamações , e paralogismos persuadir que a Religião he totalmente estranha ao bem da sociedade ; huma tão extravagante theoria já agora felizmente se não pode apresentar , pois que tem contra si a imperiosa authoridade da experiencia. Lancemos huma rápida vista sobre os primeiros principios do grande acontecimentos da Revolução de 1789 , e veremos que fôrão realmente hum effeito da irreligião. A contemplação de hum facto visivel, e assaz recente, fará por certo mais impressão no animo do leitor, do que poderia fazer hum longa repetição de todas as razões que , começando de Cicero até os nossos ultimos tempos , se tem trazido

para provar que de modo nenhum pode subsistir huma sociedade de Athêos.

ARTIGO III.

A Revolução de França de 1789 deve-se manifestamente attribuir á Irreligião.

Em todo o tempo se oppoz aos Athêos, que o seu systema quebra hum dos maiores vinculos da sociedade, fazendo de todo desapparecer a santidade do juramento. Foi o juramento quem sustentou por tanto espaço de tempo as leis de Lycurgo em Esparta. A santidade do juramento foi tambem muitissimo tempo o esteio da Republica Romana, tendo-a salvado dos mais urgentes perigos; mas á medida que o Epicureismo alli corrompeo os costumes, destruindo o temor dos Deoses, nenhum caso se foi fazendo dos mais sagrados empenhos, e foi-se apressando a decadencia de Roma.

Ora este mesmo espirito de irreligi-

gião . que , zombando da santidade do juramento , tanto contribuido para a decadencia do antigo poder dos Romanos , foi tambem a causa dos terriveis acontecimentos politicos, que depois de 1789 trouxerão comsigo a total ruina da Monarquia Franceza.

Quem conhece a historia da sobre-dita Revolução , sabe que quando , pelos fins de Março de 1789 , o terceiro Estado , ao qual incautamente se tinha concedido o direito da dupla representação, deo o atrevido passo de se declarar Assembléa Nacional, recusarão as Guardas Francezas fazer o serviço costumado, dizendo que se tinham alistado para defender a patria , e não para a opprimir. E quando , depois da demissão de Necker, o povo correo ás armas, as Guardas Francezas se unirão ás Companhias dos Cidadãos amotinados. A mesma prevaricação commetteo huma parte do Regimento de Provença , e porção do de Ventimiglia. As tropas de Brest tambem se unirão á Guarda Civica , e o mesmo fez em Bordeos parte do Regimento de Champanha. Em summa não ha lugar algum de duvidar que a Revolução houvera si-

do suffocada em sua mesma origem, se a causa de Luiz XVI. fôra sustentada por aquellas tropas, que ao alistarem-se havião jurado defendello até a ultima gota de seu sangue.

Se pois o espirito de irreligião, que fez desprezarem as tropas a santidade do juramento, produzio a Revolução, á mesma causa se devem manifestamente attribuir todos os erros, de que no seu mesmo principio veio acompanhada, e que nunca cessarão de a seguir.

Embriagado o povo com o triumpho de haver derribado a Bastilha, e tendo neste encontro principiado a manchar-se de sangne, já se não alimenta que dos mais horriveis espectaculos, e pede em altos gritos cabeças illustres. Foulon, Conselheiro d'Estado, he immolado pela multidão, e acompanhão as mais vivas acclamações o exangue corpo arrastado pelas ruas da Capital. Berthier de Savigny, seu genro, e Intendente de París, homem por todos os titulos respeitavel, participa com elle de igual sorte; e quando entre todas as Nações, ainda as menos policiadas, os supplicios dos grandes criminosos compungem os corações de todos, a morte do dito

virtuoso Magistrado não suspende tão sanguinario encarniçamento ; decepção-lhe a cabeça , que levão em triumpho ; arrancão-lhe o coração , que dividem em bocadinhos , e os entrelação nos topes ; mutilão todos os seus membros , que depois até cortão em pedaços juntamente com os seus vestidos : a mesma effervescencia, e os mesmos horrores se praticavão naquelle tempo em todas as Provincias do Reino ; de sorte que parecia que o Povo Francez se tinha em hum instante convertido em huma nação de Iroquezes, e de Cannibaes.

Os Gentios convinhão não haver cousa que podesse civilizar os selvagens , senão as impressões religiosas ; e he exactamente pela qualidade de interprete dos Deoses , que Horacio (1) louva Orfêo de ter humanizado os antropófagos , e de lhes ter inspirado hum justo horror aos seus detestaveis banquetes.

*Sylvestres homines sacer, interpresque Deorum
Cædibus, et victu fædo deterruit Orpheus.*

(1) Horacio, Arte Poetica v. 391 e — 392.

„ Orfeo, sagrado interprete dos Deoses,
 Horrorisou os homens inda brutos
 De se darem a morte, e se tragarem. „

Estes estimaveis effeitos de adoçar os costumes dos homens , e de os fazer menos sanguinarios , tem-se attribuido sobre tudo ao Christianismo. Ora , depois que os Francezes , adherindo aos escritos dos Filozofos , não só abandonarão a Religião de seus pais , mas demais a mais principiárão a ter huma indifferença total , e até hum positivo desprezo para com toda a sorte de Culto , vierão a cahir no mesmo estado dos selvagens. Os horrores até agora mencionados são disto huma boa prova ; porém forão muito maiores aquelles , a que depois se entregou este mesmo Povo tão conhecido pela sua amenidade , e tornado tão brutal em hum momento. As crueldades praticadas a 2 de Setembro (de 1792) em París com Ecclesiasticos encerrados na Igreja do Carmo fazem estremecer , e em tal occasião pode-se tambem dizer , que os Francezes se fizerão antropófagos , pois que até chegarão algumas mulheres ao excesso de beberem o sangue , que corria daquelles martyres.

Montesquieu disse, que ainda quando a Religião fosse inutil para o povo, não o seria para aquelles que estão á testa do Governo dos Estados, pois que sendo superiores ás Leis, não podem ter outro freio senão aquelle do que se chama Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores. Destituídos deste freio, não são mais que animaes bravíos; e esta sentença se realizou na Revolução de França.

Depois de alli ter sido introduzida a Democracia, e morto o Rei, os Jacobinos, que desde de 1790, quando pela primeira vez se unirão em *Club*, haviam dado tantas provas do seu character acerbo e sanguinario, tinham-se apoderado de toda a authoridade, e dominavão só por meio do terror e do sangue. Para sahirem melhor com o seu projecto, sob pretexto de se opporem ás contra-revoluções verdadeiras ou imaginarias, proclamárão o Governo Revolucionario, que devia durar até a paz. Mas se as crueldades até agora descritas fazem estremecer, não tem comparação com aquellas a que esteve sujeita a França durante este reinado de Terrorismo, e confesso que não tenho cores com que as pinte. Com effeito, quando eu dis-

sesse , que a França naquelle tempo se permittio couzas , que não praticariam os Iroquezes , e os Cannibae ; quando dissesse , que no espaço de perto de dois annos ficou mais assolada do que se Genserico e A'tila , seguidos de quinhentos mil combatentes , proporcionados ao seu furor , a tivessem atravessado ; quando dissesse , que em tão breve espaço se renovarão não só os horrores e as atrocidades , em que se vio Roma envolta desde os tempos de Sylla até Domiciano , mas tambem aquellas que em diversos Seculos , e entre diversas nações commettêrão os mais odiosos tyrannos ; quando finalmente dissesse , que Robespierre , que era a alma dos Jacobinos , reunia em si mesmo todos os furores que dominarão todos os monstros vomitados em diversos tempos pelo inferno , diria mui pouco , e faria huma mui debil pintura da infeliz situação da França nos dois annos que durou o sobredito reinado do Terror.

E se bem , com a morte de Robespierre , cahio o Governo Revolucionario , nem por isso a França deixou de ser inundada de sangue. Devia o Tyranno necessariamente arrastar na

sua queda tudo aquillo que se achava com elle ligado ; e nos primeiros transportes da publica indignação era impossivel que hum movimento de reacção se não desse a conhecer , e que a sede da vingança não se estendesse contra o maior numero de individuos , que tinham parte com este monstro no Governo Revolucionario.

Estes horrores tambem cessarão por haver faltado materia á vingança ; mas para ser feliz não basta deixar de ter suspenso sobre a cabeça o cutello dos tyrannos , ou não ter que temer o punhal , e os fachos dos amotinados. Todos os grandes politicos tem observado, que a Democracia tende naturalmente á anarquia , ou ao despotismo ; e a passada Republica Franceza confirma cada vez mais a verdade d'esta theoria. Des de os primeiros movimentos da Revolução até ao principio do reinado de Robespierre esteve a França sujeita á anarquia. Com a introdução do Governo Revolucionario passou a ser victima do despotismo , sem por outra parte se livrar dos funestos effeitos da anarquia, pois que Robespierre, que precizava dos Jacobinos, se via obrigado a deixar-lhes a liberdade de rouba-

rem , e de commetterem toda a qualidade de delictos ; pois todos sabem muito bem , que a grande tactica dos Jacobinos consistia justamente nos saques e nos outros movimentos populares. Ora , se com a Constituição do anno terceiro Republicano , ou de 1795 , cessou a anarquia , não cessou o despotismo ; não fez mais que passar a diversas mãos , pois ao despotismo de Robespierre succedeo o despotismo do Directorio.

Esta nova Constituição do anno terceiro, acceita pela Nação por meio de Barrás, não concedia ao Directorio senão o Poder Executivo, e até os attributos d'este lhe limitava muito , sujeitando-o em todos os casos mais ponderosos ás determinações dos dois Conselhos ; e o Directorio pelo contrario, apenas se vio instalado , logo assumio toda a soberania representativa da Nação, e soube tomar tão bem as suas medidas para se manter nesta usurpação, que todos aquelles Membros dos ditos Conselhos que se quizerão oppor a semelhante attentado, forão punidos com degredo e confiscação.

Debaixo do Governo Consular, que succedeo ao do Directorio , pareceo que a França havia finalmente che-

gado a hum estado feliz ; mas , além de não ter nesse tempo tambem estado izenta de desordens , e assaz graves , deve-se reflectir , que este novo Governo era huma molla , que estava comprimida para melhor poder a seu tempo desenvolver toda a sua elasticidade. E com effeito , aquelle , que estava á testa do mesmo Governo , tão depressa pôde apoderar-se de toda a authoridade , logo desenvolveo o maior despotismo que jamais se ha visto reinar sobre a terra : até seguiu o trivial expediente dos tyrannos de sonhar conjurações para se descartar das pessoas que temia. E se debaixo do novo Governo Imperial os Francezes não tinham que temer o ferro dos anarquistas , ou dos algozes , a desmedida avidade de conquistas , de que era dominado o novo Soberano , fez derramar mil vezes mais sangue do que se vertêra em todo o tempo da Revolução.

Por fim cahio tambem este Governo. A reversão do antigo legitimo Governo , que a parte sã da Nação havia vinte e cinco annos tanto desejava , e ao qual por conseguinte acertadamente deo o titulo de *Desejado* , parecia que , depois de tantos

males , asseguraria ao Reino huma felicidade permanente. Della com effeito principiou a gozar ; porém não durou senão só dez mezes ; e a sua nova infelicidade tambem procedeo d'aquelle espirito irreligioso , que tanto se havia dilatado pela Nação , como veremos no artigo seguinte.

ARTIGO IV.

A nova revolução succedida em França em Março de 1815, deve tambem visivelmente attribuir-se á Irreligião.

Vio-se no artigo precedente que a Revolução que houve em França em 1789 , e que tantos males produzio não só naquelle Reino , mas tambem em grande parte dos outros Estados da Europa , houvera sido suffocada em sua origem , se o espirito de Irreligião , que precedentemente se havia espalhado tanto naquella Nação , e que tinha até inficionado as tropas , não as induzira a unirem-se aos amotinados , desprezando desta ma-

neira a santidade do juramento que tão intimamente as ligava á causa do Rei. Ora, que a este mesmo desprezo do juramento, e consequentemente ao espirito d'Irreligião, se deva attribuir o novo transtorno grande, succedido na mesma Nação em Março do anno de 1815, he inutil que eu me demore a demonstrallo, pois que a todos he notorio que a tentativa do Usurpador não teve mais apoio que a prevaricação das tropas; e por isso unicamente me cingirei a lembrar ao leitor, por assim dizer, de passagem, algumas circumstancias de facto, pelas quaes se mostra, que naquella segunda revolução ainda foi mais visivel o desprezo da Religião.

No anno de 1789 era quasi geral na Nação o fermento contra a Corte; já desde os fins de 1787 havia principiado a tomar hum aspecto de positiva rebellião pela grande contestação que se excitou então entre o Rei e os Parlamientos, os quaes recusarão registrar o Edicto dos Empréstimos successivos, imaginados para remediar o grande vacuo, que se tinha descoberto nas Rendas. Havião os Parlamientos de França já em outras occasiões mostrado repugnancia em se

prestarem ao registro dos Edictos Reaes; mas a que nesta occasião mostrou o Parlamento de París, e que em breve foi seguida por todos os outros Parlamantos do Reino, era de huma natureza totalmente diversa, e claramente fazia ver que os Membros da primeira Magistratura estavam tambem imbuidos das maximas da nova Filosofia contra o poder absoluto dos Reis; e com effeito não contentes os Parlamantos com se terem opposto ao prescrito registro, sustentárão consecutivamente esta sua nova resistencia com representações, nas quaes a cada palavra ressumbrava hum ar de independencia, e que só por si erão bastantes para animar o povo á revolta, como com effeito produzirão. E se este uniforme aspecto sedicioso de todo o Corpo da Magistratura vinha a dar grande pezo ao partido contrario á Corte, deo-lhe infelizmente muito maior pezo a circumstancia de se achar á testa do mesmo Corpo o proprio Primo, Principe do Rei (o Duque d'Orleans). Era isto hum facto que todos vião; mas poucos, ou talvez nenhuns, conhecião as occultas maquinações horrendas, que elle punha em pratica para proseguir os

seus projectos de ambição e de vingança, e sobre tudo aquelle, verdadeiramente infernal, de açambarcar e remetter para fora do Estado quasi todo o grão do paiz, por cujo estratagemma, tendo no meio da mais abundante colheita subido desmedidamente o preço do genero mais necessario ao sustento da vida, acabou o povo de perder algum pequeno resto da adhesão á pessoa do Rei, que todos já olhavam como absolutamente indigno do throno, visto que faltava até ao primeiro e mais sagrado dever de qualquer reinante, qual he o de sustentar o seu povo. As tropas portanto que vião, que o fermento contra a Corte não só era geral, mas que além d'isso se achava sustentado por quanto havia maior e mais respeitável na Nação, poderão talvez com certa boa fé ter-se illudido sobre a natureza do juramento, com que se achavam ligadas á causa do Rei. Incapazes de julgar por si mesmas de que parte estava a razão, poderão ter-se deixado seduzir da apparencia, e julgar por conseguinte que, como o Rei parecia aos olhos de todos obrar contra os verdadeiros interesses da Nação, tambem não erão obrigadas a sustentallo.

Ora, de nenhuma semelhante apparencia enganadora podião certamente ser allucinadas as tropas que no anno 1815, a pezar do seu juramento, abandonárão Luiz XVIII. Quando hum anno antes o Senado declarou Napoleão deposto do Throno, havia já muito tempo que o geral da Nação não podia supportar o seu jugo violento, rapace, e sanguinario. Naquelle conjuncção vio-se na verdade o amor proprio nacional hum pouco offendido, por dever em hum instante renunciar aquellas immensas conquistas, que havião sido o fructo de tantos annos de guerra, e que tanto havião illustrado o valor das armas Francezas. Mas todos reflectião, que a França propriamente dita, bem longe de ter tirado vantagem d'essa tão grande dilatação dos seus confins, antes d'ahi tinha tirado prejuizo, visto que não fizera isso mais que animar o Soberano a emprehender novas expedições, as quaes fazião de dia a dia peiorar o flagello da conscripção, e o pezo dos tributos, que erão os dois grandes objectos da infelicidade, e do descontentamento geral. As tropas erão a unica parte da Nação, que não pensava deste modo.

Tinhão prestado o seu juramento a Luiz XVIII., mas no fundo do seu coração continuavão a estar affeiçãoadas a Napoleão ; e forão ellas sós as que tramárão e effectuárão a conspiração , que de novo o poz no throno. A todos com effeito he notorio o triste acolhimento , que ao mesmo Napoleão fizeram todas as povoações, por onde passou ao transferi-se do lugar do desembarque a París. A parte meridional do Reino , que hum anno antes , quando era levado á Ilha d'Elba , tanto o havia insultado , coherente sempre comsigo mesma , mostrou o maior enthusiasmo possível pela causa de Luiz XVIII., apenas se ouviu a noticia de que o Usurpador tinha posto o pé nas suas praias : e se não mostrarão este mesmo enthusiasmo os habitantes das outras Provincias por onde elle atravessou , esses mesmos não deixarão de lhe testemunhar a sua má vontade ; não podendo oppor-se á sua passagem , e muito menos combatello , porque a pequena escolta , que trouxera do lugar do seu desterro , se hia a cada passo engrossando pela vergonhosa adhesão das tropas Reaes , recebêrão-no com hum triste silencio , que visivelmente indi-

cava quanto desapprovavão o seu attentado.

Não tinham por tanto as tropas o minimo pretexto , que a seus olhos podesse palliar a enormidade do perjurio que hião commetter ; e claramente se vê , que , de todo insensíveis aos motivos religiosos , que as devião conter de perpetrar tão grande prevaricação , não considerárão mais que os reflexos do maior interesse, que tinham de tornar a servir hum homem , que só respirava guerra ; exactamente do mesmo modo que em Roma , depois da decadencia da Religião e dos costumes , as Legiões , a despeito de seus reiterados juramentos , assassinavão ou depunhão o Imperador para crearem outro , que lhes promettia maiores liberalidades.

Depois d'estes dois memoraveis exemplos dos males, que no decurso de vinte cinco annos visivelmente occasionou á França o desprezo da santidade do juramento , que he o mesmo que dizer o Atheismo , ninguem certamente poderá pôr em duvida, que a Religião não seja absolutamente necessaria á subsistencia e á felicidade dos Estados , como pensavão todos os sabios da antiguidade ; e por isso de-

verá detestar o dogma da Tolerancia, que os fautores das idéas liberaes procurão de novo insinuar; dogma, o qual, como temos demonstrado no decurso do presente capitulo, não se pode generalizar em huma nação, sem que ella se ache envolta em breve espaço de tempo nas trevas e nos erros do Atheismo.

E maiormente portanto se confirmará o leitor na subsistencia desta antiga maxima, que a Religião não he indifferente ao bem dos Estados, vendo no artigo seguinte, que da nimia-mente grande extensão do vicio oposto tem tirado a França, e continúa ainda a reinar nella, outro terrivel excesso, e talvez o maior a que os homens possam ter chegado.

ARTIGO V.

A grande multiplicação dos suicídios, que depois do meado do século passado começou a haver em França, deve também ser considerada como huma funesta consequencia da Irreligião.

Em França, assim como em outra qualquer Nação, houve sempre homens que attentarão contra sua propria vida; mas estes casos são muito raros. Para que algum se abandonasse a este excesso, de que nunca se vio entre os brutos vestigio algum, era preciso, que a força de huma paixão, ou de alguma desventura, em seu entendimento operasse hum geral transtorno, que inteiramente lhe tirasse todo o uso da razão. Ora, as cousas sobre este ponto devião necessariamente mudar-se, e com effeito se mudarão, depois que huma Filosofia estragadora ensinou aos homens, que a morte he o fim de tudo.

Hum escritor Francez de algum mérito, que em 1783 entrou a impugnar esta fallaz sapiencia, que já tinha então principiado a generalizar-se na sua Nação, apresenta hum quadro dos suicidios, que por aquelle tempo succedião em França, o qual certamente faz horror. „Contai no Reino, no (diz elle) trinta Provincias consideraveis, e em cada Provincia somente dez Cidades notaveis pelo numero dos seus habitadores: Trezentas Cidades. Não ha nenhuma destas Cidades em que no espaço de dez annos, se não tenham visto pelo menos cinco pessoas que se hajão dado a morte. Eis-aqui mil e quinhentos suicidios em dez annos. Ajuntai a estes mil e quinhentos mil e duzentas pessoas, que, pelo menos, perecem cada anno em París ás suas proprias mãos, e á vista de todos; digo á vista de todos, pois que muitos morrem do mesmo modo em segredo; estando averiguado que no anno de 1780 houve mil quatrocentos e tres suicidios na Capital e seu termo — Doze mil suicidios em dez annos. — Do que resulta, que a doutrina da nova Filosofia custa á França em

„ dez annos treze mil e quinhentos
 „ dos seus habitantes (1).

Depois da dita época de 1783 , á qual se refere o calculo agora expellido , assim como a Irreligião se dilatou cada vez mais em França , tambem o furor dos suicidios notavelmente augmentou. E toda a pessoa que residio por algum tempo naquella região , e sobretudo na Capital , certamente me não ha de taxar de exagerado. Filósofos lizonjeiros e atrozes , esta he a felicidade que vós promettieis ás nações e aos homens , se , adherindo ás vossas instituições , se livravão dos temores e das ameaças da Religião , que vós caracterizaveis de vãos fantasmas ! Quando ha meio seculo principiastes a dar-vos a conhecer ao Mundo , o augmento da população era para vós hum objecto sagrado ; dizeis que por este signal se conhece principalmente se huma nação avança para a felicidade. E a vossa doutrina , em vez de produzir hum tal effeito , tem pelo contrario

(1) *La vraie philosophie , par le P. Harrel. A Paris chez Quillot , 1783 , pag. 265 , e 266.*

concorrido para diminuir as populações que já existião.

Mas esta diminuição d'homens não he a unica consequencia funesta da grande multiplicação dos suicidios, occasionada pelo progresso da Irreligião. Ha outra ainda muito mais terrivel, e tal, que deve atterrar a sociedade, e aquelles que a Providencia ha posto á sua frente para a governarem. Que segurança pode haver com homens, que estão dispostos a commetter tão grande horror? Não está a vida dos cidadãos continuamente exposta ao seu furor e á sua rai-va? Se o apego, que a natureza inspira á propria conservação, não he capaz de tolher o Athêo de attentar contra a propria vida, que motivo poderá contello de attentar contra a dos outros? Sabidos são a este proposito os dois seguintes versos do celebre Corneille na Tragedia de Cinna:

*Quelque soin qu' il se donne, et quelque
ordre qu'il tiennne,*

Qui méprise sa vie est maitre de la tiennne.

„ Por mais que cuide em si, que bem se
reja,

Quem sua vida despreza rouba a tua. „

As leis são certamente de todo in-

sufficientes para espantar huns malvados, que nada temem truncar o fio de seus dias, e que por meio do suicidio estão seguros de fugir da infamia do supplicio. Podem tudo commetter affoutamente, visto que, depois de terem sacrificado os outros, estão promptos a sacrificar-se a si mesmos, se virem que não podem escapar impunes.

Estas dolorosas reflexões não são nem na minima parte exageradas; pois que, torno a repetir, as leis não tem authoridade alguma sobre os homens, que tem hum refugio seguro para se esquivarem á sua vingança. A Religião he o unico meio que pode conter os ulteriores progressos de tão terrivel excesso. Se a firme crença de huma vida futura tornasse a substituir nos homens o insensato aspecto do nada, por certo não se lembrarião mais de attentar contra os seus proprios dias. Huma coragem animada e sustentada pela Fé os elevaria a cima de todas as adversidades. Horrorizar-se-hião de enviar a este pretendido nada huma alma reservada a todos os resentimentos do Author da vida, justamente irritado pelo desprezo de hum beneficio,

que he o fundamento de todos os outros.

Conheço quanto seja difficil, que homens envelhecidos no desprezo, e no odio de todos os principios religiosos se convertão; mas sem que perca de todo a esperança d'esta venturosa conversão, pois que a Providencia, quando quer, sabe por occultas vias operar as maiores mudanças nos corações dos homens: os actuaes Governos da Europa devem tomar o maior interesse em que a geração nascente não se embeba nas mesmas erroneas maximas; e isto está absolutamente em seu poder fazello.

ARTIGO VI.

Corollario de quanto se tem exposto no presente Capitulo. Importancia de unir a Educação moral e religiosa á Educação civil e litteraria.

Os authores da Revolução de França para se assegurarem de que a Religião, que elles, com exemplo totalmente desconhecido até então, ha-

vião inteiramente expulsado da sua nova organização social, fosse para sempre apagada até do espirito e do coração dos Cidadãos, banirão das escolas publicas todo o conhecimento, ainda o mais leve, das leis divinas, e o exercicio de todas as praticas de piedade: e o resultado sahio como elles desejavão. A mocidade educada durante a Revolução offerecia huma depravação, de que nem em França, nem entre outra nação alguma se havia jámais visto exemplo.

A fim por tanto de que a Religião torne a reinar no espirito e no coração dos homens, cumpre seguir hum systema totalmente contrario. He preciso que á educação civil e litteraria se torne a unir a educação moral e Christã: e para produzir tão desejado effeito, parece que não pode haver melhor meio que confiar o ensino da mocidade ás Corporações Religiosas. Esta idéa não he minha, mas de hum escritor Francez ainda vivo, e não Ecclesiastico, o qual havia observado de perto a corrupção e a immoralidade, que se tinha introduzido na sua nação desde que a educação da mocidade havia deixado de estar nas mãos das ditas Corporações Religio-

sas. Referirei succintamente as razões com que Mr. de Bonald sustenta esta sua idéa.

O systema de educação (diz elle) deve ser perpetuo, universal, uniforme; d'ahi, depois de se ter demorado alguma cousa em pôr em toda a evidencia este principio, ajunta como necessaria consequencia: „Cumpre „ pois que a educação seja confiada „ a hum corpo, pois que fóra de hum „ corpo não pode haver nem per- „ petuidade, nem generalidade, nem „ uniformidade. „

Reflecte depois d'isto Mr. de Bonald, que este corpo educador não pode ser puramente secular. „Onde „ existiria em tal caso (diz elle) o „ vinculo que asseguraria a sua per- „ petuidade, e por consequente a uni- „ formidade? Seria o interesse pessoal? Porém os seculares terão, ou „ poderão ter familia. Pertencerão „ mais á sua familia que ao Estado, „ mais aos seus filhos que aos filhos „ dos outros, mais ao seu interesse „ particular que ao interesse publi- „ co; pois que o amor de si mesmo, „ de que a Filosofia tem pretendido „ fazer o laço universal dos homens,

„ he e será sempre o mortal inimigo
 „ do amor dos outros. . . .

„ Se os mestres são solteiros (pro-
 „ segue Mr. de Bonald), ainda que se-
 „ jão seculares, não poderão fazer
 „ corpo entre si. A fortuita aggre-
 „ gação de pessoas, que hoje entram
 „ neste corpo para terem meio de
 „ subsistencia, e que delle sahirão
 „ amanhã se poderão obter melhor
 „ estabelecimento, não formará de
 „ modo algum huma successão de in-
 „ divíduos addictos á instrucção pu-
 „ blica. Por outra parte, que pai de
 „ familia ousará confiar seus filhos a
 „ celibatarios, cuja moral não estará
 „ assegurada por huma disciplina re-
 „ ligiosa? Se pelo contrario estes
 „ professores publicos são casados,
 „ como poderá o Estado assegurar a
 „ homens carregados de filhos, e ani-
 „ mados consequentemente de huma
 „ justa ambição de adquirir bens,
 „ como poderá o Estado, digo, asse-
 „ gurar-lhes ordenados tão avulta-
 „ dos, que os afastem perpetuamen-
 „ te de abraçar alguma especulação
 „ mais lucrativa? Se por intuitos de
 „ economia se reunissem todos no
 „ mesmo edificio juntamente com as

„ suas mulheres e os seus filhos , se-
 „ ría impossivel a concordia : se se
 „ lhes permittisse viverem separada-
 „ mente , seriam incalculaveis as des-
 „ pezas (1). „

Estas poucas reflexões bastariam a Mr. de Bonald para sustentar o seu assumpto da grande importancia de confiar a educação publica ás Corporações Religiosas. Mas assim como isto ha sido hum objecto das maiores declamações dos Filósofos , tambem elle não deixou de responder a todas as suas objecções. Tomou principalmente á sua conta o célebre Quimico Mr. de Chaptal , pois que este havia ajuntado todas as objecções em hum Relatorio , que no anno de 1800 apresentou ao Conselho d'Estado de París , sobre o assumpto da educação publica.

Se as Corporações Religiosas , dizia o referido Relatorio , possuem a arte de transmittir os conhecimentos já existentes , raramente ellas se elevavam ao mérito da invenção : conservavam , mas não aprefeçoavam , nem inventavam. Outro defeito , que

(1) De Bonald , *Legislation Primitive* , tom. III, C. 7. — París 1802.

Mr. de Chaptal exproba a ás ditas Corporações Religiosas, era o de ensinar como outras tantas verdades as opiniões consagradas por longa tradição nas Escolas. O terceiro vicio finalmente , e o maior de todos, era o de dominarem imperiosamente sobre o espirito dos seus discipulos , e de jámais proporem a dúvida, que he o que excita e desenvolve as faculdades do entendimento humano.

Estas increpações , como todos conhecem , envolvem-se humas nas outras , e todas se reduzem a negar ás Corporações Religiosas o talento da invenção. Ora Mr. de Bonald não se mostra de modo algum perplexo com esta objecção , apresentada por tantas formas differentes por Mr. de Chaptal :
 „ Mestres que nada inventão (respon-
 de elle) formão discipulos que inven-
 „ tão ; porque he muito mais o me-
 „ thodo do ensino do que o engenho
 „ do Mestre quem desenvolve no dis-
 „ cipulo o espirito d'invenção. Os
 „ mestres dos nossos maiores inven-
 „ tores, de Descartes, de Malherbe,
 „ de Corneille , de La Bruyere , de
 „ Bossuet, são certamente muito in-
 „ feriores aos seus discipulos. E en-
 „ tão , tem-se em França inventado

„ mais e melhor depois que a educa-
 „ ção deixou de ser confiada ás Cor-
 „ porações Religiosas? Duran-
 „ te a Revolução gozou-se da maior
 „ extensão da liberdade , e bem lon-
 „ ge de se comprimirem os vãos da
 „ imaginação e do talento, se deo livre
 „ curso a todos os desvarios , a todas
 „ as extravagancias do espirito huma-
 „ no. Que resultou d'ahi que fosse
 „ grande, util, ou sequer engenhoso?
 „ O aperfeiçoamento de alguns metho-
 „ dos , algumas nomenclaturas feitas
 „ com mais arte e melhor ordem, ou al-
 „ gum invento mecanico, que em par-
 „ te nenhuma se pratica, nem mesmo
 „ em casa do seu inventor: mas quan-
 „ tos erros em Moral, quantos absur-
 „ dos em Legislação, quantas cinceas
 „ em Politica , quantas sandiees em
 „ Litteratura, quantas imposturas em
 „ Historia , quanta obscenidade nas
 „ Artes d'imitação , que decadencia
 „ até na Lingua ! E quanto devemos fi-
 „ car humilhados, vendo que tão gran-
 „ de voo permittido á imaginação e
 „ ao genio, tanta extensão dada á li-
 „ berdade de pensar tudo, e de dizer e
 „ escrever quanto vem á cabeça, não
 „ haja produzido, nem sequer na Ar-
 „ te Dramatica , nesta Arte em que se

„ quiz fazer consistir o Palladio da
 „ Moral, o supplemento das Leis, e
 „ o primeiro meio d'instrucção pu-
 „ blica, huma Obra, a penas huma
 „ unica Obra, que possa sobreviver
 „ ás circumstancias que a fizerão nas-
 „ cer, e aos panegyristas que tan-
 „ to a preconizarão! (1) „

Se Mr. de Bonald demostrou con-
 ceder por hum momento ao seu ad-
 versario a mencionada imputação da
 pouca aptidão das Corporações Reli-
 giosas sobre o ponto da invenção,
 não tardou que o não combatesse
 tambem neste entrincheiramento que,
 como se ha visto, constituía toda a
 força das suas objecções. “ Quantos
 „ felices descobrimentos em Fysica,
 „ diz elle, quantos inventos engenho-
 „ sos em Mecanica não tem sahido
 „ do recolhimento dos Claustros! „
 Enumera Mr. de Bonald diversos des-
 tes benemeritos Cenobitas, cujos no-
 mes ainda hoje resplandecem nos An-
 naes das Sciencias. Mas ainda se po-
 deria augmentar muito o seu nume-
 ro, se da França, que elle teve qua-
 si unicamente em vista, se passasse a

(1) Bonald, *ubi supra*.

gyrar por todas as outras regiões cultas da Europa. Não acabaria tão depressa, se aqui eu quizesse contar só os que pertencem á Italia. Remettendo portanto o leitor á Historia Litteraria de Tiraboschi, cingir-me-hei a apontar alguns daquelles que pertencião unicamente ás Communidades Religiosas encarregadas da educação da mocidade, e que demais a mais vivêrão nestes ultimos tempos, dos quaes por consequencia se não faz menção na dita Historia, que, como todos sabem, acaba no fim do seculo decimo setimo.

Rogério Boschovich, que julgo com boa razão poder contar entre os nossos Sabios Italianos, visto que na tenra idade de quatorze annos entrou em Roma na Companhia de Jesus, e passou a maior parte da sua vida na Italia, onde tambem terminou seus dias, he author de huma infinidade de descobrimentos e observações totalmente novas na Algebra, na Geometria, na Astronomia, e na Fysica. A Corte de França, levada da grande celebridade do seu nome, o chamou depois de 1770 a París para Director da Optica da Marinha; e correspondeo plenamente á expectação

que d'elle houve, tendo com estima-
dissimas obras novas illustrado mui-
to esta Sciencia, assim como to-
das as outras partes da Astronomia
(1). Por esta mesma grande reputa-
ção, que tinha o nome de Boschovich, o
havia anteriormente a Sociedade Real
de Londres escolhido para ir á Cali-
fornia, e observar a segunda passagem
de Venus; mas por algumas circum-
stancias não pôde acceitar esta incum-
bencia.

Contemporaneamente ao Boscho-
vich tinha a Companhia de Jesus na
Italia outro célebre Mathematico na
pessoa de Vicencio Riccati. E'mulo,
e talvez superior ao Conde Jácome
seu pai, não só deo maior clareza, e
extensão ás regras, e aos methodos
achados por outros na Algebra; mas
elle mesmo inventou alguns inteira-
mente novos: e tambem no Tratado
das Series, e nas *Instituições Analyti-
cas* ensinou muitas novas e interessan-
tes verdades; por cujo motivo foi de-

(1) Roger. Joseph. Boschovich *Opera ad
Opticam et Astronomiam maxima ex parte
nova, et omnia hucusque inedita*. Bassani,
1785.

nominado, e ainda hoje he considerado, o Pai da Algebra sublime na Italia.

O Padre Paulo Frisi, Barnabita Milanez, fallecido no fim do seculo passado, era tambem reputado geralmente por hum Mathematico da primeira ordem. A Academia das Sciencias de Berlin, que tinha coroado a sua bella dissertação *sobre o movimento diurno da terra*, fez brazão de o alistar entre os seus Socios; o que igualmente fizeram o Instituto de Bolonha, a Sociedade Real de Londres, a Academia das Sciencias de París, e a de Petersburgo. Não deixavão os maiores Sabios da Europa de consultallo nos pontos mais abstrusos da Astronomia e das Mathematicas. E hum dos primeiros pensamentos dos Estrangeiros cultos, que chegavão a Milão, era, como eu mesmo presenciei por muitas vezes, poderem fallar com este meu celebre concidadão, que com os seus profundos escritos tanto havia illustrado a serie das Sciencias Naturaes.

A Sciencia da Agua, que he talvez a parte das Mathematicas mais util á sociedade, teve no P. Lecchi, Jesuita Milanez, hum dos seus maio-

res illustradores. Newton, Huighens, Maclaurin, Euler, Clairaut, Maupertuis, D'Alembert, tinham contribuido muito para os progressos da Hydrotática no que toca á parte puramente theorica; mas esta parte, bem que se possa reputar a mais sublime e a mais nobre, he com tudo demasiado abstracta para poder servir de utilidade alguma. Por outra parte, os Hydraulicos, que, destituídos dos principios scientificos, sómente procurão avançar na pratica, estão muito sujeitos a errar, principalmente se se trata de operações grandes, e totalmente novas. Ora o P. Lecchi tem o merecimento de ter reunido no mais eminente grão huma e outra couza: e na *Hydrostática examinada nos seus principios* deo á Europa huma das Obras mais instructivas, mais exactas, e mais conformes á verdade, que sobre tal assumpto se hajão publicado.

No mesmo tempo vivião na Italia outros dois illustres Mathematicos, que tambem aos conhecimentos practicos relativos á Hydraulica união as mais subtis, e sublimes theorias fundadas em calculos; pela qual razão forão tão uteis ás nossas regiões, tal-

vez mais que nenhuma outra parte da Europa sujeitas aos estragos dos rios e das torrentes : hum he o P. Frisi acima honrosamente mencionado ; o outro o ex-Jesuita Ximenes, Mathematico de Pedro Leopoldo , Grã-Duque de Toscana.

Quem tiver ouvido fallar de Electricidade não ignorará tambem o nome do P. João Baptista Beccaria, Religioso Piemontez das Escolas Pias, e quanto esta curiosa e interessante parte da Fysica seja devedora ás suas fadigas, e ás suas observações. Não ha experiencia que elle não fizesse, e variasse de diversos modos; nem fenómeno, que escapasse á sua penetrante vista; a electricidade natural foi pelo mesmo P. illustrada com tanto estudo como a artificial; e tambem intentou examinar aquillo que ninguem tinha ainda feito, isto he, a electricidade da atmosfera quieta e serena, de modo que o celebre Fysico Inglez Priestley asseverou com toda a razão na sua famosa Historia da Electricidade, que o P. Beccaria pela extensão do seu trabalho neste genero excedeo tudo quando sobre tal materia se havia feito antes e depois d'elle. O proprio Franklin tributou ao seu

mérito hum testemunho não menos honorifico, e ainda muito mais lisonjeiro, pois fez traduzir e publicar no idioma Inglez o Curso completo da Sciencia electrica publicado pelo P. Beccaria no anno de 1772.

Quantas luzes não diffundio o P. Pino, Barnabita Milanez, sobre os fósseis e sobre os mineraes! Com as suas viagens scientificas, e com as suas profundas observações illustrou muitissimo estes dois interessantes ramos da Historia Natural; e o seu nome he por isso collocado entre os dos Voltas, dos Fortis, dos Fontanas, que nestes ultimos tempos tanto contribuirão para o adiantamento d'esta Sciencia, ao presente tão cultivada na Europa, mas que teve o seu primeiro renascimento na Italia ha seculo e meio por obra do celebre Bologhez Aldovrandi, que o Plinio Francez chama com razão o mais douto, não menos que o mais laborioso de todos os Naturalistas (1).

As Sciencias Naturaes, em que os Religiosos até agora nomeados tanto

(1) Bouffon, *Hist. Nat.* tom. I, *Disc. Prelimin.*

se distinguirão , não são porém os unicos generos de estudos , que são precisos aos interesses da Sociedade, e que constituem o seu ornamento. E se daqui se passa a considerar todos os ramos da grande arvore dos conhecimentos humanos , que novo e vasto campo se não abre á gloria litteraria das Ordens Religiosas, que se occupavão na educação da mocidade !

A Metaphysica , por exemplo , que os Filozofos modernos avalião em nada , e que até desejárão ver banida da classe das Sciencias , he hum estudo do maior interesse para os homens , pois lhes descobre as maravilhas do Mundo intellectual , como a Fysica as do Mundo material. A' Metaphysica he que nós devemos as provas da existencia do Ser Supremo, das suas infinitas perfeições , da immaterialidade da nossa alma , e da sua distincção do corpo , não obstante o laço incomprehensivel que os reúne. He ella quem nos mostra a differença essencial do justo e do injusto , quem nos descobre nas leis eternas da ordem a base de toda a moral. Mas exactamente por estes nobres fins da Metaphysica he que os chamados Filozofos do Século decimo oitavo se desvelárão

tanto em a desacreditar: era natural que huns homens interessados em propagar o materialismo procurassem afastar o Mundo do estudo daquella Sciencia, na qual seus erros se achavão tão antecipadamente confutados; e teve o seu artificio em grande parte o melhor exito: digo em grande parte, porque, se he fóra de toda a duvida, que nenhuma outra couza ha favorecido tanto os rapidos progressos do materialismo nos nossos dias, he tambem certo, que este estragador systema, o qual nos abate até a condição dos brutos, em nenhum outro tempo ha tido maior numero de excellentes impugnadores: entre estes merece principalmente ser mencionado o P. Gerdil, fallecido não ha muitos annos com as honras da Purpura Romana. Nenhum certamente melhor que este doutissimo Barnabita, que ao mérito de profundo Theologo e de excellente Filologo unia o de ser o maior Metafysico do seu tempo, soube descobrir e pôr na sua verdadeira luz a incongruencia e absurdo da famosa hypothese de Locke sobre a possibilidade da materia pensante (1).

(1) Gerdil, *Dissert. sur l'immatérialité de l'ame contre Mr. Locke.*

O estudo da Litteratura amena tambem he de grande interesse para huma Nação. Ella se divide, como as Sciencias, em varios ramos, e nenhum ha, que não tenha sido cultivado com gloria pelas Corporações Religiosas, que se applicavão á educação da mocidade.

Bourdaloue passa ainda hoje entre o Francezes por hum dos mais eloquentes homens da sua lingua, assim como Ségneri goza da mesma reputação entre nós os Italianos. Estes dois celebres Jesuitas são olhados tambem pelas outras Nações como mestres da arte oratoria do pulpito, genero de eloquencia talvez unico que se cultive com honra nos Estados modernos da Europa, pois que, attendida a sua constituição politica, diversa totalmente da dos Gregos e dos Romanos, veio nelles a faltar naturalmente a grandeza dos objectos em que se empregavão os E'schines, os Isócrates, os Demósthènes, os Tullios, os Hortensios; e provavelmente a eloquencia se houvera de todo perdido, se os Oradores Christãos, voltando dos interesses temporaes aos espirituaes e eternos, não houvessem creado hum novo genero de arte orato-

ria inteiramente desconhecido pelos antigos.

O Somasco Genovez Frugoni he geralmente olhado como o Principe dos Lyricos Italianos do decimo oitavo seculo ; pela variedade dos metros, dos assumptos e do estylo , pela sublimidade dos pensamentos, pela magnificencia, e belleza das imagens, e por outros muitos primores poeticos, forma, a juizo de muitos, huma nova época na Lyrica Italiana. Ao lado porém de Frugoni não desmerecem Betinelli, e Bondi.

A Historia de Hespanha por Marianna , a das Guerras de Flandres por Famiano Estrada , a Historia da Paz de Westfalia de Guilherme Bourgeant são de admiravel belleza. Estes tres Jesuitas continuão a occupar ainda hoje hum assaz distincto lugar entre os Historiadores modernos. A Obra do ultimo he huma das mais classicas da Sciencia do Direito Publico, e não ha Negociador, ou homem d'Estado que a não tenha continuamente nas mãos.

A Historia Litteraria he hum genero d'estudos nascido nos nossos tempos modernos. Quasi todas as Nações tem huma Historia Litteraria mais

ou menos extensa , mais ou menos boa ; mas a grande Obra de Historia Litteraria , a Obra pela qual fica a Italia nesta parte notavelmente avantajada ás outras Nações, he a plena e completa Historia da Litteratura Italiana de Tiraboschi. Quando este erudito ex-Jesuita tinha acabado de publicar a sua Historia , hum seu confrade Hespanhol , mas que habitava entre nós , e conhecia muito bem a nossa lingua , começou a dar á luz a sua Obra da origem , progressos , e estado actual de toda a Litteratura. O annuncio deste titulo fez ao principio julgar , que hum plano tão vasto e atrevido , que ninguem até alli tinha concebido , seria superior ás forças de hum só homem. Porém depois que sahio á luz toda a Obra do Abade André , fallarão os Doutos de outro modo , não se fartando de admirar nella a vastidão da erudição , a profundidade dos juizes , e o exquisto do discernimento.

A Chronologia , que tanta ligação tem com a Historia , teve no P. Pettau o maior illustrador ; e com effeito a sua grande Obra intitulada *De Doctrina Temporum* , a sua *Uranologia* , e o seu *Rationarium temporum*

são ainda hoje , a juizo dos doutos de todas as nações , o mais precioso thesouro , de que esta Sciencia se pode gloriar.

Se o P. Mabillon he geralmente considerado como o creador da Diplomatica , bem sabem os eruditos quanto o Jesuita Papebroquio he tambem benemerito d'esta Sciencia totalmente desconhecida dos antigos , e que além de ser tambem muito necessaria a hum Historiador , he de grande utilidade aos Estados , e mesmo ás familias particulares , para a intelligencia e verificação dos titulos e dos pergaminhos antigos. Com as suas originaes e eruditissimas investigações , que são aos olhos dos Criticos os mais preciosos ornamentos da grande Obra dos Bollandistas , traçou Papebroquio , por assim dizer , as primeiras linhas desta Sciencia , que forão como os fundamentos d'aquella soberba fabrica , que com tanto louvor seu erigio depois o sobredito immortal Benedictino Francez.

O nome de Sirmond , que occupa tão eminente lugar entre os mais profundos Theologos , vive ainda e viverá eternamente nos Fastos da Litteratura pela sua delicada critica ,

e pela sua escolhida erudição. A Obra que elle publicou sobre os Capitulares de Carlos o Calvo, e de outros Imperadores posteriores, contém thesouros que os Criticos se não fartão de admirar. E Baluzio, que tanta gloria grangeou com a sua douta e critica edição de todos os Capitulares dos Imperadores Francos, não teria provavelmente podido metter mão a esta grande Obra, se não fora precedido do dito trabalho parcial do Jesuita Sirmond.

A Numismatica, parte tão importante das Antiguidades, quanto não deve ella á diligencia e ás doudas fadigas do P. Hardouin? Com as medallhas e com as moedas na mão elle se fez senhor das antigas Cidades e colonias; fixou a sua posição, estabeleceo os seus limites, e descobrio as suas prerogativas e propriedades. Com esta segura guia, com a qual illustrou tanto a Geografia antiga, espalhou tambem muitas luzes na Chronologia, assignalando as épocas proprias de algumas nações que tinham escapado aos Chronólogos. O Jesuita Hardouin pela profundidade da sua erudição soube fazer uteis e interes-

santes até os seus fantasticos, mas engenhosissimos paradoxos.

O P. Ferrari e o P. Marcelli despertarão na nossa Italia o bom gosto das inscripções Latinas , que parece unicamente serem as dignas. O primeiro compoz d'ellas hum volume , além de outras muitas que andão soltas ; e o segundo não só fez hum volume ainda maior das suas inscripções , mas tambem nos deixou a arte de as compor.

Todos estes grandes homens , que até agora tenho mencionado , e cujos nomes viverão em quanto tiverem estima as Sciencias e as Letras , não só serão Claustraes , mas de mais a mais pertencião a Corporações Religiosas que tinhão por instituto applicar-se á educação da mocidade : por tanto , depois de similhante enumeração , certamente não ficará no animo do leitor a menor duvida sobre a frivolidade da nota de incapacidade que tanto lhes exprobão os Filósofos.

Não ignoro quanto elles tem declamado contra o methodo praticado em todas as sobreditas Communidades Religiosas , de terem por muitos annos occupado os rapazes no estudo da

Lingua Latina. A todas estas invehetivas porém se pode responder com o exemplo dos homens mais abalizados nas Sciencias, na Litteratura, e até nas mesmas Artes amenas, que todos bebêrão nos antigos escritores classicos desta Lingua a mais copiosa porção do seu discernimento, da sua erudição, e das suas invenções. Nem para divertir a grande força de semelhante exemplo serviria o dizer, como realmente se ha dito, que a Lingua Latina poderia mais facilmente, e ainda melhor aprender-se em huma idade menos tenra, como se aprende o Francez, o Inglez, o Alemão. As Linguas vivas podem-se aprender em qualquer idade, mas não he possivel adquirir hum perfeito conhecimento das Linguas doudas, se huma pessoa nellas não he iniciada, por assim dizer, na infancia. As declamações dos Filosophos tem tambem nesta parte sobrejamente prevalecido sobre o antigo systema; mas o resultado não ha sido feliz. Em vez de continuar a trazer a tenra mocidade, como se fazia algum tempo, no estudo da Lingua Latina, abrio-se-lhe huma carreira mais ampla; procurou-se exercitar a sua memoria sobre hu-

ma grande quantidade de objectos, fazendo-lhe aprender Resumos de Geografia, de Historia, de Mithologia, e até de Geometria, e de Fysica. A experiencia parecia que se declarára a favor do methodo novo, pois que hum rapazinho de dez ou doze annos, nos actos publicos que se fazião no fim do anno escolastico, mostrava huma universalidade de conhecimentos, que admirava os circumstantes, e fazia conceber aos pais as mais lisonjeiras esperanças. Mas o facto não tardou em fallar imperiosamente a favor do methodo antigo, tendo-se visto que estes rapazes tão maravilhosos na idade de dez e doze annos, se tornão ineptos na de trinta; e he bem natural que, ao passo que se avezão desde a infancia a beliscar muitos objectos, do mesmo modo quando são adultos se occupão menos vivamente em hum só. Não deixarei finalmente de accrescentar que este mesmo abandono da Lingua Latina, occasionado pelas vãs declamações dos Filozofos, tem sido prejudicial até mesmo ao estudo das Sciencias. Não sendo já estas tratadas em Latim, como algum dia se praticava, mas sim na Lingua nativa, convem que os doutos de hu-

ma Nação, ou renunciem aproveitar-se das luzes contéudas nas obras dos Sabios das ontras, ou he preciso que tomem a resolução de aprender as diferentes Linguas respectivas, o que não pode deixar de os afastar muitissimo do estudo mais interessante das Sciencias que elles professão. O mesmo Mr. D' Alembert, posto que haja sido sem duvida o maior detractor dos Latinistas modernos, (1) sem embargo d'isso se vio obrigado a reconhecer, e exactamente em vista da razão aqui adduzida, que as Sciencias devem sempre ser tratadas em Latim; se bem que na pratica elle contradisse esta sua theoria, visto que todas as suas Obras Mathematicas são escritas na sua propria Lingua.

Mas he inutil, que eu me entretinha mais tempo a refutar a imputação tão repetida dos Filósofos sobre a pretendida incapacidade das Corporações Religiosas na educação da mocidade, pois que tambem n'isto elles não erão de boa fé. O que lhes

(1) Veja-se D' Alembert — *Sobre a Latimidade dos Modernos.*

desagradava em similhante systema não erão os defeitos da instituição litteraria, mas sim a applicação que se praticava em unir á mesma tambem a educação moral e Christã. Bem vião elles que em quanto por meio dos ditos institutores a mocidade viesse a beber, por assim dizer, com o leite os sentimentos e os deveres religiosos, sería impossivel chegarem elles a conseguir o seu projecto de extinguir o lume da Religião sobre a face da terra. Ora a união destes dois generos de educação he o que justamente constituía o mérito do systema de educação das Corporações Religiosas. Se a Religião he sem duvida alguma o que ha mais coherente para a humanidade, que obrigação se não deve a huns institutores, que fazião todos os esforços por inspirarem desde os mais tenros annos o respeito, o amor, e os sentimentos d'ella? O principal designio de cada hum d'estes institutores era fazer curvar o espirito ainda docil da mocidade á veneração devida ao Ser Supremo, expor os motivos que ha de o amar, e apontar os meios pelos quaes só lhe podemos agradar. A estas instrucções se unia o exercicio da orã-

ção , as differentes praticas diarias de piedade ; em summa , nada se omittia de quanto podia fazer germinar em seus animos as virtudes do Christianismo. Tudo se reune na idade das paixões para afastar-nos das práticas e máximas de piedade ; por isso he summamente interessante , que desde a mais tenra idade ellas tenham lançado em nossos animos as mais profundas raizes. Quintiliano cria que a escola em que se houvesse aprendido a bem viver , seria mui preferivel áquella em que se houvesse aprendido a bem fallar (1). Segundo esta maxima do homem mais perito que teve a antiguidade no ensino da mocidade , as escolas das Corporações Religiosas merecerião toda a preferencia , ainda mesmo quando tivessem defeitos sobre o ponto da educação litteraria. Ora , quanto se não conhecerá mais a importancia de huma tal preferencia , depois de se ter provado com a maior evidencia , que ainda mesmo nesta parte ellas não deixavão nada a desejar ?

Este admiravel enlace dos ditos

(1) Quintil. 1. 1, c. 2.

dois generos de educação he o que tinha feito conceber ao immortal Chancellor Bacon a mais alta idéa da capacidade dos Jesuitas para a educação da mocidade. Estava elle tão convencido d'isto, que fazendo-se superior a todas as preocupações do partido Protestante, no qual nascêra, veio por fim a invejar os Jesuitas á Igreja Romana (1).

Similhantes homens respeitaveis, penetrados e embebidos d'esta estima, que o grande Bacon fazia da summa applicação dos Jesuitas no unirem a educação litteraria com a educação religiosa, chegarão ao ponto de dizerem, que a Revolução de França não houvera acontecido, se préviamente se não tivessem destruido naquelle Reino os Jesuitas. Eu não repétirei o mesmo, pois que só Deos

(1) "Nobilissime pars priscæ disciplinæ (scilicet educationis) revocata est aliquatenus, quasi postliminio in Jesuitarum collegiis, quorum cum intueor industriam, solertiamque, tam in doctrina excolenda, quam in moribus informandis, illud occurrit Agesilai de de Pharnabaso: *Talis cum sis, utinam noster es.*," — Bacon, *De Augment. Scientiarum.*

pode saber o que neste caso houvera acontecido. O que sobre este ponto posso dizer com certeza he, que a Revolução de França se executou principalmente por obra de mancebos, isto he, de pessoas que principiárão a sua educação depois do anno de 1762, época da destruição dos Jesuitas no dito Reino. Esta circumstancia de facto conhecida de todos accrescenta grandissimo pezo ás citadas razões de Mr. de Bonald sobre a necessidade de confiar de novo ás Corporações Religiosas a educação da mocidade, pois mostra que o seu systema tem a seu favor a grave authoridade da experiencia.

A importancia d'este mesmo systema de Mr. de Bonald se conhecerá ainda mais pelo que me resta a dizer sobre as pretendidas idéas liberaes, por onde se conhecerá melhor ainda quanto continúa a estar depravada a opinião em materia de Religião.

CAPITULO V.

Do Divorcio.

ARTIGO I.

Voltaire , asseverando que o Evangelho permite o divorcio em caso de adulterio , não fez mais que copiar os Heresiarcas do decimo sexto Seculo.

Grande numero de pessoas tambem conta a permissão do divorcio entre as idéas e instituições liberaes , considerando-se como couza conforme ás luzes do Seculo e aos progressos da Religião ; porém já mostrei no Capitulo 1.º que este tão decantado progresso das luzes , pelo que toca ás Sciencias moraes, não consiste em outra couza que em contrariar as idéas geralmente recebidas , sobre tudo na ordem da Religião : e este he sem

duvida o motivo por que os Filósofos modernos prégão tanto a favor do Divorcio.

Sei que o Antesignano dos mesmos Filósofos francamente asseverou que Jesu Christo declarou o divorcio permittido em caso de adulterio; e d'isto toma novo argumento para invectivar contra os Papas, dizendo ser couza bem singular que a Igreja Catholica tenha com o seu rigor passado tanto além do seu mesmo fundador (1). Mas quem ignora o abuso que este escritor fez das Divinas Escrituras?

Voltaire, fazendo estas exprobações aos Papas, não fez mais que copiar os Heresiarcas do decimo sexto Seculo: não contentes estes de terem avançado, que o Matrimonio dos Christãos pode ser dissolvido por diferentes causas, como pretendêrão Luthero, e Melancton, ou somente pelo adulterio de hum dos dois conjuges, como opinava Calvino, vomitárão as maiores injurias contra a Igreja Romana, tratando de tyrannia

(1) *Quest. sur l'Encyclop. Art. Adul-tère.*

a prohibição que ella faz aos Fieis de se divorciarem, sob qualquer pretexto que seja, para passarem depois a outras nupcias: o que deo lugar ao Concilio de Trento de produzir na vigesima quarta sessão o Canon setimo que pronuncia *Anáthema* contra todos aquelles, que ousarem dizer que a Igreja está em erro quando ensina, como sempre ensinou, conforme a Doutrina do Evangelho, e dos Apostolos, que o vinculo do matrimonio não pode ser dissolvido por peccado de adulterio de huma das duas partes. = E que os Padres do Concilio na formação deste Decreto se hajão realmente atido ao que Jesu Christo ensinou, e os Apostolos, he couza que bem facilmente comprehenderão até as pessoas que nenhuma noticia tem dos estudos Theologicos.

Jesu Christo disse em S. Marcos (1): *Aquelle que largar sua mulher, e casar com outra, commette adulterio com esta.* E em S. Lucas, que todo o homem que larga ou repudia a sua

(1) "Quicumque dimiserit uxorem, et aliam duxerit, adulterium committit super eam., *Marc. c. X, v. 11.*

mulher, e casa com outra, commette hum adulterio (1). Quem diz *aquelle que, todo o homem*, como nota Santo Agostinho, não exceptua ninguem (2). Por isso claro está que os textos dos dois mencionados Evangelhos comprehendem tanto *aquelle* que toma por motivo de se tornar a casar o adulterio de que a mulher he culpada, como qualquer outro pretexto.

Nem o Salvador fallou de outro modo em S. Mattheus, digão o que quizerem os Lutheranos, e os Calvinistas, os quaes se fundão em hum texto de Cap. XIX deste Evangelho para sustentarem a sua opinião favoravel ao divorcio.

O Douto Abbade Bergier, respondendo aos indicados impios sarcasmos de Voltaire, que tinha renovado o erro dos Protestantes, reflecte muito bem, que a resposta de Jesu Christo

(1) "Omnis, qui dimittit uxorem suam, et alteram ducit moechatur: et qui dimissam a viro ducit, moechatur.", *Luc. c. XVI, v. 18.*

(2) S. Augustin. *De Conjug. adult.* cap. 11.

referida por S. Mattheus no verseto 9.º do dito Cap. XIX , era relativa á pergunta dos Fariseos , e á questão que reinava entre elles sobre o verdadeiro sentido da Lei de Moysés , que alguns delles tinham desfigurado, pretendendo que o marido tinha authoridade de repudiar a mulher por qualquer causa de desgosto, se bem outros mais sensatos sustentavão, que isto não era permittido senão no caso de alguma falta de castidade. “Jesu Christo, (diz o mesmo escritor) decidio a questão, tão a favor dos ultimos, declarando, do que Moysés não tinha tolerado, do o divorcio senão por motivo de infidelidade, *nisi ob fornicationem*.” Por isso em S. Marcos , prosegue o mesmo escritor, quando não já os Fariseos, mas sim os seus discipulos lhe perguntarão em particular sobre este assumpto do divorcio , e que por conseguinte já se não tratava de interpretar o verdadeiro sentido da Lei de Moysés , mas unicamente se tratava de saber o que se devia praticar na nova Lei da Graça , elle decidio sem restricção algum , e absolutamente, que quando hum dos esposos usa do divorcio , e se torna a casar , commette hum adulterio

(1). E a mesma decisão, como já dissemos, deo também segundo S. Lucas.

Mas quando mesmo se insista unicamente sobre o Evangelho de S. Mattheus, não he difficil mostrar a insubsistencia da doutrina dos Heterodoxos, pois que tudo conspira no citado Cap. XIX do dito Evangelista para fazer ver que o Matrimonio he indissolúvel em todos os casos. Com effeito, se alli o divino Redemptor declarou, que a Lei de Moysés permittia abandonar a mulher por motivo de adulterio, remontou ao mesmo tempo á maior antiguidade, e fez ver, que em virtude da instituição primitiva, e da Lei natural, o matrimonio era em todos os casos indissolúvel. Ensinou aos Fariseos que he Deos o seu author, tendo unido por meio do matrimonio o homem e a mulher com hum laço tão legitimo, que he muito maior que aquelle que ha entre os filhos e seus pais, e que, se bem o marido e a mulher sejam dois individuos, não for-

(1) *Bergier*, Tratado historico e dogmatico da verdadeira Religião. Tomo IV, cap. XI, Art. II, paragr. 17.

mão todavia mais que huma só carne. Do que veio a concluir como regra e preceito geral, que de nenhum modo he permittido ao homem separar aquillo que Deos ajuntou (1).

E para que não se cresse que Moysés, concedendo aos Hebreos repudiar suas mulheres em caso de adultério, havia derogado aquella divina Lei concernente á primitiva instituição do matrimonio, declarou igualmente Jesu Christo nesta occasião aos Fariseos, que essa licença era mais huma especie de tolerancia forçada, que huma verdadeira permissão. *Moysés não vos concedeo desquitardes-vos de vossas mulheres*, lhes disse Jesu Christo, *senão pela dureza do vosso*

(1) „Et accesserunt ad eum Pharisei tentantes eum, et dicentes: Si licet homini dimittere uxorem quacumque ex causa? — Qui respondens, ait eis: — Non legistis, quia qui fecit hominem ab initio, masculum et fæminam fecit eos: et dixit? — Propter hoc dimittet homo patrem, et matrem, et adhaerebit uxori suae, et erunt duo in carne una. — Itaque jam non sunt duo, sed una caro. Quod enim Deus conjunxit, homo non separet. „ — *Matth. Cap. XIX. v. 4, 5, 6.*

coração ; mas não se praticou assim no principio (1). Estas palavras do divino Redemptor , não se praticou assim no principio, evidentemente mostram a exprobação que lhes fez de serem elles nisto os violadores da instituição Divina ; e que por consequencia erão indesculpaveis no seu procedimento. O que fez dizer com razão a Santo Agostinho , que quando Moysés permittio aos Hebreos repudiarem suas mulheres , deo a conhecer com isto que mais lhes lançava em rosto os seus divorcios, do que lhos approvava (2).

Os discipulos que se achavão presentes ao discurso que Jesu Christo fez aos Fariseos , não o interpretarão de outro modo que por huma absoluta prohibição de fazer divorcio. Vendendo elles , que não havia que esperar

(1) “ Dicunt illi : — Quid ergo Moyses mandavit dare libellum repudii , et dimittere ? — Ait illis : Quoniam Moyses ad duritiam cordis vestri permisit vobis dimittere uxores vestras ; ab initio autem non fuit sic. , — *Ibid.* y 7, 8.

(2) “ Qua in re exprobatio potius, quam approbatio repudii apparet. , *S. August. De Bono Conjug.* cap. 8.

modificação alguma do rigor da Lei divina concernente á indissolubilidade do matrimonio , concluirão , que não convinha casar (1).

Mas ainda quando fosse verdade que a maneira com que S. Mattheus referio a resposta , que deo Jesu Christo aos Fariseos incluísse alguma leve obscuridade , nem por isso seria menos bem fundada a doutrina da Igreja Catholica sobre a absoluta indissolubilidade do matrimonio por direito divino ; pois que S. Marcos e S. Lucas explicarão tão claramente o pensamento e a ordem do Divino Salvador , que não ha o minimo lugar de duvidar , que elle prohiba o casar de novo tanto áquelles cujas mulheres se achão culpadas de adultério , como aos que podessem allegar outros pretextos para passarem a segundas nupcias em vida de suas mulheres : e em consequencia , como prosegue o mesmo Doutor , não se pode dar outra interpretação ás palavras de S. Mattheus huma vez que se não di-

(4) “ Dicunt ei discipuli ejus : Si ita est causa hominis cum uxore , non expedit nubere. , *Matth. Cap. XIX. v. 10.* ”

ga, o que seria huma impiedade, que os Evangelistas se contradissem (1).

O Apostolo S. Paulo, que certamente era hum bom interprete da doutrina de Jesu Christo, diz tambem em termos geraes, e sem fazer excepção alguma, no Cap. 7.º da primeira Epistola aos Corinthios que a mulher está ligada á lei do matrimonio em quanto vive seu marido. E o mesmo repetio em outro lugar do dito Cap. 7.º : „ Quanto áquelles que já „ são casados, não sou eu, mas o „ Senhor, que dá este mandamento, „ que a mulher se não separe nunca „ de seu marido : e quando d'elle se „ haja de separar, permaneça sem „ casar com outro, ou se reconcilie „ com o marido ; e tambem o marido „ do jámais abandone sua mulher. „ Este mesmo geral e illimitado preceito foi repetido pelo Apostolo no 7.º Capitulo da Epistola aos Romanos. Se a mulher durante a vida do mari-

(1) “Sancti Matthei locus ab alliis Evangelistis ita explanatus est, nulla ut supersit difficultatis umbra.,, *S. August. De Conjug. adult. lib. I, cap. 11.*

do , diz elle , se despozar com outro homem será considerada como adultera.

„ Estas palavras do Apostolo tantas
 „ vezes repetidas , tantas vezes incul-
 „ cadas , são verdadeiras , diz Santo
 „ Agostinho , são vivas , são sãs , são
 „ claras. Huma mulher , segundo S.
 „ Paulo , (prosegue o mesmo santo
 Doutor) não pode vir a ser esposa
 „ de outro homem , em quanto não
 „ tiver cessado de o ser do primeiro
 „ com quem se despozou , e não po-
 „ de cessar de ser sua mulher senão
 „ pela morte deste marido , nem mes-
 „ mo pelo seu adulterio. He verdade
 „ que se permite repudiar huma mu-
 „ lher por commetter adulterio , mas
 „ nem por isso fica desatado o vincu-
 „ lo do matrimonio ; e isto ainda
 „ mesmo que o seu marido jámais se
 „ reconciliasse com ella (1). „

(1) “Haec verba Apostoli, toties inculcata, vera sunt , viva sunt , sana sunt , plana sunt. Nullius viri posterioris mulier uxor esse incipit, nisi prioris esse desierit. Esse autem desinet uxor prioris, si moriatur vir ejus, non si fornicetur; licite igitur dimittitur conjux ob causam fornicationis, nec carebit illo vinculo, etiam si nunquam re-

Poderia citar outras muitas passagens d'este grande Doutor, tendentes a provar que o matrimonio dos Christãos, por direito divino, he indissolvel em todos os casos, sem exceptuar sequer o de adulterio. Restringir-me-hei porém a referir a seguinte reflexão. „ Se o adulterio, diz elle, „ fosse huma razão sufficiente „ para dissolver o matrimonio, se- „ guir-se-hia dahi a monstruosa e „ abominavel consequencia de que o „ delicto de huma mulher lhe seria „ tão favoravel, que por este seu „ grande attentado contra a fidelida- „ de conjugal, não só ella se livra- „ ria de hum marido de que não gos- „ tava, mas até por meio deste seu de- „ licto cessaria de ser culpada; por- „ que desligando este mesmo seu de- „ licto o seu matrimonio, cessaria „ ella de ser adultera (1). „

concilietur viro; carebit autem si mortus fuerit vir ejus., — *S. August. lib. II. Adulterinis Conj. cap. 5.*

(1) “Quoniam si per conjugis adulterium conjugale solvitur vinculum, sequitur illa perversitas, quam cavendam esse monstravi, ut te mulier per impudicitiam solvatur hoc vinculo, quae si solvitur, libera erit

O matrimonio na Lei nova foi elevado á dignidade de Sacramento. Os Hereges, que o negão, fechão inteiramente os olhos á luz, pois que a authoridade S. Paulo no Cap. V. da Epistola aos Efesios he sobre este ponto sobejamente clara e terminante; ora esta he mais outra razão pela qual Santo Agostinho faz ver que o matrimonio dos Christãos he absolutamente indissolúvel. „ Tendo sido por „ Jesu Christo elevado á dignidade „ de Sacramento, recebeo, diz elle, „ hum novo gráo de indissolubilidade „ de que não tinha na Lei antiga. „

Os outros Padres e Escritores Ecclesiasticos, tanto anteriores como posteriores a Santo Agostinho, forão também sem discrepancia alguma do mesmo parecer, que o matrimonio he por direito divino indissolúvel, ainda mesmo no caso de adulterio; o mesmo se pode dizer dos Concílios, e dos Papas, tanto assim, que os Padres do

a lege viri, e ideo quod insipientissimè dicitur, non erit adultera, si fuerit cum alio viro, quia per adulterium liberata est a priori viro., *S. Augustini lib. 2. De Adult. Conjug. Cap. 5.*

Concilio de Trento , ao formarem o dito Canon VII da Sessão vegesima quarta , com todo o fundamento asseverarão , que a doutrina conteúda no mesmo Canon he realmente a que a Igreja em todo o tempo ensinou (1).

(1) Esta doutrina da indissolubilidade do matrimonio em todos o casos , comprehendido tambem o de adulterio , foi claramente exposta , antes de Santo Agostinho, por S. Clemente Alexandrino (*Strom. lib. 2*), e por Origenes (*Homel. 7 in Matth.*) E contemporaneamente , e depois do mesmo grande Bispo de Hipponia, sustentarão a mesma doutrina Sauto Ambrosio (no livro 1.^o de *Abrahamo* cap. 4). S. João Chrisostomo. (*Homel. 17 in Matth.*), S. Jeronymo (*in Epitaphio Fabiolae ad Oceanum* , seu *epist. 50* , et *in Epist. 147 ad Amandum*) ; S. Basilio (no Livro da Virgindade , e na Homelia 7 , sobre a obra dos seis dias) ; Lanfranc (na 10 carta a Thomás Bispo d'York); e Ivo de Chartres (na Carta 125.)

E pelo que toca aos Concilios, além da decisão já referida, e sabida de todos, do Concilio de Trento no Canon 7 da sessão XXIV , podem citar-se o Concilio de Elvira , Canon 9 ; o de Milevi , Canon 17; outro de Africa, ao qual tinha assistido Santo Agostinho, Canon 69 ; o pri-

He portanto falso que a actual disciplina da Igreja concernente á geral

meiro Concilio de Arles, Canon 10 ; e o Concilio Ecumenico de Florença.

Finalmente, pelo que toca aos Pontifices Romanos, poderá ver-se a Carta 3 de Innocencio I *ad Exuper.*; Innocencio III, no cap. *Gaudemus, de Divortiis*; e Eugenio IV no Decreto enviado aos Armenios. Este Decreto era concebido nos termos seguintes : “*Quamvis ex causa fornicationis liceat thori separatione facere, non tamen alium matrimonium contrahere fas est, cum matrimonii vinculum legitime contracti perpetuum sit.*”, — Assim se vê claramente que a Igreja, por constante tradição ensinou sempre, que o matrimonio he de tal sorte indissolúvel, que não se pode desatar nem mesmo por causa de adulterio.

Sei que se tem objectado, que alguns Padres tem sustentado que mesmo na Lei nova he permittido dissolver o matrimonio pela causa acima indicada; e citão-se entre outros S. Justino na primeira Apologia dos Christãos, dirigida á cerca do anno de 150 ao Imperador Antonino, e Tertulliano no Livro 4 contra Marcião. Mas isto he hum erro. Se se lerem com attenção estes escritores, conhecer-se-ha que elles não fallarão senão da separação, em quanto ao thálamo e á habitação, que elles julgáram permittida, quando a mulher he convenci-

e absoluta prohibição do Divorcio seja obra da ambição e da politica dos Papas , como assevera o Corifeo do moderno Filosofismo , sem indicar porém quaes sejam estes motivos de ambição e de politica , que o induzirão a fazer huma tão importante mudança na Igreja (1). Das reflexões feitas em todo o decurso do presente artigo se manifesta claramente , que ella neste ponto tambem sempre ensinou a mesma constante doutrina.

Alguns Escritores , tanto entre os Protestantes, como entre os Filosofos, para provarem que a Igreja Romana

da de adulterio; e ver-se-ha por conseguinte que nenhum dos Padres disse que depois d'aquella separação he permittido ao marido casar com outra mulher durante a vida d'aquella que repudiou; excepto unicamente Lactancio, o qual era secular, e hum Rhetorico criado na Corte do Imperador Constantino , e não instruido de todo na doutrina da Igreja. Cria elle que a excepção feita por Jesu Christo em S. Mattheus , se devia entender conforme a disposição das Leis Romanas, que permitião o divorcio.

(1) *Voltaire , Quest. sur l'Encycloped. artic. Adultere.*

não sustentou sempre a doutrina actual sobre o divorcio, tem citado as Leis de Theodosio, de Valentiniano, e de Anastacio, insertas no Codigo de Justiniano no titulo dos Repudios. Os tres mencionados Imperadores, dizem elles, erão Christãos, e com tudo com as suas citadas Leis permittirão aos conjuges poderem tornar a casar depois de se terem separado. Este modo de discorrer não só he contrario á Logica, mas tambem ao simples bom sizo. He o mesmo que se, quinhentos ou seis centos annos atraz, citasse alguem o Codigo Napoleão, para provar que no principio do decimo nono seculo tinha a Igreja Romana approvado o Divorcio. Nos primeiros tempos da Igreja erão as Leis dos Imperadores mui diversa couza que as Leis de Jesu Christo: e S. Paulo e Papiniano ordenavão couzas que erão entre si muito diversas, como observou S. Jeronymo (1).

Justiniano nas suas novas Constituições abrogou a maior parte das

(1) "Aliae sunt leges Caesarum, aliae Christi: aliud Papinianus, aliud Paulus noster praecipit., — *Hyeronim. Ep.* 30

Leis Romanas favoraveis ao Divorcio, e exactamente por serem oppos-
tas á Lei de Deos: e se algumas con-
tinuárão a subsistir, não foi por mui-
to tempo. A' medida que o Chris-
tianismo se hia dilatando entre os po-
vos, e sobre tudo desde que toda a
Europa se achou convertida á Fé,
cahirão em desuso todas as antigas
Leis Romanas que approvavão o di-
vorcio, e prevaleceo inteiramente so-
bre ellas a disposição do Direito Ca-
nonico, de modo que com toda a sem-
razão na Encyclopedia Methodica, e
em outras obras modernas aliàs sãs,
se citou a Polonia como hum exem-
plo sempre subsistente de hum Reino
Catholico, em que he permittido o
divorcio.

ARTIGO II.

*He falso que o Divorcio haja sido sem-
pre authorisado na Polonia.*

Este erro vem de que em nenhu-
ma outra parte são mais frequentes as
dissoluções do matrimonio que na Po-
lonia. Se em vez de se aterem ao

simples facto , considerassem os motivos que o produzirão , não terião os apontados authores avançado tão ligeiramente similhante asserção. O author da Obra intitulada *Codigo Matrimonial* provou sem réplica, que as sentenças pronunciadas na Polonia sobre esta materia não são fundadas na faculdade que alli exista de fazer divorcio , mas sim na grandissima facilidade de admittir as causas de nullidade , e d'ahi tira por tanto huma consequencia totalmente contraria ao sentir dos escritores , de que temos fallado. “O uso da Polonia , diz elle ,
 „ longe de estabelecer a authorisação
 „ do divorcio , antes demonstra o contrario. Quando se dissolve hum matrimonio contrahido por força, succede, que se julga que não interveio
 „ jámais o consentimento ; e sendo este a base do matrimonio , por isso
 „ se julga nunca haver sido verdadeiro matrimonio. Depois , não se
 „ achão outros meios de permittir a
 „ dois conjuges , descontentes da sua
 „ sociedade , que formem outra de
 „ novo , senão declarando não ter havido vinculo que os haja ligado ;
 „ e isto he huma prova sensivel de
 „ que se houvesse vinculo , este não

„ podia deixar de ser indissolúvel.
 „ Assentado isto , quer os Juizes se-
 „ jão mais, ou menos faceis em admit-
 „ tir as provas d'esta nullidade do
 „ vinculo matrimonial , sempre a Lei
 „ fica em pé. O Juiz pode prevari-
 „ car ; mas a sua mesma prevarica-
 „ ção , longe de abolir a Lei , mostra
 „ a força do seu imperio , da qual se
 „ não pode subtrahir senão por meio
 „ de hum delicto. „

Se a indole de hum simples artigo
 o permittisse , poderia referir outros
 similhantes escriptores , que se impo-
 serão o dever de refutar esta falsa
 idéa de que o divorcio propriamente
 dito haja sido sempre na Polonia per-
 mittido. Não posso porém deixar de
 referir huma passagem de Benedicto
 XIV , pois que o Leitor olhará como
 decisiva a sua authoridade.

Resoluto este grande Pontifice a re-
 prezar o curso das demasiado frequen-
 tes dissoluções de matrimonio na Po-
 lonia , dirigio para esse effeito diver-
 sos Breves aos Bispos daquelle paiz ,
 nos quaes depois de lhes haver feito
 sentir os inconvenientes d'isso , vai ex-
 pondo as suas causas do modo seguin-
 te : “ Estamos (diz elle) persuadidos ,
 „ que a desordem e a confusão , de

„ que acima fallamos , e que reinão
„ na Polonia, provêm pela maior par-
„ te da maneira porque ahi se con-
„ tratão e celebrão os matrimonios.
„ Muitas e muitas vezes deixa de as-
„ sistir a isso o proprio Parroco ; dá-
„ se ás vezes, sem elle o saber, a com-
„ missão a hum simples Clerigo seja
„ qual for ; concedem-se tambem fre-
„ quentemente dispensas de banhos ,
„ de modo que , apesar de não haver
„ alguma causa legitima e urgente ,
„ não se dá lugar sequer a huma
„ denuncia. Fecha-se com isto todo e
„ qualquer caminho pelo qual se pos-
„ sa vir no conhecimento se o matri-
„ monio foi celebrado com a neces-
„ saria liberdade de hum e do outro ,
„ e se ha ou não entre hum e outro
„ algum impedimento por cujo mo-
„ tivo o mesmo matrimonio já con-
„ trahido deva consecutivamente ser
„ dissolvido. D'ahi nascem frequen-
„ tissimas contestações sobre a nulli-
„ dade dos matrimonios ainda que
„ celebrados á face da Igreja. A's
„ vezes pretendem que o matrimonio
„ se contrahira ou por violencia , ou
„ por temor , sem o livre consenti-
„ mento de hum dos dois esposos. Ou-
„ tras vezes produz-se e oppõe-se

„ hum impedimento , o qual , bem
 „ que legitimo , podéra ter-se desco-
 „ berto antes de se contrahir o matri-
 „ monio , se premeditadamente e com
 „ apostasia o não tivessem querido
 „ esconder. Outras vezes , e isto acon-
 „ tece com mais frequencia , faz-se
 „ depender a nullidade do matrimo-
 „ nio do motivo de se haver celebra-
 „ do perante outro Sacerdote em vir-
 „ tude de huma commissão , quer do
 „ Parroco , quer do Bispo , a qual
 „ se não deo segundo as formulas or-
 „ dinarias e estaveis. Não ha certa-
 „ mente algum que não comprehen-
 „ da que tudo isto , abrindo facil-
 „ mente a estrada ao delicto , he cau-
 „ sa de que o beneficio canonico da
 „ appellação , que concedemos nas
 „ nossas ultimas Letras , e do qual
 „ poderia gozar hum dos espozos por
 „ meio da obtida sentença de nulli-
 „ dade , vem por estas fraudes e sub-
 „ terfugios a ficar impedido ; e por
 „ consequencia , que , com gravissimo
 „ escandalo da gente de probidade ,
 „ são tão frequentes na Polonia as
 „ dissoluções do matrimonio. „

Estas dissoluções do matrimonio
 não são pois , torno a dizer , funda-
 das na Polonia na permissão do di-

vorcio , mas sim em razões de nullidade e impedimentos dirimentes , dos quaes se abusa. Se existira similhante permissão , o douto e zeloso Pontifice não deixaria de em seus Breves desenganar aquella nação Catholicissima , e tão respeitosa para com a Santa Sé , sobre hum erro tão opposto aos principios do Evangelho. D'aqui concluo em ultima analyse , que em todos os Estados Catholicos , sem exceptuar algum , sempre ha sido prohibido o divorcio.

ARTIGO III.

*Das Leis de França de 1792 , e 1803
a favor do Divorcio.*

A primeira vez que em hum paiz reputado Catholico se ha visto publicar huma Lei a favor do Divorcio , foi em França no mez de Setembro de 1792. Mas bem se sabe que naquella época não tinha a Religião Catholica naquella região mais que huma existencia meramente nominal. Os seus verdadeiros Ministros pros-

eritos, desterrados por paizes estrangeiros, estavam substituidos por intrusos, por scismaticos, os quaes não formavão mais que hum vão simulacro de Igreja. Ainda entre estes ultimos alguns houve que reclamarão altamente contra o escandalo da nova Lei. Tal foi principalmente hum certo Mr. Gracian, intruso de Ruão, o qual foi perseguido por ter sustentado em huma sua Pastoral a absoluta indissolubilidade do vinculo do matrimonio. Mas este clamor de hum Bispo sem missão, que barreira podia oppor á torrente da impiedade que devastava então aquella outr'ora tão florente porção da Igreja Universal?

Esta Lei de 1792, obra de huma Assembléa que tinha arruinado a Constituição politica e religiosa de hum vasto reino, nada offerecia extraordinario. O que verdadeiramente causou singular assombro foi ver successivamente Napoleão propor huma semelhante Lei ao Corpo Legislativo, hum anno depois de ter publicado a Concordata, por meio da qual tanto blazonava ter restabelecido com todas as suas prerogativas o Culto Catholico em França.

O pretexto adduzido pelos seus ora-

dores para córarem esta contradicção he digno do motivo que havia inspirado a Lei. Era isto , dizião elles, porque havia em França seguidores de differentes Cultos que admittião o divorcio ; razão verdadeiramente ridicula , e digna de hum tal legislador ! Como se , por contentar os filhos de Lutheró e de Calvino , os quaes não formavão em França senão huma pequena parte dos habitantes , fôra preciso comprometter a delicadeza da consciencia da totalidade moral de Nação , que professava a Religião Catholica !

Além do que , os sectarios que Napoleão tinha em vista favorecer , não admittem o divorcio senão por causa de abandono ou de adulterio. A sua Lei , mais geral , sim era sujeita a algumas restricções , mas estas erão tão vagas , que condescendia com todos os caprichos , e favorecia todas as paixões. Hum Legislador mais religioso e mais coherente teria feito huma Lei fundada no preceito evangelico , a fim de declarar prohibido á Nação Catholica o divorcio ; salva huma excepção particular para os Protestantes nos dois casos authorisados pela sua doutrina. Mas Buona-

parte tinha miras mais distantes, e hum secreto designio, que facil era de perceber. Entrava nos seus projectos remeter os preceitos de Jesu Christo ao numero das opiniões puramente theologicas, e avezar insensivelmente d'este modo os Catholicos á prevaricação. Tudo isto conduzia a pouco e pouco ao grande systema da indifferença de todos os Cultos, o qual tanto tinham a peito os Filósofos.

ARTIGO IV.

Opposição do Divorcio ao bem da Sociedade.

Se o Divorcio he visivelmente contrario aos principios do Evangelho, não o he menos á ordem social debaixo de todas as relações de utilidade publica que hum Legislador deve ter em vista, a fim de que as suas ordenações produzão o commodo da Nação; o que bem provou o Abbade de Rastignac na sua bella obra intitulada: *Accord de la Revelation et de la Raison contre le Divorce.*

Tambem o Abbade Bergier depois de ter amplamente provado , na sua já mencionada Apologia da verdadeira Religião , que o divorcio he contrario ao Evangelho , não deixa de se espraiair do mesmo modo sobre a sua opposição ao bem da sociedade. Demonstrou elle concludentemente que o divorcio he contrario ao interesse dos filhos , offende o direito natural das mulheres , perjudica a pureza dos costumes , e arma finalmente hum laço á fidelidade dos esposos , pois que aquelle dos dois conjuges , que desgostar do seu estado , se sentirá movido a ser infiel , para dar ao outro hum motivo de se divorciar.

Muito antes de qualquer destes dois escritores , e exactamente pelo fim do decimo sexto seculo , tinha o coordenador do Cathecismo Romano , compilado em consequencia dos Decretos do Concilio de Trento , exposto diversas vantagens consideraveis que , ainda a respeito da ordem social , se derivão da Lei da indissolubilidade do matrimonio (1).

(1) “ Ac ne alicui videatur durior matrimonii lex, quod nulla unquam ratione dis-

Como porém a authoridade d'estes escritores , por mui respeitavel que seja , poderia não ser talvez de grande pezo aos olhos de certas pessoas que reprovão antecipadamente tudo aquillo que provem da penna dos Ecclesiasticos ; juntarei aqui a opinião

solvi possit , docendum est , quae sint cum ea utilitates conjunctae. Primum enim homines in conjungendis matrimoniis virtutem potius , et morum similitudinem , quam divitias , et pulchritudinem spectandum esse intelligunt : qua quidem re communi societate maxime consuli , nemo dubitare potest. Praeterea si divortio matrimonium dissolveretur , vix unquam dissidendi causae hominibus , quae iis ab antiquo pacis et pudicitiae hoste quotidie objicerentur , deessent. Nunc vero cum fideles secum cogitant , quamvis etiam conjugii convictu et consuetudine careant , se tamen matrimonii vinculo constrictos teneri , omnemque alterius uxoris ducendae spem sibi praecisam esse , ea re fit , ut ad iracundiam , et dissidia tardiores esse consueverint. Quod si interdum etiam divortium faciunt , et diutius conjugis desiderium ferre non possunt , et facile per amicos reconciliati ad ejus convictum redeant. , *Cathechis. Rom. ex decreto Sac. Conc. Trident. jussu Pii V. P. M. editum. Cap. 8. quaest. 21.*

de David Hume, hum dos oráculos da Filosofia moderna. No decimo oitavo dos seus Ensaaios abertamente se declara contra o divorcio, e bem pode cada qual imaginar que elle certamente não tomou do Evangelho os argumentos com que apoia o seu sentimento.

Pode-se consultar tambem o excellente escrito de Mr. de Bonald atraz louvado, que tem portitulo: *Du Divorce considéré au dixneuvieme siecle.* Este author, que ainda vive e goza de grande reputação de probidade entre a sua nação, tinha composto este discurso com a intenção de fazer sentir ao Legislador da França, em 1803, os inconvenientes da Lei antichristã, e immoral de 1792, e impedir assim, que ella não fosse de novo consagrada pelo Codigo Civil que então se compilava. Fazia elle principalmente observar que o divorcio se torna mais funesto á medida que huma nação mais se vai estragando, porque se faz mais frequente. O que elle prova com o exemplo do Povo Romano, entre o qual o divorcio, se bem authorizado pela Lei, foi por longo tempo summamente raro, e não se tornou frequentissimo senão

nos ultimos tempos da Republica, quando a corrupção dos costumes se tinha feito excessiva (1). Juvenal, que vivia exactamente no dito tempo, exercitou o seu éstro satyrico contra as matronas Romanas, que tinham achado o segredo de permutarem oito maridos cada cinco annos.

Muitos escritores Protestantes do passado seculo decimo oitavo, espantando-se desta excessiva multiplica-

(1) D'esta louvavel conducta dos Romanos antigos de não se aproveitarem da lei que permittia o divorcio, temos huma authentica prova em Valerio Maximo, o qual no Liv. 2, cap. 1 nos diz que a Republica Romana já tinha existido mais de 500 annos primeiro que se ouvisse fallar do repudio das mulheres; e que Spurio Carbilio foi o primeiro que repudiou sua mulher com o pretexto da esterilidade, a fim de casar com outra. O mesmo Historiador ajunta, que, se bem este pretexto parecesse toleravel, com tudo não deixou de ser o mesmo Spurio Carbilio geralmente vituperado porque, como todos dizião, não devia preferir á fé conjugal o desejo de ter filhos. — “Qui quam
,, tolerabili causa motus videbatur, repre-
,, hensione tamen non caruit, quia nec
,, cupiditatem quidem liberorum conjuga-
,, li fidei praeferri debuisset arbitratur.,”

ção dos divorcios que havia entre os seus, e pelo mesmo motivo que a produzio entre os antigos Romanos, desejavão ardentemente ver sobre este ponto restabelecida a doutrina da Igreja Catholica, que os seus avós tão temeraria e tão ligeiramente haviam condemnado no decimo sexto.

ob Accrescentarei a isto, que na Camara dos Pares d'Inglaterra, de cuja jurisdicção dependem as causas do divorcio, tem muitos membros respeitaveis varias vezes declarado os seus votos pela inteira abolição deste uso, como unico meio de suspender os seus escandalos.

Assim, entretanto que os escritores mais capazes de fazerem authoridade, e os homens mais distinctos pela sua moral ainda mesmo nas nações protestantes, abertamente reprovavão o divorcio, applicava-se o pretendido restaurador do Culto Catholico em França a consolidallo na sua nova Legislação.

Mas se depois da época de 1803 tiverão todos os bons a mortificação de verem estender-se a Lei anti-christã e immoral do Divorcio até por diversos paizes Catholicos, podem ao presente tranquillizar-se de todo, pois

já se tem restabelecido neste tão delicado ponto a ordem das couzas. O Soberano da minha patria foi o primeiro que rendeo esta homenagem á Religião e á moral ; por quanto no mez de Maio de 1814 , quando , depois da derrota de Napoleão , as suas victoriosas falanges pozerão pé no territorio Veneziano , o primeiro acto de authoridade que exercitou , foi proscrever a dita Lei do Divorcio ; exemplo que brevemente foi imitado pelos outros Principes Catholicos que na mesma época entrárão na posse dos seus antigos dominios.

CAPITULO VI.

Da Liberdade da Imprensa.

ARTIGO I.

Os Filósofos modernos tem artificiosamente confundido a liberdade da Imprensa com a liberdade de pensar , e tambem d'esta nos tem dado huma noção totalmente falsa.

A liberdade da Imprensa he a ultima das idéas pretendidas liberaes, que eu me hei proposto examinar neste opusculo. Sobre este objecto não teria eu na verdade precisão de me estender muito , antes me poderia limitar a duas palavras , dizendo , que este he infelizmente o meio pelo qual se tem espalhado tanto o veneno das maximas irreligiosas e anti-sociaes que ha vinte cinco annos a esta parte tantas lagrimas tem produzido no Mun-

do. Porém os Filósofos tem ha mais de meio seculo repetido incessantemente , que a liberdade da Imprensa he a principal salva-guarda da felicidade das nações , tem-se soltado tanto contra os Principes e contra os Ecclesiasticos por se mostrarem afferados aos antigos regulamentos sobre a censura dos livros , olhando semelhante proceder como o ultimo gráo do Despotismo Sacerdotal e Ministerial ; que para encaminhar em tão interessante objecto a opinião publica , creio não ser inutil descobrir toda a fraqueza dos sofismas com que se tem chegado a depravalla.

O Marquez Gorani , que na nossa Italia foi hum dos primeiros e mais ousados promulgadores do filosofismo ultramontano , depois de ter, nas suas *Investigações sobre a Sciencia do Governo* , feito os maiores elogios da liberdade de pensar, que considera como a mais nobre prerogativa do homem, passa a fallar nestes termos da liberdade da Imprensa: “A liberdade de
 „ fallar, de escrever, e de publicar
 „ cada hum os seus pensamentos he
 „ huma consequencia necessaria da
 „ liberdade de pensar. De que servia
 „ ria com effeito esta ultima facul-

„ dade , de que serviria investigar
 „ verdades , e couzas uteis , se fosse
 „ vedado communicallas aos outros ?
 „ Por meio de similhante prohibição
 „ he que o Despotismo Sacerdotal e
 „ Ministerial tem produzido tão pou-
 „ cos verdadeiros Homens de Estado,
 „ e poucos livros bons sobre a scien-
 „ cia do Governo. Se fosse possivel
 „ anniquilar a faculdade de publicar
 „ os proprios pensamentos , não se
 „ chegaria jámais a libertar os po-
 „ vos do flagello dos erros e da ty-
 „ rania , a reformar os costumes , as
 „ leis , os Governos , a conter em de-
 „ ver os Ministros , aquelles princi-
 „ paes inimigos dos homens , a dar a
 „ conhecer os males e os remedios , a
 „ assegurar penas aos delictos e re-
 „ compensas á virtude , a comparar
 „ as opiniões proprias com as dos
 „ outros , e a aproveitar suas idéas
 „ para aperfeiçoar os conhecimentos
 „ proprios ; em fim o genero huma-
 „ no condemnado a huma perpetua
 „ infancia não poderia jámais sacu-
 „ dir o jugo dos seus tyrannos , nem
 „ regenerar-se (1). „

(1) Gorani, *Ricerche su la scienza del*
Governo, tom. 1, cap. 60.

Este modo de discorrer do Marquez Gorani , que he commum a todos os outros livres pensadores do seculo decimo oitavo, he em todas as suas partes vicioso , e inconcludente. A liberdade de pensar, e a de fallar, e escrever, são duas couzas entre si inteiramente diversas e distinctas. E a razão d'isto se manifesta promptamente por si mesma , pois que em quanto temos dentro de nós mesmos os erros , não podem estes fazer damno algum á sociedade , o que não succede quando se expõem com as palavras , e muito mais com os escritos. Mas já que os Filosophos tem artificiosamente confundido estas duas couzas tão oppostas entre si , julguei não sería inutil seguir os seus raciocinios ; e antes de fallar directamente da liberdade da Imprensa, julgo interesse da obra entreter-me hum pouco sobre o erro do principio de que elles a fazem derivar ; demonstrando para esse effeito que a liberdade de pensar, sobre que elles tanto tem escrito, não he outra couza mais que a libertinagem e a soltura. E creio que não posso satisfazer melhor este empenho do que seguindo passo a passo os raciocinios e as idéas do Escriitor de que todos

tomarão este dogma caracteristico do moderno Filosofismo.

João Antonio Collins, o discipulo predilecto, e intimo amigo de Locke, depois de ter abalado os alicerces da moral e da Religião, tirando ao homem a liberdade, levou mais longe este seu audaz designio dando ao mesmo homem a funesta licença de examinar as liberdades reveladas e de submetter a Fé á razão. Fez elle primeiro isto com hum opusculo sobre o *uso da Razão*, mas depois mais particularmente, e, por assim dizer, *ex professo*, no seu famoso discurso *sobre a liberdade de pensar*, que publicou em 1713, por occasião de ter sido aggregado a huma sociedade de livres-pensadores, que então se tinha erigido em Inglaterra.

Collins principia estabelecendo como principio e axioma, que rege todo o seu discurso, que nada se deve crer sem exame; d'ahi faz consistir a liberdade de pensar no uso do entendimento para procurar e descobrir o sentido de huma proposição considerando a natureza das provas pró e contra, a fim de formar cada hum o seu juizo, segundo ellas parecem mais ou menos fortes.

Esta definição, que deo Collins, da liberdade de pensar, applicada ás Sciencias Naturaes he justissima; e todos pensarião tambem que a sua intenção seria realmente restringir a sua mencionada definição dentro d'estes justos limites; tanto mais que na época em que elle publicou o seu discurso sobre a liberdade de pensar reinava ainda geralmente o Peripateticismo, o qual foi sem duvida hum grande obstaculo aos progressos e ao adiantamento das Sciencias. Mas deo infelizmente ao seu systema huma extensão muito maior. Com effeito, em todo o fio do mesmo discurso não cessou elle de applicar a sua apontada definição igualmente ás verdades reveladas; o que certamente não he licito fazer: assim pois, não se pode de modo algum duvidar que o principal fim do seu livro não haja sido deprimir em geral a Revelação, e em particular o Christianismo.

Verdadeiramente, ainda em ordem á Religião, de todo não he excluido o meio do exame. Deve porém hum tal exame ter por objecto só a existencia, e não já o fundamento da verdade, o qual he de sua natureza impenetravel. Tudo o que pode exi-

gir a este respeito hum prosélyto he ser convencido da solidez das provas sobre que a Religião se funda, e que motivos de credulidade citão os Theologos.

Em vão por tanto Collins, e com elle os seus dois nacionaes e coetaneos Tindall e Tolando, como tambem todos os nossos modernos incredulos incessantemente gritão, que a evidencia he o fundamento da persuasão e concluem, que não se pode acreditar aquillo que se não concebe claramente. A evidencia he sem duvida o fundamento da persuasão: mas ha diversos generos de evidencia e de certeza. A certeza moral, a qual, bem como a certeza fysica, tem por objecto os factos, pode ser levada a tal gráo de convicção, que vença até as mesmas provas fysicas. Os nossos mais caros interesses, os nossos deveres, e a nossa conducta na vida civil repousão unicamente sobre provas moraes, tanto assim, que, se nellas não se tivesse confiança, não poderia subsistir a sociedade. Ora a certeza moral he exactamente a que se deve principalmente procurar em materia de Religião; e atendo-nos á mesma, quando veneramos os sacrosantos mysterios

do Christianismo , bem longe de nos mostrarmos crédulos e insensatos , como nos exprobão os incrédulos , vimos pelo contrario a usar da maior racionalidade , pois estamos intimamente persuadidos que a Religião , que se propõe á nossa crença , vem realmente de Deos. Celso tambem vituperava o mesmo aos Christãos do seu tempo ; comparava-os á gentalha que se deixa enganar dos charlatães. Exproba-va-lhes que tinham sempre na boca estas palavras : *não examineis nada , mas crede , e a vossa fé vos salvará*. Mas Origenes , que nos refere esta exprobação calumniosa de Celso , a refutou optimamente , como tambem o não deixárão de fazer os modernos Apologistas , respondendo aos Deistas dos nossos tempos.

“ He acaso argumento , (diz muito bem a este proposito hum dos sobre-ditos mais célebres apologistas) , he
 ,, acaso argumento sufficiente a hum
 ,, homem , que nascesse cego , a sua
 ,, cegueira , para asseverar que he
 ,, repugnante tudo quanto elle escuta da luz e das cores ? Pode elle
 ,, sem loucura deixar de crer tudo
 ,, quanto ouve dizer ? Em apparencia

„ parece que tem todos os mais ra-
 „ zoaveis motivos para crer que essa
 „ luz e essas cores são outros tantos
 „ absurdos. Na sua mente huma pers-
 „ pectiva encerra contradicção, hu-
 „ ma superficie plana não pode pro-
 „ duzir no seu espirito huma sensa-
 „ ção de profundidade. Para elle a
 „ luz, hum espelho, as cores, todos
 „ os phenomenos que d'aqui nascem,
 „ são outros tantos mysterios. Parece
 „ que tem razão de assim estar per-
 „ suadido; não tem de tudo isto idéa
 „ alguma; quanto se lhe diz a este
 „ respeito he para elle incomprehen-
 „ sivel: na sua fantasia não tem tão
 „ pouco fundamento algum com que
 „ possa revestir de qualquer imagem
 „ hum fantasma seja qual for, fabri-
 „ cado a seu capricho. D'esta incom-
 „ prehensibilidade, d'esta falta de
 „ idéas, e de fundamentos passa a
 „ deduzir a impossibilidade da cou-
 „ za: discorre elle, ou delira? Pois
 „ que! ha de a possibilidade das co-
 „ res ser medida pelo cego de nasci-
 „ mento só pela insufficiencia que
 „ tem de formar idéa d'ellas pela
 „ força do seu entendimento? Não
 „ tem elle outros fundamentos que

„lhe fação crer aquillo que não po-
de comprehender (1)? „

O exemplo do cego de nascimento, continuo eu, he exactamente o caso de Collins, de Tindall, de Tolando, e de todos os outros Filozofos incrédulos. Rejeitão temerariamente os mystérios, unicamente porque os não comprehendem, se bem por outra parte tenham todos os maiores motivos de crer, que a Religião, que os propõe, de nenhum modo nos pode enganar. Quantos e quaes não são com effeito estes motivos que induzem o homem Christão a crer verdadeira a sua Religião, e em consequencia a prestar o seu assenso a todas as verdades, que ella ensina, ainda que algumas sejam totalmente incomprehensíveis? As profecias precedentes á verificação e realizadas exactamente com os factos; os multiplicados martyrios á força dos mais crueis tormentos; a propagação da Fé executada pelas pessoas mais debeis, e mais desconhecidas, e por meio de maximas as mais contrarias á natural inclinação dos homens, e em hum tempo em que

(1) Bergier, *Deismo refutado por si mesmo*. Carta I.

o prazer , a erápula , o interesse , a tyrannia erão a alma e o idolo do Mundo ; os milagres testificados por huma nação inteira , e nunca accusados de falsidade de facto pelos mais encarnigados inimigos do Christianismo ; a pureza da doutrina ; a santidade e a vida irreprehensivel de Jesu Christo ; tudo em summa attesta ao Christão que não pode pensar sequer hum instante em não ser Christão ; tanta he a convicção que nelle produzem estes solidos fundamentos da verdade da sua Religião. E tanto mais o Christão se não affadiga , nem pode profundar os mysterios que a Religião propõe á sua orença , quanto na mesma ordem da natureza ha huma multidão de fenómenos , ou de mysterios , que são superiores á razão humana por mais aperfeiçoada que seja. He esta huma razão que foi admiravelmente manejada por Leibnitz na refutação de Tolando , o qual , similhantemente a Collins , como acimá tocámos , regeitava tambem a Revelação , só porque não podia comprehender evidentemente os seus mysterios (1).

(1) Leibnitz , vol. V. pag. 142 e seg.

Para sustentar o seu systema da liberdade de pensar ainda mesmo em materia de Religião, adduz Collins o infinito numero das seitas que, nascidas das differentes interpretações da Escritura, inundarão a Christandade; e do escandalo das heresias tira arrogante hum argumento para impedir toda a qualidade de confiança no que a Igreja ensina. Para esse effeito emprega huma grande parte do seu discurso em recordar com affectação ao espirito do Legislador as divisões que nos diversos tempos se excitarão entre os Ministros da Religião, afim de desacreditar o mesmo Ministerio. Se alguns tem avançado opiniões inconsideradas, ou sustentado sentimentos extravagantes, se alguns Theologos no calor das disputas se tem mutuamente censurado com amargura hum pouco demaziada; tudo isto he contado com complacencia, e exagerado com má fé para o fazer redundar em prejuizo do Christianismo; como se este devesse ser responsavel pelas loucuras e excessos d'a-

quelles que o profissão: e como se essas opiniões, sobre que existe alguma discrepância entre os Theologos, fossem huma prova de que a Religião nada offerece firme, em que o Christão possa fundadamente estabelecer a sua crença. Este methodo tão commum a todos os incredulos era tirado de Collins fundado sobre esta maxima, que tudo o que está sujeito a disputa deve ser considerado como duvidoso e incerto. Mas não he acaso evidente, que com tal principio se poderião igualmente arruinar as mais importantes verdades da mesma lei natural, pois que algumas d'ellas forão vivamente atacadas pelos Filósofos tanto antigos como modernos? No nascimento mesmo do Christianismo se levantárão no seu seio semelhantes divisões, das quaes se tem valido os Incredulos para impugnam a Divindade. Porém o que assegura plenamente os fieis sobre este assumpto de escandalo he, que ellas forão previstas e predictas (1), e que ao mesmo tempo, para nos firmar

(1) *Luc. XII, 51. Rom. XVI, 17. I. ad Tim. VI, 3.*

na Fé, se havia annunciado que o Inferno , que as suscitava , jámais prevaleceria contra Jesu Christo. A Religião de nenhum modo poderia ficar responsavel por estas divisões , pois de nenhuma sorte foi causa d'ellas ; que provêm só das paixões ou dos extravios daquelles que recusão reportar-se á authoridade que Jesu Christo estabeleceo na Igreja para terminar definitivamente as contestações suscitadas pelos espiritos inquietos que se revoltão contra esta divina authoridade , e que de tudo se aproveitão para excitar turbulencias e dissensões.

O discurso de Collins sobre a liberdade de pensar encerra infinitos outros paradoxos , cujo exame serviria cada vez mais de patentear a insubsistencia do systema , e a má fé do author. Mas essa discussão excederia muito os limites de hum mero artigo , que já sahio assaz extenso. Por outra parte o fim que me propuz no presente Capitulo não he a liberdade de pensar , mas sim a liberdade da Imprensa. Entretanto assentei entreter-me até agora em demonstrar que os Filozofos nos tem dado huma noção assaz enganosa da primeira , tendo

confundido com a racional liberdade de filosofar, necessaria ao progresso e perfeição das Sciencias, a soltura e a libertinagem do espirito que não respeita verdade alguma; a fim de todos se convencerem de que hum principio tão absurdo não podia ser o fundamento da liberdade da Imprensa. O homem he senhor de abusar do mais bello dom que Deos lhe deo, isto he, da faculdade de discorrer; mas nem por isso tem o minimo direito de communicar aos outros os seus devaneios. A razão manifesta-se por si mesma, como acima disse, e acontece que em quanto temos dentro de nós mesmos os erros, não podem estes produzir damno algum, o que não succede quando se manifestão com as palavras, e muito mais com os escritos.

Previrão os Filósofos que se daria esta facil resposta ao seu dito erroneo principio de que a liberdade da Imprensa he huma consequencia necessaria da liberdade de pensar; e para sustentarem hum tão absurdo paradoxo, imaginárão outro ainda mais extravagante, como veremos no artigo seguinte, e he, que nenhum livro pode ser pernicioso.

ARTIGO II.

*Extravagante opinião do Author do
Systema da Natureza, de que ne-
nhum livro possa ser pernicioso.*

Não temamos jámais, diz este
escritor, diffundir idéas entre os
homens. São ellas uteis? Frutifi-
cãõ pouco a pouco. — São falsas?
Servirão de fazer apparecer a ver-
dade em toda a sua luz; rir-se-hão
do seu author, ou o desprezarão.
Nenhum livro pode ser perigoso,
sobre tudo se contem verdades;
nem tão pouco elle o seria se con-
tivesse principios evidentemente
contrarios á experiencia e ao bom
sizo (1).,,

Este raciocinio de modo nenhum
he justo, responde hum escritor que
refutou muito bem o Systema da Na-
tureza. „ Podem existir, diz elle, e

(1) *Systeme de la Nature*, tom. II, cap.
13.

„ com effeito existem Obras assaz
 „ nocivas na sociedade. Que! direis
 „ acaso, que aquelles escritores, que
 „ pintão o vicio como deleitavel, e
 „ a virtude como huma simplicidade;
 „ que empregão todos os adornos da
 „ eloquencia, e da poesia em meter
 „ a ridiculo, e destruir os sagrados
 „ principios do bom procedimento
 „ e da probidade dos homens, direis,
 „ tornó a dizer, que estes escritores
 „ não fazem mal algum, que jámais
 „ envenenão a mocidade, que jámais
 „ corrompem coração algum mal pre-
 „ catado contra o vicio, que não in-
 „ troduzem jámais a discordia, e a
 „ infelicidade nos casamentos, nas
 „ familias, em todas as classes da
 „ sociedade? (1),,

= Nenhuma obra pode jamais ser
 perigosa, diz o fingido Mirabeau. =
 „ Dizei pois antes, responde Mr. Hol-
 „ land, que o erro e a mentira nun-
 „ ca podem prejudicar; dizei que os
 „ seus apostolos são personagens in-
 „ nocentes, dizei que hum corruptor
 „ nunca he perigoso, pois que hum
 „ homem que estabelece e que espa-

(1) Holland, *Refut. do Syst. da Nat.*,
 pag. 286.

„ lhá principios falsos não he mais
 „ que hum corruptor (1). „
 „ “Quereis, prosegue este escritor,
 „ que nos contentemos com rir de hum
 „ homem que espalha mãos princi-
 „ pios; mas entretanto que vós rirdes
 „ da sua loucura, elle deitará a per-
 „ der os vossos filhos, persuadirá á
 „ vossa consorte que a fidelidade con-
 „ jugal he huma ridicula simplicida-
 „ de; o vosso mordomo aprenderá
 „ das suas lições a roubar-vos sem re-
 „ morso algum (2). „

He couza verdadeiramente singu-
 lar, que o author do Systema da Na-
 tureza tenha sustentado ao mesmo
 tempo, que hum bom livro he util,
 e que hum livro máo nunca possa
 produzir mal, como se o homem não
 fosse accessivel senão á verdade. Con-
 cedo que hum livro máo possa con-
 tribuir para fazer apparecer a ver-
 dade em maior esplendor, em razão
 das refutações, a que possa dar occa-
 sião. Ha d'isto exemplos, e ainda não
 muito distantes. Os Deistas que im-
 pugnárão a Revelação, e os Atheos

(1) *Ibidem*, pag. 286.

(2) *Ibidem*, pag. 287.

que negarão a existencia de Deos, tem sido excellentemente refutados por mil pennas doutas, de modo que se pode dizer que os fallazes systemas d'estas duas differentes classes de incredulos tem servido de pôr a Religião em maior luz. Mas por isto não se vem a tirar o prejuizo e a funesta influencia dos máos livros. Estas refutações só cahem de ordinario nas mãos das pessoas que examinão as couzas de boa fé, e que nenhum interesse tem de se deixarem persuadir do erro. Ajunte-se, como reflecte muito bem a este proposito Mr. Holland, que a verdade he antiga, e que por conseguinte excita muito menos curiosidade do que faz o erro, que se apresenta com todos os attractivos da novidade. „ Seria, por „ exemplo, „ discorrer muito mal, „ pondera elle, „ dizer que os escriptos „ licenciosos são uteis, „ porque podem dar occasião de alguns bons „ tratados de moral. As pessoas que „ mais ávidamente bebem o veneno „ que se lhes apresenta, „ são justamente aquellas que de modo nenhum „ lem os bons livros. Isto seria o mesmo, „ prosegue elle, „ como se outro, „ vendo hum astuto char-

„ latão a grandes brados entre o po-
 „ vo apregoar e vender perniciosos
 „ elixires, dissesse : deixai-o, que de-
 „ pois virá algum douto Medico , que
 „ em tendo examinado o veneno que
 „ vende o charlatão , provará solida-
 „ mente que se não deve fazer d'elle
 „ uso algum (1). „

O grande equívoco , ou para me-
 lhor dizer , a má fé do author do Sys-
 tema da Natureza , e de todos os ou-
 tros que tem discorrido do mesmo
 modo , consiste em quererem que as
 opiniões , que respeitam á Religião ,
 aos costumes , e á ordem publica , se-
 jão consideradas como os systemas de
 Fysica e os problemas de Geometria.
 Estas duas ultimas especies de escri-
 tos jámais perturbão o repouso da
 sociedade, bem que muitas vezes ex-
 cite mui vivas disputas entre os dou-
 tos. Mas não succede assim com as
 opiniões que acima aponteí ; tomemos
 por exemplo dellas o Atheismo , o
 qual he justamente huma das que ,
 mais que nenhuma outra, os Filósofos
 tinhão a peito propagar, e em favor
 da qual fabricarão a sua theoria da

(1) Holland, *ubi supra*, pag. 289.

liberdade indefinita da Imprensa: A maior parte do genero humano creio sempre, que, em se tirando a Divindade, se vinhão a tirar ao mesmo tempo todos os principaes motivos da virtude, e a largar-se a redea às paixões. Ora o Atheo dogmatista trabalha por quebrar o melhor vinculo da sociedade, aquelle que os homens em todos os tempos tem considerado como o mais forte freio das paixões.

Leibnitz era de sentimento inteiramente opposto ao do author do Systema da Natureza sobre este objecto dos máos livros. Estava tão persuadido de que pode haver e realmente ha obras perniciosas, que vendo no seu tempo os livres pensadores d'Inglaterra espalharem livros nos quaes era vivamente atacada a Religião, declarou abertamente, que virião a produzir por fim huma funesta revolução geral no mundo. Como este vaticinio desgraçadamente se verificou, e por outra parte he pouco sabido, julguei não sería inutil fazello conhecer ao leitor.

ARTIGO III.

Predicção de Leibnitz sobre huma revolução, que as doutrinas irreligiosas, que no seu tempo começavão a diffundir-se, havião de produzir geralmente em toda a Europa.

A predicção de que fallamos achase no Ensaio que este grande homem compoz sobre o entendimento humano para servir de correctivo ao de Locke sobre o mesmo assumpto, que elle justamente collocava entre os livros perigosos.

Começa Leibnitz d'este modo:—

„ Ha toda a razão de tomar precau-
 „ ções contra as más doutrinas, que
 „ tem influencia nos costumes, e na
 „ pratica da piedade. Se a equidade
 „ quer que se poupem as pessoas, a
 „ Religião prescreve se represente, em
 „ toda a parte onde se poder, o máo
 „ effeito dos seus dogmas, quando
 „ são nocivos, quaes são com effeito
 „ aquelles que são contra a provi-
 „ dencia de hum Deos perfeitamente

„ sabio , bom , e justo , não menos
 „ que contra a immortalidade da al-
 „ ma , sem fallar de outras muitas
 „ opiniões perigosas relativamente á
 „ moral , e á ordem politica., D'aquí
 passa a responder á objecção , tantas
 vezes repetida até os nossos dias,
 que a favor do Atheismo se deduz da
 vida tranquilla e regular de Spino-
 sa , de Hobbes , e de alguns outros
 Atheos mais decididos; dizendo mui-
 to bem , que as razões porque estes
 cabeças de seita obrarão contra os
 seus principios cessão inteiramente
 em se fallando dos seus sequazes. E
 depois passa á predicção de que se
 trata , que he concebida nestes ter-
 mos : „ As ditas más doutrinas insi-
 „ nuando-se pouco a pouco no espiri-
 „ to dos homens do mundo , que re-
 „ geitão os outros , assim como nos
 „ livros da moda , dispõe todas as
 „ couzas para a revolução geral ,
 „ de que está ameaçada a Europa.,
 Quem não vê nestas ultimas pala-
 vras claramente designada a terrivel
 revolução que succedeo diante de
 nossos olhos depois do anno de 1789 ?
 Leibnitz disse , que a revolução seria
 geral. Se com esta expressão elle
 quiz significar , o que he mui pro-

vavel , que a revolução nada havia de poupar , que tudo havia de arruinar , facil he reconhecer se esta parte do vaticinio foi confirmada pelo acontecimento. Mas se elle quiz dar a entender que a revolução seria geral no sentido de que se estenderia com effeito a todos os Estados da Europa , devemos convir , que isto se não verificou ; porém os mesmos motivos que obrarão em França penetrarão tambem nos outros Estados , e nelles obrão com mais ou menos força. Este mesmo meu opusculo he d'isto huma prova , visto que por nenhum outro motivo o apprehendi , senão para combater as sobreditas Idéas liberaes , ao presente tão diffundidas pela Europa , e que , como tenho mostrado desde o principio , não são outra couza mais que as mesmas maximas erroneas que operarão em França a revolução.

Quando Leibnitz ha cem annos fez esta predicção , ainda a irreligião estava mascarada , e só contava hum pequeno numero de sequazes. Estava além disso encerrada em huma região que o mar separava de todo o nosso continente ; mas as couzas mudarão pouco depois da sua morte.

Na viagem que , justamente por aquelle tempo , fez Voltaire a Inglaterra , concebeo , como já dissemos , o impio projecto de dar a conhecer e introduzir na sua nação as opiniões atrevidas de Tolando , de Tindall , de Collins , e de todos os outros livres pensadores daquella Ilha ; e no seu regresso a França , se dispoz logo a pollo em execução , sem reflectir , que os mencionados escritores erão abominados entre os seus compatriotas em geral , alguns dos quaes até os tinham victoriosamente refutado. A elegancia , e ligeireza do seu estylo fizeram que a nação Franceza chegasse ávidamente á boca a envenenada taça ; infinitos outros escritores da mesma nação seguirão as pizadas de Voltaire ; e como a lingua Franceza havia já meio seculo se achava de posse de ser conhecida por todas as pessoas cultas das outras nações , assim passou a contágio a infectar bem depressa quasi toda a Europa.

Ora que diria o grande Leibnitz se tivesse vivido até os infelices tempos em que o espirito de irreligião tanto se tinha tornado perverso e dilatado ? Se elle tanto se queixou da simples duvida de Locke sobre a pos-

sibilidade da materia pensante, quanto maior não fôra a sua magoa, vendo Voltaire , e a immensa turba dos discipulos converter esta duvida em huma asserção formal? Que diria elle do atrevimento do author do *Systema da Natureza*, o qual, não já em hum livro de Geometria , e portanto inaccessible á multidão , como tinha feito Spinoza , mas sim na sua nativa linguagem , com estylo chão, intelligivel a todos , sustenta que não ha Deos? Certamente crêra, que estava chegado o tempo de se verificar a sua predicção ; como não deixarão de assim o pensarem e dizerem tantos homens grandes, os quaes, addictos como elle sinceramente á Religião e ao bem da sociedade, vivêrão no tempo em que esta contagião irreligiosa tanto se tinha dilatado.

ARTIGO IV.

*De algumas predicções litterarias
mais recentes sobre a Revolu-
ção Franceza.*

O Padre Neuville, hum dos maiores Oradores que a Companhia de Jesus teve em França, depois de haver em hum panegyrico de Santo Agostinho, que recitou perto de trinta annos antes da Revolução feito hum quadro espantoso, mas verdadeiro, dos erros do moderno Filosofismo, que via tão dilatado na sua Nação, fez a seguinte exclamação : “ Oh santa Religião de
„ Jesu Christo ! Oh throno dos nossos
„ Reis ! oh França ! oh Patria ! oh
„ Pudor ! oh Decencia ! Se eu não
„ devesse gemer como Christão, não
„ cessaria jámais como cidadão de
„ chorar sobre os ultrages, que de
„ continuo aqui se fazem, e sobre a
„ triste sorte, que se prepara. Con-
„ tinuão ainda a estender-se, e a con-
„ solidar-se estes horriveis systemas,
„ seu veneno devorador não tardará

„ em consumir os principios, o apoio,
 „ o esteio necessario e essencial do Es-
 „ tado. Amor do Soberano e da Pa-
 „ tria, laços de familia e da socie-
 „ dade, desejo da estima e da repu-
 „ tação publica, soldados intrepí-
 „ dos, Magistrados desinteressados,
 „ amigos generosos, esposas fieis, fi-
 „ lhos respeitosos, ricos bemfeitores,
 „ não espereis tornallos a ver em hum
 „ povo, entre o qual o prazer e o
 „ interesse forem a unica deidade, a
 „ unica lei, a unica virtude, o uni-
 „ co bem. Então no mais florente Im-
 „ perio cumpre que tudo se derro-
 „ que, se abysme, se anniquile. Pa-
 „ ra o destruir não será preciso que
 „ Deos fulmine os seus raios. Poderá
 „ o Ceo deixar á Terra o cuidado de
 „ o vingar. Arrastrado da vertigem
 „ e do delirio da Nação, cahirá o
 „ Reino, precipitar-se-ha n'hum abys-
 „ mo de anarquia, de confusão, de
 „ lethargo, de inacção, e de rui-
 „ na. (1) „

Se esta passagem do P. Neuville,
 mais que hum simples vaticinio, pa-
 rece huma descripção da Revolução

(1) *Oeuvres du P. Neuville, tom. III.*

de França , feita de pois do aconte-
 cimento , igualmente clara , exacta ,
 e talvez ainda mais miuda nos seus
 effeitos , he indubitavelmente a pre-
 dicção que o P. Beauregard , outro
 celebre Jesuita , fez treze annos antes
 da Revolução , prégando na Cathed-
 ral de París. Patenteando os pro-
 jectos do Filosofismo , fez d'improvi-
 so , no tom dos Profetas , retumbar
 as abobadas do templo com estas pa-
 lavras , tão vergonhosamente cumpri-
 das pela Revolução : „ Sim , contra o
 „ Rei ; contra o Rei , e contra a Re-
 „ ligião conspirão os Filozofos. O
 „ machado e o martello estão em suas
 „ mãos , e não esperão mais que o
 „ momento favoravel de derrubarem
 „ o Throno e o Altar. Sim , os vos-
 „ sos templos , Senhor , serão despo-
 „ jados , e destruidos , as vossas fes-
 „ tas abolidas , o vosso culto proscri-
 „ to : mas que esento , grande Deos ,
 „ que vejo ! Aos canticos inspirados ,
 „ que retumbavão nestas sagradas
 „ abóbadas em vosso louvor , succe-
 „ dem cantigas lúbricas e profanas !
 „ E tu , infame deidade do Paganis-
 „ mo , impudica Venus , vens atrevi-
 „ damente occupar neste sitio o lu-
 „ gar do Deos vivo , sentar-te no

„ throno do Santo dos Santos , e re-
 „ ceber o criminoso incenso dos teus
 „ novos adoradores (1). „

Poderia referir outras muitas profecias semelhantes , pois que tanto os Bispos , como ainda mesmo alguns dos Magistrados nas censuras que fazião das Obras dos Filozofos , jámais deixavão de representar o deploravel exito a que a contagação das suas maximas havia de infallivelmente conduzir a Nação. Todos sabem que depois do meado do seculo passado se cuidou em París na construcção do famoso templo de Santa Genoveva , mais conhecido ainda pelo nome de *Pantheon*. Ora , hum Poeta engenhoso , vendo levantar este grandioso edificio em hum tempo em que a decadencia da Religião se tornava cada dia mais visivel , dirigio o seguinte

(1) Esta passagem verdadeiramente profetica, que por muitos dias foi o assumpto de todas as conversações da Capital, achasse referida em muitas obras, e ultimamente tambem na nova e volumosa Biografia Universal , que actualmente imprime em París o Impressor Michaud. Veja-se o tom. III, pag. 652.

pêzame á Piedade , que elle chama
tardía , por ter differido tanto tempo
a execução de tão bella obra.

Templum augustum, ingens, regina assur-
git in urbe,

Urbe et Patrona Virgine digna domus.
Tarda nimis, Pietas, vanos moliris honores;
Non sunt haec cæptis tempora digna tuis.
Ante Deo in summa, quam templum erexe-
ris urbe,

Impietas templis, tollet, et urbe Deum.

Templo augusto, e magestoso
Na Capital se levanta ,
D'ella edificio, e da Santa
Padroeira, digno e honroso.

Rendes tarde em demazia
Baldados cultos, Piedade ;
D'essa empreza utilidade
Não tirarás hoje em dia.

Antes de o templo acabares
N'alta Cidade, ha de vir
A Impiedade a Deos banir
Da Cidade e dos Altares.

Não estando este tempo ainda aca-
bado em 1790 , época do pleno triun-
fo da Impiedade em França , sobeja-
mente se verificárão os versos profe-
ticos que acabamos de referir : mas
foi sobre tudo a 11 de Julho do se-
guinte anno , quando o esqueleto de

Voltaire foi alli collocado como huma divindade, que este vaticinio recebeo litteral, exacto, e decisivo cumprimento.

ARTIGO V.

De huma falsa razão de utilidade, que tem contribuido muito para acreditar o systema da liberdade da Imprensa.

A liberdade da Imprensa, diz o Marquez Gorani já acima citado, he absolutamente necessaria para a prosperidade de differentes ramos lucrativos do commercio, quaes são a Arte typografica, a do Papel, o negocio dos livros (1). A mesma couza tinha entretanto sido repetida por todos os outros sectarios do filosofismo. Mas similhante razão he tão baixa e desprezivel, que sería pura perda de

(1) Gorani, no citado Cap. 60 do tom. 1. das Investigações sobre a Sciencia da Legislação.

tempo entretermo-nos a refutalla. Que pezo pode com effeito ter aos olhos de hum homem cordato esta utilidade, á vista do damno que da sobredita desenfreada liberdade pode vir á Religião, aos costumes, em summa ao verdadeiro bem do Estado? E com tudo a consideração desta mesquinha utilidade he o que, talvez mais que nenhum outro motivo, ha contribuido para fazer que alguns Governos adoptassem tão erroneo systema.

Hum dia que diante do Delfim, filho de Luiz XV, e pai do Rei actual se fallava dos livros contrarios á Religião, e que se procurava justificar a sua circulação, como couza que favorecia hum interessante ramo de commercio: “Ai d’aquelle reino, res-
 „ pondeo elle, que pretendesse enri-
 „ quecer-se com similhante qualida-
 „ de de commercio, pois sacrificaria
 „ riquezas verdadeiras e duraveis a
 „ riquezas ficticias e efímeras, que
 „ destruirião a virtude dos cida-
 „ dãos..”

Este Principe, que a grandes talentos naturaes unia os mais extensos conhecimentos, hum coração recto, coragem, grande firmeza, e cuja prematura morte foi huma verdadeira

victoria para o Filosofismo , estava intimamente persuadido , que a desenfreada licença de fallar e de escrever era a verdadeira fonte de todas as desordens proprias do seculo decimo oitavo. „ Hoje em dia , dizia elle , quasi si se não escreve que para tornar desprezivel a Religião , e odiosa a Monarquia. Quasi se não vê sahir á luz hum livro , em que a Religião não seja tratada de superstição e de quimera , e em que os Reis não sejam representados como outros tantos tyrannos , e a sua authoridade como hum insupportavel despotismo. „ (1)

O acontecimento da Revolução fez conhecer cada vez mais quanto era racional a aversão que tinha o Delfim á liberdade da Imprensa , pois he incontestavel , como tantas vezes se ha dito , que este mesmo funesto

(1) Sobre esta grande opposição do Delfim ás maximas erroneas dos modernos Philosophos , além de todas as Biografias de París , poderá tambem ver-se a sua *Vida* escrita pelo Abbade Proyart , assim como as *Memorias para a Historia d'este Principe* , recolhidas e publicadas pelo célebre P. Griffet , Jesuita , em 2 vol, de 8.º

acontecimento he obra dos livros pestilenciaes que por mais de meio seculo antes havião cooperado para depravar em todas as couzas o antigo modo de pensar d'aquella nação. E huma tal circumstancia de facto deve ajuntar grande força ás razões até agora expendidas contra os paradoxos dos Filósofos dirigidos a favorecer a liberdade illimitada da imprensa. Creio d'este modo poder com boa razão concluir que, bem longe de se haver de abandonar o antigo systema da censura dos livros, antes se deve ter summo cuidado neste objecto. Algumas observações que exporei no artigo seguinte manifestarão mais claramente esta necessidade.

ARTIGO VI.

Fraudes que se podem usar , e que com effeito se tem practicado para eludir os saudaveis effeitos da censura dos livros.

Se a Religião fôra atacada só directamente , seria mui facil a incumbencia da revisão dos livros. Mas este não he o unico genero de assalto que ella tem recebido , sobre tudo nos nossos modernos tempos. A conspiração dos Filósofos para a total extincção desta luz divina ha sido tão sagaz e engenhosa , que não se contentárão com atacar a Religião com obras abertamente destinadas a quebrar esta móla a mais forte de todos os Estados. Revestida a Irreligião de toda a sorte de figuras , amalgamou-se com as materias , que por sua natureza parecião ser-lhe mais heterogeneas. Historia , Geografia , Fysica , Astronomia , em huma palavra todas as Sciencias forão mais ou menos infectadas d'ella ; de modo que pa-

recia que ninguem podia applicar-se aos estudos scientificos , nem menos aos da amena litteratura , sem se achar a cada passo reprezado por algum insulto feito ás mais venerandas verdades do Christianismo.

Mas sobre tudo da Historia Natural he que se fez o maior abuso neste malvado proposito de affastar da Religião os animos ; e como este artificio teve infelizmente grande exito , não será inutil fallarmos d'elle hum pouco no presente artigo , dirigido a mostrar , não só a absoluta necessidade da censura dos livros , mas tambem quanto ella deva ser intelligente e perspicaz.

Virão os Filósofos que , apezar dos seus grandes esforços em diffundirem a incredulidade , não contarião entre os seus prosélytos senão homens superficiaes e viciosos , e que as pessoas instruidas e que por seu regular procedimento não tinham interesse em sacudir o jugo da Religião , jámais se entregarião aos seus paralogismos tantas vezes pulverizados pelos antigos e pelos modernos Apologistas. A fim pois de ganharem o suffragio d'este respeitavel genero de leitores , recorrerão depois do meado do seculo

passado á Historia Natural, que vião ser então a Sciencia da moda: e eis-aqui como elles procedêrão em tão criminoso projecto.

A Religião Christã suppõe necessariamente a verdade da revelação Moysaica. Ora Bouffon, Maillet, Le Cat, e outros similhantes Naturalistas modernos, pretendêrão fazer depôr a Natureza contra a Historia de Moysés, assegurando aos homens, que tudo na Natureza contradizia o livro do Genesis. E como este genero de argumento parecia directo, e não admittia réplica, fez huma infinidade de incrédulos ainda mesmo entre as pessoas instruidas que se não tinham deixado illudir pelas outras razões dos escriptores incrédulos.

Verdade he que hum tal argumento, por forte que fosse á primeira vista, não conseguiu demover o homem bem arreigado na Fé. A Religião Christã, dizia elle, está demonstrada verdadeira por huma infinidade de provas directas e aptas a produzirem a maior convicção em qualquer espirito racional. Por tanto estou seguro, concluia elle, que tudo isso que parece oppor-se-lhe não he verdadeiro, pois que a verdade não po-

de ser contraria á verdade. Mas estas pessoas bem arreigadas na Fé, infelizmente eram poucas. A indifferença em materia de Religião, como já mostrámos, estava já nimamente espalhada por toda a parte; daqui veio que este argumento tirado dos pretendidos novos descobrimentos relativos á Historia Natural, contribuiu muitissimo para introduzir a incredulidade, até nas pessoas doutas, mas que não tinham profundo conhecimento da mesma sciencia.

Sobretudo veio isso a dar grande pezo, e hum apoio mui forte a huma objecção que contra a verdade da Historia Moysaica, e por conseguinte contra a divindade do Christianismo, se havia muito antes tirado da pretendida antiguidade da Chronologia dos Chinas. Todos sabem quanto Voltaire, e os outros escritores da sua estofa, fizeram valer esta objecção. Outros homens igualmente grandes a tinham destruido, demonstrando até a maior evidencia, que todas as Chronologias, que não tem por base o Genesis são fabulosas (1): e com effeito ha-

(1) Teria demaziadamente allongado o

via tempo que já ninguém ouzava apresentalla; mas depois que as obras

presente artigo se quizesse referir sequer os nomes dos authores e das obras em que se acha solidamente refutada esta pretendida grande antiguidade das Chronologias Chinezas, assim como as dos Caldeos e dos Egyptios, em que tanto insistirão os Philosophos modernos com o perverso intuito de deprimirem a Historia do Genesis. Cingirme-hei por tanto a referir o que sobre isto brevemente, mas com summa profundidade e erudição, disse o celebre Filosofo e Mathematico Itaiano P. Frisi. — “Solent etiam
 „ opponi portentosæ illæ Chaldeorum, Egyptiacum, Siniensium chronologiae. Fama
 „ est Chaldeos Alexandri magni temporibus, observationes astronomicas jactitasse
 „ 473000 annis ante institutas: quamvis
 „ Porphyrius et Berosus, qui Antiochi seculo vixerunt, nullas 1093 vetustiores memoraverint. Egyptij tres dinastiarum series
 „ recensebant, Deorum, Heroum, Regum, quibus imperium 36525 tractum fuisse
 „ se asserebant ad Nectanebum usque, qui ab Ocho Persarum rege victus, ac pulsus est ante Alexandri magni expeditiones. Sinenses denique imperium familiaræ *Hia*, demandatum fuisse dicunt
 „ plusquam 2000 annis ante Christum. Septem alios reges, qui simul plusquam
 „ seculorum septem intervallo imperaverint, priores statuunt: aliosque insuper imma-

dos modernos Naturalistas mostrarão
darem ao Mundo huma antiguidade

„ nis antiquitatis. At si accurate explores
„ traditionum hujusmodi originem, si quæ-
„ ras quæ eorundem seculorum aut pro-
„ xime posteriorum saltem monumenta, et
„ scriptores sint tantæ antiquitatis, testes
„ ne unus quidem in medio proferri pote-
„ rit. Sane Confucius anno ante Christum
„ 551 natus, cum florentissimo imperii
„ tempore, et ante combustionem libro-
„ rum veterum scripsisset, missis veluti
„ nimium dubiis, quæ sub dynastis *Hia*
„ et *Change* acciderant, a familiae *Tcheon*
„ imperio exorsus est, anno scilicet 1122
„ ante Christum. Antiquitatum earundem
„ fabulas, contradictiones, mendacia, satis
„ jam explicarunt Marshamus in Canone,
„ Witsius in *Ægyptiacis*, et Duhalt in Si-
„ nae descriptione; ut mirum sit Abba-
„ tem de Prades Lutetiae Parisiorum pu-
„ blice recoxisse hanc crambem, et cyclo-
„ Sinensi quodam, ut Belgicarum episto-
„ larum author ostendit, male intellecto
„ imperii totius epocham longe ante dilu-
„ vium constituisse. „ *Pauli Frisii Medi-*
„ *tationes quædam methaphisicæ, tom. II.*
„ *Dissert. variar. pag. 206, 107.—Luca*
1762.

Este Abbade de Prades de quem falla
o grande homem que acabo de citar, acha-
va-se intimamente ligado com D'Alembert

muito maior que aquella que Moysés indicou, tornou a ter grande voga.

Porém o divino Salvador não abandonou tão pouco a sua Igreja nesta collisão. A Providencia Divina, que logo no nascimento do Christianismo fez que este fosse abraçado por diversos Sabios do Paganismo, para que o podessem defender contra as armas que a Filosofia então empunhava para o derrubar; a Providencia Divina, que dispoz que nascesse na Africa Agostinho no mesmo dia em que nas costas d'Albião veio Pelagio ao mundo; que aos innovadores do decimo sexto Seculo oppoz Ignacio e a Sociedade por elle instituida; e que jámais ha permittido que se introduzisse erro algum sem que se suscitasse novos Apologistas; esta mesma

e Diderot, e era hum dos seus collaboradores na compilação da Encyclopedia. Por instigação destes dois grandes Corifeos do partido filosofico, sustentou o Abbade de Prades no anno de 1751 na Sorbona humas Conclusões publicas, onde entre outros muitos erros havia huma these tendente visivelmente a propagar o materialismo, a qual excitou contra elle a indignação de todos os bons, por cujo motivo foi obrigado a sabir do Reino.

Divina Providencia excitou similhan-
tes Varões possantes, que igualmente
repellissem este novo genero de ata-
que, de que tenho fallado.

Como Buffon era o mais forte, e o
mais estimado de todos os Naturalis-
tas, que tentárão contradizer a ver-
dade da Historia Moysaica, por ter
para esse effeito nas suas *Epocas da
Natureza*, a bem dizer a cada pagi-
na, procurado provar, que o Mundo
he muito mais antigo do que se mos-
tra da mesma Historia; do mesmo mo-
do não muito depois o douto ex-Je-
suita Flamengo Abbade Feller pu-
blicou huma refutação das *Epocas da
Natureza*, que geralmente se reco-
nhece ser [mui solida; o proprio
Buffon a considerou tão grave e vi-
toriosa, que não deixou de empre-
gar todo o seu crédito para impedir
que se espalhasse pelo Reino (1).

(1) Os authores Jansenistas das bem co-
nhecidas *Noticias Litterarias de Paris*, a
pezar de tão interessados em desacreditarem
os Jesuitas, e em particular este doutissi-
mo Mantenedor da Religião e da authori-
dade da Santa Sé, virão-se com tudo obri-
gados tambem a fazer justiça á sua bella

Similhantes outros homens doutos tratárão contemporaneamente esse mesmo louvavel assumpto , entre os quaes merecem sobre tudo ser mencionados os celebres Naturalistas Sausure e Dolomieu. Sem de nenhum modo se deixarem fascinar da grande fama a que geralmente haviam subido os elegantes romances do Plinio moderno, reconhecêrão e derão além d'isso provas assaz convincentes da pouca antiguidade dos nossos continentes. Mas nenhum deo tão grande extensão a semelhante empreza , nem a executou com tão feliz exito , como o celebre Professor de Gottinga Mr. De Luc. E tanto mais julgou elle devia tomar

refutação das *Epocas da Natureza*. Esta homenagem não suspeita se acha na folha de 5 de Março de 1784, na qual se lê o seguinte: “Depuis une vingtaine d'années que l'abbé Feller habite le pays de Liège, sa plume féconde a produit quantité d'écrits dont quelques uns sont estimés. Par exemple son examen impartial des *Époques* de M. de Buffon , passe pour une refutation fort solide ; et l'auteur même de l'Histoire Naturelle, l'a trouvée si accablante, qu'il a employé efficacement son credit pour en empêcher le débit dans le royaume. „

este encargo , quanto , sendo compatriota e amigo de Rousseau , sabia , que esta pretendida grande antiguidade do Mundo era hum dos principaes argumentos , e talvez o unico , que tinha impedido que elle , de Deista , se fizesse Christão. Rousseau tinha resistido a todos os paralogismos dos incredulos : todos lhe parecião mui fracos ; mas os argumentos de Buffon sobre a theoria da terra , cuja illusão elle não conhecia por não serem análogos aos seus estudos , o seduzirão e infelizmente o conservarão no Deismo.

Vendo por tanto Mr. De Luc , que o systema paradoxo , ou , para melhor dizer , o romance destes novos Naturalistas , tinha vindo a ser o principal argumento dos incredulos contra a Revelação , não poupou fadiga a fim de demonstrar a sua insubsistencia. Desceo ao fundo do mar , e ás entranhas da terra para arrancar aos ditos escritores e voltar contra elles mesmos aquellas armas que pretendião ter alli achado contra a Historia de Moysés. A obra com que elle tão felizmente desempenhou hum tal assumpto tem o titulo de *Cartas Geológicas* , ás quaes para esse fim remetto o leitor. Verdade he que quem

não he versado na Historia Natural, ou que não tem ao menos alguma tinctura d'ella, não poderá plenamente tomar-lhe o gosto: todos porém poderão optimamente comprehender a indizivel força de sexta das ditas Cartas, á qual se referem todas as outras, e que por todas as razões se pode olhar como hum Commentario fysico dos onze primeiros Capítulos do Genesis.

Assentei estender-me hum pouco sobre este objecto do grande damno tirado das obras que de hum modo indirecto atacarão a Religião, para que não só se conheça cada vez mais a necessidade dos antigos regulamentos sobre a censura dos livros; mas tambem para que se entenda quanto os sujeitos encarregados dessa inspecção devão ser cautos e perspicazes. Sem esta grande circunspecção bem longe de corresponder ao intento para que se instituío a mesma Censura, não se faria mais que augmentar o mal; pois que a licença que se veria á frente da obra seria huma cilada armada ás pessoas simples e pouco instruidas, para lhes fazer adoptar sem desconfiança alguma os erros, que nella se poderião conter.

Nada direi da introdução das obras já impressas, sendo claro que a estas também se deve estender a necessidade da censura. Se todos os Governos fossem igualmente vigilantes em não permittirem que se imprimão livros perniciosos, seria com effeito inutil tal cautela; mas como isto não he de esperar, e como em alguns paizes a liberdade da imprensa se acha também authorizada pela mesma constituição do Estado, todos muito bem conhecem, que de nada serviria ter sujeitado a huma sabia revisão as Obras que se imprimem, onde se deixasse livre campo á introdução das que sahem á luz nos outros Estados. Fôra certamente de desejar que esta providencia se tivesse posto em pratica em toda a parte ha meio seculo, antes que o Filosofismo inundasse o Mundo de suas tenebrosas produções; mas ainda que ao presente já seja assaz tarde, não deixará de produzir utilidade, pois fará que não lavre mais a corrupção. Por outra parte, para impedir a funesta influencia dos livros máos, que existem, não podem faltar efficazes meios. Se os Magistrados mandão de vez em quando fazer visita ou dar busca aos

armazéns dos mercadores para descobrirem se ha fazendas que se tenham sonogado ao pagamento dos direitos; porque não se poderião praticar as mesmas investigações nas lojas e casas dos Livreiros a fim de impedir a venda e circulação das obras perniciosas? Pelo que toca ás Bibliothecas publicas, as quaes podem ser grande causa de corrupção, contendo tantos livros bons como máos, tem os nossos Estados Catholicos grande vantagem em comparação dos paizes heterodoxos; e com effeito, assim como nos primeiros he vedado por dever de consciencia ler livros prohibidos, se para isso a pessoa não tiver a devida licença; do mesmo modo aquelles que estão encarregados das Bibliothecas não costumão permittir a leitura das mencionadas obras, se não se apresenta essa licença. Tem a Igreja Romana sido mui calumniada sobre o ponto do Indice dos livros prohibidos, como se com isto quizesse perpetuar no Mundo a ignorancia. Este amargo vituperio se acha repetido em infinitos livrinhos, tanto dos Protestantes, como dos Filosofos; mas tambem nesta parte não tardou que a não justificassem os factos. Os livros,

que com as suas maximas perniciosas
 conduzirão o Mundo aos luctuosos
 apertos de que apenas acabamos de
 sahir, todos immediatamente á sua
 publicação forão proscritos, e repro-
 vados no Indice.

CONCLUSÃO.

Povos, que depois de haverdes estado por muitos annos sujeitos a Governos rapaces, immoraes, e tyrannicos, tendes voltado ao dominio dos vossos antigos legitimos Soberanos, ponderai bem a vossa presente felicidade; não vos deixeis seduzir dos novos engodos que os occultos inimigos da Religião e da Sociedade vos apresentam para vos fazerem recahir nas passadas desventuras. As maximas que ha annos tanto se exaltão sob o especioso nome de idéas e de instituições liberaes são aquellas mesmas que, tanto na ordem moral como na ordem politica produzirão todos os males que, de 1789 para cá, do mais inaudito modo affligirão e assolarão tão cruelmente a França. Eu me lizonjeio de o ter evidentemente provado no decurso desta obra; mas analysando ao mesmo tempo debaixo de todos os seus

aspectos as referidas maximas, tenho feito ver até a ultima evidencia, que ellas se não poderião generalizar em qualquer Estado, sem que sobreviessem logo as mesmas terriveis consequencias.

Porém ainda não tenho dito tudo, e para inteiramente exaurir a materia me falta expor o argumento mais convincente de todos; quero dizer, a manifesta desapprovação que Deos fez d'essas mesmas maximas, tendo-se elle opposto de hum modo tão sensivel á continuação do horrivel estado de couzas que, apoz a geral propagação das máximas sobreditas, se tinha introduzido no Mundo.

A Democracia, que se estabeleceo em França, durou apenas tres annos desde que se adoptou o Governo Constitucional; depois de ter vexado e opprimido aquelles infelices habitantes com todo o genero de desgraças, acabou dando lugar ao mais pezado despotismo, de que as historias nos têm deixado lembrança. O homem soberbo, que, aproveitando-se desgramente do abatimento em que estava a Nação por tantos males soffridos, fez com que se lhe conferisse a soberana authoridade, em vez de usar

d'ella para sarar tantas feridas, como facilmente podéra fazer, não fez senão dilatallas mais. Era pouco a seus olhos senhorear o Reino, que passava pelo mais florente da Europa; para dominar imperiosamente sobre todo o nosso continente, não lhe faltava mais que levar as armas ao Dwina e ao Wolga, e a sua desmarcada ambição lhe fez conceber tambem este projecto. Mas entretanto que elle havia já começado a executallo, acontecimentos de natureza totalmente diversa se preparavão nas secretas disposições da Providencia para pôr por hum a vez termo aos males do Mundo.

Buonaparte parece ter sido destinado para realizar na sua pessoa do modo mais assombroso o antigo adagio, que Deos cega aquelles que quer perder = *Quos perdere vult Jupiter, hos dementat* =. A guerra d'Hespanha, que durava havia quatro annos, não apresentava no de 1812 mais que hum aspecto assaz ruinoso. A tactica adoptada pelos Hespanhoes fazia inuteis os grandes exercitos empregados pela França na conquista do seu paiz, consumia-os insensivelmente, e punha-os no caso de frequentemente ne-

cessitarem de numerosos reforços para se sustentarem. O insensato conquistador os privou d'esta vantagem com o emprender a guerra contra a Russia.

O Imperador Alexandre tinha feito toda a especie de sacrificios , e offerecia fazer ainda os maiores a fim de preservar d'este flagello os seus subditos. A infracção do Tratado de Tilsit, por meio do qual se tinha obrigado a romper toda a sorte de commercio com a Inglaterra não podia ser allegada por Napoleão como justo motivo de guerra , pois que elle mesmo fora o primeiro a dar o exemplo d'isso. Com o seu tão odioso systema das *licenças* infringia elle proprio todos os dias os seus famosos Decretos de Berlin e de Milão , que , como todos muito bem sabem , tinham por objecto a mesma prohibição de toda a qualidade de commercio com a Inglaterra.

Esta guerra da Russia , tão injusta no principio que a havia dictado , como a d'Hespanha , era ainda mais impolitica pelas funestas consequencias que devia naturalmente ter sobre a pessoa do seu author. E com effeito , além da impossibilidade moral de sus-

tentar ao mesmo tempo duas guerras offensivas a oitocentas leguas de distancia huma da outra, podia acaso conceber-se nada mais perigoso, que entranhar-se com hum grande exercito nos desertos da Russia, a travéz das brenhas, dos rios, dos pantanos, onde não havia estradas sufficientemente capazes para transportar a artilheria, as bagagens, os viveres, onde se devião arrostar os rigores do clima, as intempéries das estações, a subitanea passagem de huma seccura extrema ás mais copiosas chuvas, dos calores da canicula aos frios do Polo glacial, e onde finalmente os povos erão affeioçoadissimos ao seu Governo, não tendo entre elles ainda penetrado aquella fallaz cultura, que em outras partes tinha feito achar tantos adherentes aos exercitos revolucionarios da França? Como podem por tanto deixar de ver-se na guerra da Russia os symptomas d'aquella cegueira com que Deos prepara o castigo exemplar d'aquelles que tem determinado perder, e provar d'este modo ás Nações que os instrumentos da sua colera se convertem em victimas da sua vingadora justiça?

Esta mesma cegueira, que levou Na

poleão a emprehender tão inconsideradamente similhante guerra, não se lhe tirou dos olhos nas differentes operações da mesma guerra. Caminhava a marchas forçadas atravez da Lithuania na confiança de surprender os Russos ; porém quando chegou a Wilna , já havia dois dias que elles tinham abandonado esta Cidade , queimando tudo o que comsigo não podião levar. O fructo d'esta operação foi a perda de vinte mil cavallos do exercito Francez , os quaes perecêrão por falta de forragens , e que elle nos seus boletins disse terem ficado afogados em hum diluvio de trinta e seis horas a fio. Vingou-se d'esta prudente retirada dos Russos com hum sarcasmo , dizendo nos mesmos boletins , que era mais difficil podellos alcançar que vencellos. Seguirão elles ainda depois este plano de campanha tão sábiamente combinado ; assim , de posto em posto o atrahirão até Moscow , onde os elementos pareceo haverem-se todos conjurado para anniquilarem o seu exercito , e obrigarem-no áquella dezastróssima retirada que lhe custou a perda de trezentos mil combatentes , de immensa artilheria , da sua Caixa Militar , e que fez cahir em poder do

vencedor todo o fructo das prezas do vencido.

Nesta expedição da Russia, Buonaparte, tão inconsiderado nos seus conselhos, como temerario nas suas empresas, se deixou demorar pelo Gabinete de Petersburgo com huma negociação que retardou vinte dias a sua retirada, e a tornou mais difficultosa. Ignorou totalmente o Tratado de Paz entre esta Corte e a Porta Ottomana, pelo qual o inimigo teve á sua disposição hum novo exercito que o vexou de continuo pelos flancos. Em summa todos os acontecimentos, militares ou politicos, concorrião para verificar os secretos designios da Providencia sobre este homem, o qual parecia precipitar-se elle proprio para a sua perda debaixo da omnipotente mão d'aquelle, que d'elle queria fazer hum grande exemplo das extravagancias humanas.

Depois desta fatal retirada, chega Buonaparte só a París, e, sem a minima inquietação pelo grande luto que havia occasionado em toda a extensão do Imperio, não se occupou senão nos meios de poder reunir outro exercito. A actividade que poz na execução d'estes preparativos, foi

tão grande , que apenas erão passados tres mezes depois da sua volta , e já se achava em estado de entrar de novo em campanha á testa de hum exercito reorganizado como por encanto. Astropas dos Principes da Confederação do Rheno , tornados seus Vassallos , e que elle obrigava a tomar parte em todos os seus extravagantes projectos , tinham igualmente sido postas em hum pé respeitavel; de modo que os dois exercitos reunidos em nada cedião , ao menos a respeito do numero , áquelles que no anno precedente elle havia sacrificado na Russia.

A campanha de 1813 abrio-se com a sanguinosa batalha de Lutzen , onde a artilheria Franceza tirou aos Russos e aos Prussianos a victoria, que o valor e a intrepidez mostravão lhes devião segurar. Se Napoleão tivera sabido aproveitar este momento para offerecer a paz aos seus inimigos então amedrentados , fôra honrosa para as suas armas , gloriosa para elle , e proveitosa á França e aos seus alliados. Com esta victoria tinha elle restabelecido a sua reputação militar , e apagado ao mesmo tempo a deshonra e a memoria dos desastres da

precedente campanha , pela qual ficaram responsáveis os elementos ; e ao titulo de primeiro Capitão do seu Seculo ajuntaria o outro mais lizonjeiro de Pacificador da Europa. Os seus inimigos lhe tinham poupado os primeiros passos , propondo-lhe elles mesmos hum armisticio para concordarem nas bases em que se pudessem negociar de boa fé. Se Buonaparte se houvera então recordado da maxima de Machiavello , *que huma perfidia pode ser algumas vezes util , mas que pelo contrario huma reputação má sempre he perigosa* ; fôra aquella hum bella occasião de desvanecer a dolorosa impressão do seu procedimento contra os Principes da Hespanha , desenvolvendo ao tratar do armisticio hum lealdade , que se julgava pouco análoga ao seu character. Devia além d'isso temer , que continuando a guerra , imitassem os confederados ao primeiro revez o exemplo da Prussia , a qual se tinha apartado da sua alliança , e voltassem contra elle as suas armas , como fizera esta Potencia. E tanto mais parecia que devia apreciar este perigo , quanto o Imperador d'Austria sobre isto mesmo lhe mandou dar saudaveis conselhos por meio do Ge-

neral Bubna , o qual estava tambem encarregado de assegurar a Napoleão , que se se mostrasse obstinado em recusar condições adequadas de paz , o seu Soberano se veria obrigado a fazer causa commum com os seus inimigos.

Cumpre tambem aqui notar os occultos juizos d'aquella Providencia , que lhe tinha posto nos olhos huma venda para lhe esconder a vista do precipicio , ao qual caminhava a largos passos. Os conselhos do Imperador d'Austria forão desprezados , (e já Buonaparte devorava com o pensamento os Estados de seu sogro, como huma preza, que não podia fugir das suas mãos. Rompeo elle o armistico ; e o fructo que tirou d'este seu furor guerreiro , foi a perda da batalha de Leipsick , que reduzio o seu exercito a huma extremidade , de que não pôde tornar a resurgir ; afastou da sua causa todos os seus alliados , que muito havia já aspiravão a sacudir o jugo , que lhes havia imposto ; e armou contra si a Europa em pezo.

Buonaparte se reduzio a preparar terceiro exercito ; mas primeiro que este estivesse em estado de se pôr em campo , já os alliados tinham passado

o Rhenô , inundavão as bellas Pro-
 vincias Francezas do Nascente e do
 Meiodia , e se hião aproximando á
 Capital do Imperio. Posto que re-
 duzido a esta dura extremidade , po-
 dia ainda obter a paz ; allucinado
 porém por algumas efémeras vanta-
 gens das suas armas , persistio em não
 se arredar de condições tão orgulho-
 sas , que irritarão justamente os seus
 inimigos : dobrárão estes os seus es-
 forços ; e no dia 30 de Março veio fi-
 nalmente a arrancar-se este flagello ,
 que ameaçava a civilização Européa
 de huma proxima destruição.

Que o gigantesco Imperio de Na-
 poleão se não sustentasse depois da
 sua morte , ao menos em toda a sua
 grande extensão , era couza que tal-
 vez se podia prever , e até varias pes-
 soas mui sensatas assim o pensarão.
 Mas nenhuma por certo sonhou jámais
 de prognosticar , que similhante dis-
 solução havia de acontecer na vida
 do seu mesmo fundador , como acon-
 teceo. Ora quem não vê neste terri-
 vel acontecimento a mão daquelle
 que , como diz Job , *desata o boldrié*
da espada dos Reis , e lhes cinge os
rins com huma corda ; que expõe os
Principes soberbos ao desprezo dos Pa-

vos, e exalta aquelles que estavam opprimidos (1)? Quem não vê nesta grande humilhação de Napoleão renovado o terrivel exemplo do orgulhoso Rei de Babylonia, que queria engulir a terra, e foi elle proprio em hum momento destruido por Cyro?

Esta visivel mão do Omnipotente somente foi desconhecida por aquelle homem que ella tinha principalmente em vista. Napoleão, em vez de se humilhar diante de Deos, e de ser grato á moderação dos seus vencedores, os quaes lhe deixárão ainda hum throno, pequeno sem duvida, e quasi nullo em comparação daquelle de que decahíra, mas muito superior a tudo aquillo que quinze ou dezeseis annos antes teria podido desejar; medita no seio do seu asylo novos projectos de ambição, e de ruina, sahe subitamente da Ilha d'Elba, e senta-se de novo no throno da França. Mas inuteis esforços! Deos, que hum anno antes

(1) "Balthem regum dissolvit, et praecepit fune renes eorum.... Effundit despectionem super principes, eos, qui oppressi fuerunt, relevans., *Job. XII. v. 18.... 21.*

tinha obrado tantos prodigios para livrar o genero humano do flagello do seu oppressivo Governo, não permittio, que a França e a Europa ficassem muito tempo suspensas sobre o seu permanente destino. A nova potencia de Buonaparte he anniquilada, depois de hum reinado de tres mezes, depois de huma campanha de tres dias. He transportado á acabar os seus dias a mais de quatro mil leguas de nós, e reduzido assim a huma verdadeira impotencia de poder tornar a perturbar a Europa, aquella Europa, que tres annos antes era nimiamente limitada á sua ambição, e á sua insaciavel avidez de conquistas.

Mas não são menos sensiveis os prodigios que a mão do Altissimo obrou á nossa vista em apoio da Religião. Se os infinitos triunfos, que por dezoito inteiros seculos a Igreja tem ganhado sobre todos os seus inimigos, não tivessem ainda sufficiente força no espirito dos incrédulos para os reduzirem a reconhecerem o cumprimento das promessas de Jesu Christo sobre a estabilidade da mesma; as provas d'esta sua alta protecção, que de ha vinte annos a esta

parte se tem renovado á vista mesmo dos incrédulos , são tão multiplicadas , e tão resplandecentes , que devem para sempre confundir todas as duvidas , confirmar a fé dos Christãos , e unillos cada vez mais á sua Mãe a Santa Igreja Catholica Romana , a unica animada , e sempre dirigida pelo Espirito Santo.

Os Filósofos do seculo decimo oitavo não se lizonjeavão de ver realzado o seu projecto de fazer desapparecer o Christianismo da face da terra , em quanto existisse esta Igreja , que como Mestra e directora de todas , ha sempre vigiado que em nenhuma , ainda que remota região , o espirito do erro enxovalhasse as divinas instrucções. E como não davão credito algum ás palavras de Jesu Christo , com que a havia assegurado de que as portas do Inferno já-mais contra ella havião de prevalecer , persuadião-se que , privados os Papas dos seus dominios temporaes , havião de pouco a pouco infallivelmente vir a perder tambem o exercicio do seu poder espiritual. Daqui veio cingirem-se a invectivarem contra a soberania temporal da Santa Sé , a fim de poderem deste modo

chegar mais efficaçmente , e com maior presteza a arruinar o seu poder espirital. Mas não era tão facil como isso destruir huma posse de mais de dez seculos , consagrada pela veneração dos Povos e dos Principes ; e os seus insidiosos sofismas mascarados com hum falso zelo de Religião acabarião cahindo de todo no esquecimento , como exactamente aconteeo aos de Arnaldo de Brescia , o qual no duodecimo seculo tinha espalhado as suas primeiras sementes , se não sobreviera o terrivel acontecimento que derrubou a mais antiga e a mais bella Monarquia da Europa.

Os primeiros authores da Revolução de França , que não odiavão menos a Religião Catholica , do que aborrecião o Governo Monarquico, entrarão plenamente nas miras do Filosofismo á cerca do indicado projecto de arruinar e destruir a authoridade espirital dos Papas por meio do total anniquilamento da sua Soberania temporal. Assim , depois de terem com a Constituição Civil do Clero introduzido o scisma na Nação ; depois de terem assassinado huma multidão de Ministros do Sanctuario , e obrigado os outros todos a esconderem-se

ou a emigrarem; depois de terem fechado todas as Igrejas, e substituido nellas, em lugar da adoração do Deos vivo, o ridiculo culto da Deosa Razão, desthronizárão no principio de 1798 o Papa Pio VI, ao qual dois annos antes Buonaparte, como General das Tropas do Directorio, tinha tirado tres das suas mais bellas Provincias. A impiedade mascarada com a capa da Filosofia triunfava por assim ver preenchidos os seus votos, e exclamava em sua exultação pouco mais ou menos como outr'ora Frederico Barbarroxa (1): *Em*

(1) Frederico I. Imperador, denominado Barbarroxa, insultava o Summo Pontifice, pelos annos 1160 com os seguintes versos :
*Roma diu titubans, variisque erroribus acta
 Corruet, et mundi desinet esse caput.*

Roma ha muito vacillante,
 D'erros varios agitada,
 Deixará, no chão prostrada,
 De ser do Mundo a Imperante.

O Papa Alexandre III lhe respondeo com estoutro distico :

*Niteris incassum navem dissolvere Petri ;
 Fluctuat ; ast nunquam mergitur illa ratis.*
 Em vão tudo pões por obra
 Para de Pedro affundares
 A Barca ; ella sobre os mares
 Fluctúa, e jámais soçobra.

não havendo Papa , não ha Igreja. Mas similhante triunfo foi de assaz curta duração. A desthronização do Papa não tardou de ser seguida por novos acontecimentos , que visivelmente manifestarão os designios da Providencia , de que falla Bossuet em hum passo que nestes ultimos tempos tem sido tantas vezes referido pelos escritores (1).

(1) Como alguns dos leitores poderão não ter visto a passagem, assentei referil-la aqui por modo de nota: — “ Dieu vou-
 „ loit que l'Eglise Romaine, la mere com-
 „ mune de tous les royaumes, dans la suite
 „ ne fut dépendante d'aucun royaume dans
 „ le temporel, et que le siège où tous les
 „ fideles doivent garder l'unité, à la fin
 „ fut mis au dessus des partialités que les
 „ divers interêts et les jalousies d'état
 „ pourroient causer. . . . L'Eglise, *pro-*
 „ *segue o Prelado*, indépendante dans son
 „ Chef de toutes les puissances temporel-
 „ les, se voit en état d'exercer plus libre-
 „ ment pour le bien commun, et pour la
 „ commune protection des rois chrétiens
 „ cette puissance celeste de regir les âmes
 „ et tenant en main la balance droite, au
 „ milieu de tant d'empires, souvent enne-
 „ mis, elle entretient l'unité dans tout le
 „ corps, tantôt par d'inflexibles décrets,

A muita idade e as molestias de Pio Sexto , o seu desterro para paiz dis-

„ tantôt par des sages temperemens. , , *Bos-*
suet, Discours sur l'Unité de l'Eglise.

Esta judiciosa reflexão do douto Bispo de Meaux se acha ainda mais desenvolvida na Historia Ecclesiastica do Abbade Fleury. Este se empregou principalmente em destruir a objecção que contra a dita opinião daquelle Prelado se podia deduzir do estado da primitiva Igreja, em que os Papas certamente não eram Soberanos. — “ Tant
 „ que l'Empire Romain subsista , *diz*
 „ elle , il renfermoit dans sa vaste étendue
 „ presque toute la chrétienté ; mais depuis
 „ que l'Europe est divisée en plusieurs
 „ princes indépendans les uns des autres ,
 „ si le Pape eût été sujet de l'un d'eux ,
 „ il eût été à craindre que les autres n'eus-
 „ sent eu peine à le reconnoître pour père
 „ commun , et que les schismes n'eussent
 „ été fréquens. On peut donc croire que
 „ c'est par un effet particulier de la Pro-
 „ vidence que le Pape s'est trouvé indépen-
 „ dant et maitre d'un etat assez puissant
 „ pour n'être pas aisément opprimé par
 „ les autres souverains , afin qu'il fut
 „ libre dans l'exercice de sa puissance
 „ spirituelle , et qu'il put contenir plus
 „ facilement tous les autres évêques
 „ dans leur devoir. , , — *Fleury, Quatrième*
Discours sur l'Histoire Ecclesiastique,
 § X.

tante , fazião prever que a Sé Apostolica não tardaria muito que não ficasse privada do seu Chefe. Era de recear que os Cardeaes , dispersos , se não podessem reunir em Conclave para lhe darem hum Successor , e que não ficasse d'este modo a Igreja privada do Supremo Pastor por mais tempo do que exigião as necessidades do rebanho. Mas aquelle que tinha promettido estar com ella até a consummação dos Seeulos velava do alto dos Ceos na sua defensão.

Alguns Cardeaes , expulsos de Roma ao mesmo tempo que o veneravel Summo Pontifice , tinham-se retirado ao territorio Veneziano , unico paiz da Italia , em que a Religião gozava ainda de todos os seus direitos debaixo da protecção do Imperador Francisco. Em breve se lhes reunirão os Cardeaes que na mesma occasião se tinham retirado ás suas casas paternas na Lombardia , no Piemonte , e na Liguria. O fundado temor de hum rompimento entre a França e a Austria fez tomar este partido a todos os sobreditos Purpurados , pois que a renovação das hostilidades lhes teria impedido a jornada. Os outros Car-

deaes, que se tinham refugiado na Sicilia, tambem não tardarão em seguir o mesmo exemplo; de modo que, quando em 29 de Agosto de 1799 aconteceu em Valença do Delfinado a morte do virtuosissimo Pontifice, já se achavão todos os respeitaveis Membros do Sacro Collegio reunidos em Veneza.

O Conclave se abriu no principio de Dezembro. Pio Setimo foi eleito a 14 de Março do seguinte anno de 1800. E como as falanges do Directorio, derrotadas pelas armas Austro-Russas, tinham alguns mezes antes evacuado inteiramente a Italia, não encontrou o novo Pontifice difficuldade alguma em passar a Roma; assim, supposto que a Impiedade, como parecia não se poder duvidar, com o arrebatamento de Pio Sexto, e com a dispersão dos Cardeaes, se houvesse proposto dissolver o Governo da Igreja, e fazer cessar a successão dos Summos Pontifices, devia ficar bem confusa vendo os meios que a Providencia tinha sabido pôr em obra para dar com tanta promptidão e tão canonicamente hum successor ao Papa, o qual tinha perecido victima da per-

seguição, e para facilitar a Pio Setimo o caminho para a sua Séde, e Capital dos seus Estados.

Porém a Igreja, que, como diz Agostinho, he destinada a caminhar na Terra entre as consolações do Senhor e as perseguições do Mundo, não conserva por muito tempo os seus vestidos de gala. Excitou-se contra ella humá nova borrasca; e isto (o que jámais ninguém esperára) foi por parte d'aquelle mesmo homem, que pouco antes havia sido o proprio que procurára restabelecer em França o Culto Catholico; signal evidente de que em dar similhante passo não teve em vista mais que o seu particular interesse, e a politica. Napoleão depois de ter por dois annos inteiros fatigado incessantemente Pio VII com sollicitações, que tendião directamente a fazer arreigar aquella Nação no cahos da irrelição e do scisma, e que elle melhor que ninguem sabia que o Papa não podia de modo nenhum conceder, tirou finalmente a mascara de todo no principio de Junho de 1809. Foi o Papa duramente arrastado de desterro em desterro, e a cada instante ensopado em amargura. Apartarão do seu lado os seus

conselheiros natos, os quaes foram do mesmo modo injuriosamente perseguidos, assim como infinitos outros Ecclesiasticos.

Esta segunda perseguição consternou os Fieis muito mais do que fizera a que se excitára no tempo de Pio Sexto, pois que além de ser muito mais atroz, apresentava caracteres de duração que a outra não tinha. No principio de 1798 havia todas as apparencias de que a Republica Franceza não tardaria muito em se dissolver, ou pela força externa, ou pelo desgosto interior da Nação. Mas estas esperanças, segundo todos os calculos da Politica, não as havia em Junho de 1809. Nesta ultima época a duração da usurpação dos Estados da Igreja parecia ligada á de hum Imperio, cuja dominação na Europa parecia devêra ser sem limite. Declarando Roma a segunda Cidade da sua colossal dominação, investindo com o titulo de Rei de Roma o herdeiro presumptivo da sua Coroa, annunciava Napoleão abertamente que os Estados Romanos devião ser olhados como perdidos para sempre pelo seu antigo e legitimo Soberano. Mas he exactamente quando faltão os recur-

sões humanos que mais se manifesta e resplandece nos acontecimentos o dedo da dextra do Altissimo. A Providencia, que zomba de todos os calculos da Politica, fez com effeito que a colossal Potencia sob que gemião tantos Soberanos e tantos Povos, se destruísse e abysmasse com huma promptidão e com circumstancias, que visivelmente manifestão o milagre. E hum dos primeiros effeitos d'esta maravilhosa revolução, de que he difficil achar outro exemplo na Historia, foi justamente o regresso do Summo Pontifice á Capital dos seus Estados, e o seu livre restabelecimento na sua Séde.

Foi no mesmo Palacio de Fontainebleau, em que Napoleão tinha tido dezoito mezes prezo Pio VII, que elle recebeu o decreto do Senado que o declarava deposto do Throno; como que Deos, do theatro do seu insolente triumpho sobre o Chefe da Igreja, quizera fazer o da sua humilhação, e da sua queda.

Assenhoreando-se dos Estados da Igreja, tinha Napoleão assignado a Pio VII a congrua de dois milhões de francos (oitocentos mil cruzados), os quaes elle constantemente recusou, e

de que nunca quiz receber a minima porção. Foi á mesma assignação de dois milhões de francos que o ávido Usurpador, que tirava cada anno hum milhar de milhões aos povos subjugados, se vio reduzido por huma convenção, na qual se presenciou negociar elle mesmo minuciosamente a faculdade de levar comsigo para a Ilha d'Elba os mais dos effeitos que podia.

O regresso do Summo Pontifice á Capital dos seus Estados, combinou-se com a época da viagem de Buonaparte para o seu novo Imperiozinho. Acodem de toda a parte os povos ao encontro do primeiro para lhe tributarem os expressivos testemunhos da sua profunda veneração, como outr'ora se tinham visto apressurarem-se a seguirem os passos dos Athanasios, dos Chrisostomos, e de tantos outros confessores chamados ao seio dos seus rebanhos. A sua marcha he a cada instante suspensa pelo zelo dos fieis que entre si disputão a honra de puxar a sua carroagem para o conduzirem como em triumpho. Correm igualmente as povoações ao encontro de Buonaparte; mas só para o encherem de improperios; as mãis lhe pedem

os filhos arrancados de seu seio para serem sacrificados á sua ambição; os pais lhe mostram os seus campos talhados pelas tropas inimigas, cuja vingança o seu extravagante delirio tinha justamente provocado; os manebos, que formavão a esperança e o esteio de suas familias, lhe exproba-vão o ser elle a causa de se verem mutilados; segue-o por toda a parte a execração publica; crescem a cada passo os perigos na sua jornada; não se pode esquivar ao furor popular senão disfarçado, e artificiosamente confundido entre os da sua escolta, e com hum precipitada fugida, que mil lanços de vileza da sua parte fizerão ainda mais vergonhosa.

A diversa sorte que o dia 30 de Março de 1814 fez provar a Pio VII, e ao seu Oppressor, as differentes circumstancias, que acompanhárão a viagem do primeiro, e a do segundo, attestão por tanto de hum modo sensivel, que existe hum Deos remunerador, e vingador, hum Provi-dencia, que dispõe de todos os acontecimentos pelo triunfo da virtude perseguida, e pela punição do vicio feliz, e finalmente, que a Religião, que o primeiro honrou com a sua he-

poica paciência, e que o outro tanto ultrajou, he verdadeira, e he divina. E haverá ainda pessoas tão insensatas, ou, para melhor dizer, tão cegas, que persistão ainda em se conservarem nas trevas do Atheismo ou da Incredulidade?

Hum grande Rei do seculo passado, que se divertia em se cartear com os Filozofos, mas dos quaes plenamente conhecia todos os defeitos, e que sempre se guardou de adoptar os principios d'elles no governo dos seus povos, a que tanto se dedicava, e pelo que, não menos que pela sua grande pericia na sciencia das armas, vivirá eternamente na memoria dos vindouros, Frederico II., escrevia em 1767 ao Corifêo Francez dos Impios: *Os Filozofos minão abertamente os alicerces do Throno Pontificio. Tudo está perdido; he preciso hum milagre para salvar a Igreja. E vós tereis a consolação de a enterrardes, e de lhe fazerdes o epitafio* (1). Eia pois! (replica judiciosamente hum sabio Bispo Francez depois de ter refe-

(1) *Correspondence du Roi de Prusse, Frédéric II, lettre 134.*

rido a mencionada passagem da carta do Rei,) „ Eia pois ! O Chefe dos „ Incredulos he morto ; o Rei Filosofo he morto ; e a Igreja tem sobrevivido a ambos elles ; os milagres que o dito Principe julgava „ necessarios para salvar hum e a outra , sem os esperar , nem crer „ nelles , effectivamente se operarão „ em menos de quinze annos , confirmando-se deste modo cada vez mais „ as promessas de Jesu Christo sobre „ a perpetuidade da Igreja. *Portæ „ inferi non prævalebunt adversus eam* „ (1). „

Ah ! não sejamos insensíveis a estes novos prodigios de misericordia , que em tão breve espaço de tempo se obrarão duas vezes diante de nossos olhos em apoio da Religião , e da Igreja , para nos não vermos no caso de experimentarmos os prodigios da

(1) *Mandement de Monseigneur Pisani de la Gaude, Evêque de Namur, au Clergé et aux fideles de son diocese pour ordonner une messe solennelle suivie d'un Te Deum en action de graces de la délivrance de nôtre Saint Père Pie VII, et de son retour triomphant à Rome.*

da sua justiça irritada. Cada Seculo
tem tido seu caracter distinctivo, tan-
to nos vicios, como nas virtudes. A
Incredulidade foi o vicio do Seculo
decimo oitavo; façamos que a virtu-
de opposta seja o caracter particular
do Seculo decimo nono.

F I M.

INDICE

Do que contém este Volume.

	Pag.
P Refação do Traductor. - - - - -	3.
Introducção. - - - - -	7.
CAP. I. De huma preocupação que tem contribuido muito para accreditar as maximas erroneas e perniciosas do moderno Filo- sofismo. Os fautores das idéas liberaes , a fim de espalharem com maior segurança os mesmos erros , procurão insinuar nova- mente a mesma preocupação.	19.
CAP. II. Do Governo Constitu- cional , ou da Representação Nacionnl. - - - - -	37.
ART. I. He falso que este gene- ro de Governo seja a mais an- tiga especie de Monarquia que se vio no Mundo. - - - - -	ibid.
ART. II. A introducção do Go- verno Constitucional em França	

- no reinado de Luiz XVI produzio a dissolução da Monarquia. - - - - - 54.
- ART. III. Tendo-se introduzido o Governo Constitucional em França no anno de 1804, não fez mais que aggravar e fazer mais intoleravel o despotismo do novo Monarca. - - - - - 70.
- ART. IV. Do Governo Constitucional considerado debaixo de hum Principe virtuoso, mas firme, e que sabe governar por si mesmo. - - - - - 78.
- ART. V. Diferença importante, que se deve fazer relativamente ao Governo Constitucional. - 83.
- CAP. III. Dos pretensos delictos de opinião. - - - - - 95.
- CAP. VI. Da Tolerancia. - - 107.
- ART. I. O systema da Tolerancia, tão gabado dos pretendidos Filozofos do Seculo decimo oitavo, e que agora se reproduz e se põe no numero das Idéas liberaes, não he mais que huma culpavel indifferença em materia de Religião. - - ibid.
- ART. II. A indifferença em materia de Religião conduz necessariamente ao Atheismo. Fatal

- influencia, que hum tal systema tem por sua natureza na Sociedade. - - - - - 118.*
- ART. III. A Revolução de França de 1789 deve-se manifestamente attribuir á Irreligião - 136.*
- ART. IV. A nova revolução succedida em França em Março de 1815, deve tambem visivelmente attribuir-se á Irreligião. - 146.*
- ART. V. A grande multiplicação dos suicidios, que depois do meudo do Seculo passado começou a haver em França, deve tambem ser considerada como huma funesta consequencia da Irreligião. - - - - - 154.*
- ART. VI. Corollario de quanto se tem exposto no presente Capitulo. Importancia de unir a Educação moral e religiosa á Educação civil e litteraria. - 159.*
- CAP. V. Do Divorcio. - - - - - 188.*
- ART. I. Voltaire, asseverando que o Evangelho permite o divorcio em caso de adulterio, não fez mais que copiar os Heresiarchas do decimo sexto Seculo. - ibid.*
- ART. II. He falso que o Divorcio haja sido sempre authorisado na Polonia, - - - - - 205.*

- ART. III. *Das Leis de França de 1792 , e 1803 a favor do Divorcio.* - - - - - 210.
- ART. IV. *Opposição do Divorcio ao bem da Sociedade.* - - - 213.
- CAP. VI. *Da Liberdade da Imprensa.* - - - - - 220.
- ART. I. *Os Filósofos modernos tem artificialmente confundido a liberdade da Imprensa com a liberdade de pensar , e também d'esta nos tem dado huma noção totalmente falsa.* - - - - *ibid.*
- ART. II. *Extravagante opinião do Author do Systema da Natureza , de que nenhum livro possa ser pernicioso.* - - - - 235.
- ART. III. *Predicção de Leibnitz sobre huma revolução , que as doutrinas irreligiosas , que no seu tempo começavão a diffundir-se , havião de produzir geralmente em toda a Europa.* - 241.
- ART. IV. *De algumas predicções litterarias mais recentes sobre a Revolução Franceza.* - 246.
- ART. V. *De huma falsa razão de utilidade, que tem contribuido muito para acreditar o systema da liberdade da Imprensa.* - - - - - 251.

ART. VI. <i>Fraudes que se podem</i>	
<i>usar , e que com effeito se tem</i>	
<i>praticado para eludir os sauda-</i>	
<i>veis effeitos da censura dos li-</i>	
<i>vros - - - - -</i>	255.
<i>Conclusão. - - - - -</i>	269.

E R R A T A S.

<i>Pag.</i>	<i>Lin.</i>	<i>Erros</i>	<i>Emendas.</i>
20	26	demorar-nos	demorarmo-nos
37	8	do	de
81	8	preceber	perceber
122	5	tambem os	tambem contra os
135	11-12	depois do Seculo	desde o Seculo
137	2	contribuido	contribuio
140	23	com Ecclesi-	com os Ecclesi-
		asticos	asticos
200	5	S. Paulo	de S. Paulo
202	12	<i>separatione</i>	<i>separationem</i>

Art. VI. - Fructos que se podan
usar, e que com effeito se tem
aplicado para eludir os annos
nos effeitos da commenda dos de
vros - - - - -
Concedido - - - - -

ERRATA

Pag.	Lib.	Erro
20	26	demorações
27	26	do
81	8	preceito
122	5	tambem os
135	11-12	depois do Seculo desde o Seculo
137	2	contido
140	23	com Fiches
200	5	Paulo
202	12	separação